

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
CURSO DE GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIOAMBIENTAIS

Ana Luiza de Paula Santos

**ÁREAS VERDES E COMUNIDADE DO ENTORNO:
UM ESTUDO DE PERCEPÇÃO AMBIENTAL DO MUSEU DE
HISTÓRIA NATURAL E JARDIM BOTÂNICO DA UFMG**

Belo Horizonte
2017

Ana Luiza de Paula Santos

**ÁREAS VERDES E COMUNIDADE DO ENTORNO:
UM ESTUDO DE PERCEPÇÃO AMBIENTAL DO MUSEU DE
HISTÓRIA NATURAL E JARDIM BOTÂNICO DA UFMG**

Monografia apresentada a Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, como exigência parcial para obtenção do título de Bacharel em Ciências Socioambientais.

Orientador: Prof. Dr. Bernardo Machado Gontijo

Belo Horizonte
2017

Ana Luiza de Paula Santos

**ÁREAS VERDES E COMUNIDADE DO ENTORNO:
UM ESTUDO DE PERCEPÇÃO AMBIENTAL DO MUSEU DE
HISTÓRIA NATURAL E JARDIM BOTÂNICO DA UFMG**

Monografia apresentada a Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, como exigência parcial para obtenção do título de Bacharel em Ciências Socioambientais.

Orientador: Prof. Dr. Bernardo Machado Gontijo

(Bernardo Machado Gontijo) – Universidade Federal de Minas Gerais

Belo Horizonte. 04 de dezembro de 2017

RESUMO

O Museu de História Natural e Jardim Botânico da UFMG (MHNJB/UFMG), situado na Regional Leste de Belo Horizonte, tem como principais atividades a visitação do público (escolar, espontâneo, entre outros), o ensino, e atividades voltadas para a pesquisa e extensão em geral. Apesar de ter um importante papel para a academia e para o público que frequenta o espaço, o relacionamento entre o Museu e a comunidade situada em seu entorno aparentemente não é muito favorável. Para comprovar essa hipótese, foi realizado na Área de Influência (AI) um Estudo de Percepção Ambiental (estudo obrigatório de um EIV – Estudo de Impacto de Vizinhança). Seu objetivo está vinculado com a compreensão do relacionamento entre o Museu e a comunidade através de uma metodologia qualitativa e quantitativa com os moradores do entorno e as organizações sociais presentes na área de estudo. Os entrevistados foram separados em grupos de acordo com as necessidades de adaptação dos resultados finais – Residências do Sagrada Família, Residências do Santa Inês, Estabelecimentos, Usuários e Organizações Sociais. Após o estudo de percepção foram identificados problemas como falta de divulgação das atividades que acontecem no Museu, falta de atrativos para despertar o interesse dos moradores em participar ativamente do Museu, falta de comunicação entre os agentes envolvidos, além de outros resultados que contribuem para que certos problemas continuem persistentes. É importante que sejam construídos projetos com a população do estudo, quando a situação política estiver mais propícia a mudanças, criando um elo afetivo entre essas pessoas e o Museu, favorecendo a conservação do espaço.

Palavras-chave: Estudo de Percepção Ambiental, Museu de História Natural e Jardim Botânico da UFMG, comunidade do entorno, conservação da biodiversidade.

LISTA DE SIGLAS

AI – Área de Influência

EIV – Estudo de Impacto de Vizinhança

ESTB – Estabelecimentos

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

L1 - Unidade de Planejamento da Regional Leste

L2 – Unidade de Planejamento da Regional Leste

MHNJB – Museu de História Natural e Jardim Botânico da UFMG

OS – Organizações Sociais

PBH – Prefeitura Municipal de Belo Horizonte

PEAP – Programa de Educação Ambiental e Patrimonial do MHNJB

RSF – Residências do bairro Sagrada Família

RSI – Residências do bairro Santa Inês

UP – Unidade de Planejamento

UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais

USU – Usuários

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Área de Influência.....	12
Figura 2: Localização da Comunidade Vila Vilma	13
Figura 3: Presépio do Pipiripau	32
Figura 4: Localização do Museu de História Natural e Jardim Botânico da UFMG	33
Figura 5: Exemplos da Fauna e da Flora do MHNJB.....	34
Figura 6: Comunidade Vila Vilma e a proximidade com o muro do MHNJB.....	78
Figura 7: Principais problemas enfrentados pelo MHNJB.....	81

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1 ASPECTOS METODOLÓGICOS	12
1.1 Pesquisa Quantitativa.....	15
1.2 Pesquisa Qualitativa.....	15
2 ESTUDO DE PERCEPÇÃO AMBIENTAL – ASPECTOS TEÓRICOS	17
2.1 EIV – Estudo de Impacto de Vizinhança	17
2.2 Compreendendo o estudo de percepção ambiental	18
2.3 Exemplos de estudos de percepção em áreas verdes	21
3 CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO	25
3.1 Contextualização da Área de Influência	25
3.2 Contextualização Do Museu	29
4 ESTUDO DE PERCEPÇÃO AMBIENTAL - RESULTADOS.....	37
4.1 Perfil Socioeconômico dos entrevistados	37
4.2 Percepções sobre a vizinhança.....	46
4.3 Percepção sobre o Museu de História Natural e Jardim Botânico da UFMG.....	55
4.4 Organizações Sociais e Instituições presentes na região	67
5 DISCUSSÕES E RESULTADOS DO ESTUDO DE PERCEPÇÃO	70
5.1 Entrevista qualitativa com a Administração do Museu	70
5.2 Análise geral dos resultados.....	78
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	83
BIBLIOGRAFIA	86
Apêndice I	88
Apêndice II.....	90
Apêndice III	100
Apêndice IV.....	104

INTRODUÇÃO

O Museu de História Natural e Jardim Botânico da UFMG, localizado na regional Leste de Belo Horizonte e situado na Unidade de Planejamento (UP) L2¹, desde a década de 60, é um importante espaço cultural e ambiental para a região, em especial para os Bairros Sagrada Família, Santa Inês e Horto Florestal.

A escolha do Museu como objeto de estudo se deve a diversos fatores, mas o principal está ligado à proximidade com o mesmo. A ideia de visitar e desfrutar do espaço do Museu de História Natural e Jardim Botânico da UFMG (MHNJB/UFMG) nunca foi um problema. Além de residir nas proximidades, e ter o prazer de vivenciar e conhecer bem aquele espaço, tive a grande oportunidade de atuar como Bolsista de Extensão do Programa de Educação Ambiental e Patrimonial (PEAP) do MHNJB - de setembro de 2013 a maio 2015.

Foram quase dois anos que marcaram minha formação acadêmica, por ser um espaço interdisciplinar e riquíssimo em conhecimento, e minha formação pessoal (por aprender a lidar com várias situações, vários tipos de públicos, além de ter influenciado no prazer pelo atendimento ao público). Por ter sido o primeiro local onde realmente atuei na minha área acredito que o Museu seja parte essencial da minha formação.

O trabalho desenvolvido no local possui grande relevância, no que diz respeito à conscientização e a conservação ambiental (principalmente por ser uma área verde que está situada dentro de um contexto urbano). Porém, existem alguns aspectos que precisam ser melhorados para que a área continue preservada, e um deles está diretamente relacionado com o envolvimento da comunidade do entorno com o espaço (principalmente da Comunidade Vila Edgar Werneck, mais popularmente conhecida como Vila Vilma – situada no muro próximo a Rua Gustavo da Silveira). Essa preocupação existe, pois apesar de receber escolas de diversas regiões, inclusive fora de Belo Horizonte, e possuir um papel fundamental na formação dos estudantes e pesquisadores da UFMG, o espaço tem um déficit em relação a sua atuação local na região.

¹ Unidades de Planejamento. Em: < <http://gestaocompartilhada.pbh.gov.br/estrutura-territorial/unidades-de-planejamento> >. Acesso em: 16 de novembro de 2017.

Por esta razão, a intenção inicial deste estudo seria a elaboração e produção de um guia para os monitores do Museu, produzido durante as atividades realizadas juntamente com a comunidade do entorno, com a finalidade de estreitar o relacionamento entre os dois agentes envolvidos e potencializar a conservação da biodiversidade do espaço. Porém, devido ao curto período para elaboração deste trabalho, foi delimitado que fizesse apenas a parte inicial dessa aproximação com a comunidade do entorno, trabalhando com a ideia de Percepção Ambiental (deixando a reformulação do Programa de Educação Ambiental para futuras pesquisas), apontando as principais questões entre os dois agentes no contexto apresentado.

A percepção ambiental é a precursora do sistema que estimula a conscientização do sujeito em analogia às realidades ambientais contempladas (MACEDO, 2000), se encaixa de maneira satisfatória na ideia de percepção adotada por este trabalho.

A ideia de realizar o estudo surgiu de uma metodologia utilizada para estudos de impactos urbanísticos. A Prefeitura de Belo Horizonte (PBH) utiliza essa metodologia para realizar o EIV² (Estudo de Impacto de Vizinhança), que consiste em uma das etapas do licenciamento urbanístico, sendo um dos requisitos o Estudo de Percepção Ambiental, e que consiste em:

Conhecimento de impactos que empreendimentos geram ao seu entorno, em decorrência de seu porte ou das atividades nele exercidas. A partir deste conhecimento, são traçadas diretrizes que visam mitigar os impactos, de modo a proporcionar melhores condições de habitabilidade, conforto e segurança à vizinhança. (PBH, Lei 7.165/96)

Além de fazer parte deste estudo, a percepção ambiental auxilia principalmente na compreensão da dinâmica espacial de um local. Permite verificar os principais problemas dentro de um bairro, as principais potencialidades, caracterizando a região, além de auxiliar na definição de medidas mitigadoras para diminuir os possíveis impactos negativos decorrentes de um novo empreendimento.

Existem alguns estudos similares ao estudo de percepção que utilizam essa metodologia para aproximar comunidades de entorno com áreas verdes situadas próximas a essas comunidades. O trabalho realizado na Floresta Nacional de Canelas (FLONA/Canelas), no Rio Grande do Sul, e o estudo desenvolvido no Parque Estadual Fontes do Ipiranga (PEFI) são bons

²Disponível

em:<http://portalpbh.pbh.gov.br/pbh/ecp/comunidade.do?evento=portlet&pIdPlc=ecpTaxonomiaMenuPortal&ap=planejamentourbano&lang=pt_br&pg=8843&tax=39586>. Acesso em: 20, Nov., 2017.

exemplos de como um relacionamento mais estreito com a comunidade pode ser benéfico para a conservação de uma área verde.

Nesse sentido, a hipótese do presente estudo está vinculada com o tipo de relacionamento do Museu com a comunidade do entorno, principalmente por não existirem atividades atrativas ou direcionadas para esse público, dificultando a conservação da biodiversidade. No que diz respeito aos objetivos seriam a compreensão do relacionamento entre o Museu e seu entorno, ou a falta desse relacionamento, e a discussão dos impactos decorrentes dessa interação (utilizando o Estudo de Percepção para identificar a dinâmica da região e evidenciando os principais problemas, do ponto de vista do entrevistado, em relação à presença do Museu na área de influência).

Durante os aspectos teóricos será apresentado autores que contribuem com essa percepção de que deve ocorrer uma interatividade entre a área verde e comunidade (para que a área a ser preservada seja favorecida por este relacionamento), sendo ressaltada a importância do estudo de percepção ambiental para despertar essa afeição, e uma consciência ambiental, com relação a área que se pretende analisar. Além de apresentar dois exemplos de estudo que demonstram a eficiência e a importância de um Estudo de Percepção Ambiental para realizar um projeto ou programa de Educação Ambiental com comunidades próximas a áreas verdes.

Para que a pesquisa fosse adequada a realidade do estudo, foi feita uma divisão utilizando dois tipos de metodologias: a parte quantitativa, com a caracterização dos entrevistados da Área de Influência (AI) e os pontos importantes relacionados ao Museu, e a parte qualitativa, onde foram gravadas entrevistas mais elaboradas para compreender o relacionamento do Museu com os equipamentos do entorno.

O trabalho foi dividido em seis capítulos. A primeira parte consiste em uma breve descrição das metodologias utilizadas durante a elaboração da pesquisa. O segundo capítulo abordará o referencial teórico, em relação ao contexto em que o estudo de percepção é aplicado, além de expor dois exemplos desse tipo de metodologia em áreas verdes.

O terceiro item refere-se à uma contextualização da Área de Influência sendo dividido em duas partes para melhor compreensão: a primeira será uma contextualização do Museu, onde serão levantados a historicidade do espaço, seus aspectos gerais, e uma breve revisão bibliográfica para identificar o perfil dos visitantes do espaço (apresentando o trabalho de um dos coordenadores do projeto de extensão); e a segunda será uma contextualização em relação a

área do estudo e sua vizinhança (além de aspectos demográficos da Regional Leste e suas duas UPs que fazem limite com o Museu, será apresentado um pouco da história da região com alguns fatos que servem de base para entender o perfil socioeconômico dessas pessoas).

Em relação ao quarto capítulo, os tópicos foram divididos em: perfil socioeconômico dos entrevistados, percepções sobre a vizinhança, as percepções sobre o MHNJB, as especificidades das organizações sociais e da administração do museu, e as considerações gerais do estudo (análise e discussão dos principais resultados).

O último, considerações finais, será um panorama geral do que foi feito, os principais resultados encontrados, e as medidas que seriam interessantes para que o Museu integrasse a comunidade do entorno.

A ideia inicial de trabalhar com a comunidade, principalmente da Vila Vilma, foi um dos principais motivadores nesta pesquisa. Mas o fato de conhecer e conversar com cada um deles, apesar de não ter desenvolvido um trabalho de educação ambiental, foi uma experiência única, e espero que deste trabalho surjam projetos com a finalidade de integrar a comunidade ao Museu.

Trabalhar como bolsista de extensão foi bastante prazeroso. A ideia de que *“a gente sai do Museu, mas o Museu não sai da gente”* (famosa expressão utilizada pelos bolsistas) resume de uma forma geral a sensação que tenho desse lugar: um sentimento de pertencimento.

delimitados pela PBH (o recorte no EIV é feito da seguinte forma: quatro grupos distintos, sendo eles as residências, os estabelecimentos, usuários e as organizações sociais).

Porém, neste estudo, a metodologia baseia-se na percepção dos moradores limítrofes ao Museu, e que de alguma forma era esperado que conhecessem sobre o surgimento ou a existência de um Museu de História Natural na região.

Outro fator que é divergente quanto ao estilo de metodologia implementado no EIV refere-se a forma como foi feita a divisão de grupos a serem entrevistados. Dentro do grupo de residências foi feita uma divisão em dois grupos: Residências do bairro Sagrada Família (RSF) e Residências do bairro Santa Inês (RSI). Essa divisão foi feita principalmente devido às características socioeconômicas distintas entre os dois grupos e também devido a proximidade com a portaria de entrada do Museu, que os moradores do Bairro Santa Inês são mais favorecidos.

Dentro do grupo das RSI foi levantado um objeto de estudo bastante marcante para a pesquisa. Existe uma comunidade, Vila Vilma, que se situa ao lado direito do Museu, conforme apresentado no Figura 2, e que foi bastante citada durante as entrevistas com o Museu (fato que será melhor detalhado nas discussões e resultados da pesquisa de percepção).

Figura 2: Localização da Comunidade Vila Vilma



Fonte: Google Earth, 2017.

O restante dos grupos foi dividido em estabelecimentos (sendo analisados todos os estabelecimentos comerciais ou de serviços que aceitaram participar do estudo), usuários (pessoas que trabalham no Museu e que conhecem o cotidiano do mesmo), e organizações sociais (instituições atuantes na região do estudo, que poderiam contribuir na pesquisa qualitativa).

O grupo denominado “Administração do Museu” foi criado após o levantamento dos dados e a finalização das pesquisas com os grupos citados acima, com o intuito de questionar representantes do Museu quanto a alguns fatos que foram mais frequentemente citados de acordo com a análise apresentada no capítulo quatro.

O questionário utilizado para aplicar o Estudo de Percepção foi similar entre os grupos de residências, estabelecimentos, usuários e organizações sociais. Somente o grupo que envolveu a administração do Museu que teve um questionário diferenciado contendo perguntas relacionadas as principais considerações levantadas pela pesquisa quantitativa do estudo.

A tabela a seguir (Tabela 1) mostra o saldo de entrevistas realizadas ao final da pesquisa, e o tipo de questionário utilizado para cada um dos grupos entrevistados.

Tabela 1: Distribuição das entrevistas

Recortes da Pesquisa	Nº Entrevistas	Tipo de Questionário
Residências Sagrada Família	23	Quantitativo
Residências Santa Inês	31	Quantitativo
Estabelecimentos	5	Quantitativo
Usuários	10	Quantitativo
Organização Social	9	Qualitativo
Administração do Museu	4	Qualitativo
Total	82	Qualitativas/Quantitativas

Fonte: Dados da pesquisa.

Ao todo foram realizadas 82 entrevistas, e a distribuição espacial das mesmas pode ser observado no Apêndice I, no mapa de localização das entrevistas. A cobertura foi bastante satisfatória principalmente pela realização da pesquisa em dias mais favoráveis. No que diz respeito a utilização dos dados coletados para pesquisa, todos os entrevistados assinaram uma lista onde autorizaram o uso dos dados para fins acadêmicos, sendo bastante positivo para o estudo aqui presente.

Em relação ao conteúdo dos questionários e as metodologias específicas utilizadas para cada grupo de entrevistados, qualitativa e quantitativa, será apresentado a seguir as devidas considerações e adequações de acordo com cada metodologia de pesquisa.

1.1 Pesquisa Quantitativa

Esse tipo de metodologia está associado ao uso dos dados quantitativos da percepção, para que seja feita uma análise de resultados, baseados na frequência das variáveis após a codificação dos dados. Para tal, foram elaborados quatro tipos de questionários, como pode ser observado no Apêndice II (residências, estabelecimentos e usuários) e Apêndice III (organizações sociais), de acordo com os grupos especificados aqui na pesquisa, sempre distinguindo os grupos para apresentação dos dados analisados.

Ao todo foram realizadas 78 entrevistas quantitativas, sendo que as residências e estabelecimentos foram feitos nos dias 26/10/2017, 02/11/2017 e 04/11/2017 (dias escolhidos devido a probabilidade de encontrar um maior número de pessoas em casa), e as demais, de usuários e organizações, entre os dias 04/11/2017 e 17/11/2017.

As perguntas iniciais de cada questionário referem-se as características mais específicas de cada grupo, como por exemplo, número de moradores no domicílio, o tempo de vínculo com a região, número de empregados no estabelecimento, e entre outras questões. O restante das perguntas, questão sete a 25, são idênticas para todos os grupos, e se baseiam em: questões para caracterizar a vizinhança da Área de Influência (AI), questão 07 a 12, e as questões sobre a percepção em relação ao Museu, questões 13 a 25.

Para análise dos dados foram utilizadas as ferramentas do Excel, para a codificação dos dados; e a análise dos dados já codificados foi feita através do software estatístico IBM® SPSS®. Os resultados dessa análise foram expostos no capítulo quatro a partir do tópico do Perfil dos Entrevistados.

1.2 Pesquisa Qualitativa

Em relação a abordagem qualitativa, inicialmente, seria feita somente a gravação das entrevistas quantitativas das Organizações Sociais (nove instituições), por serem representantes de instituições importantes em relação a sua atuação local e por fazerem limite com o Museu. A finalidade dessa abordagem seria a ilustração dos principais resultados que

seriam encontrados no Estudo de Percepção (ou seja, o questionário é o mesmo em relação a metodologia quantitativa, porém com o diferencial que seriam feitas gravações das entrevistas e suas respectivas transcrições).

As entrevistas qualitativas foram feitas entre os dias 04/11/2017 e 17/11/2017, sob agendamento prévio e de acordo com a disponibilidade das instituições. Todas as nove entrevistas foram gravadas e autorizadas para uso por cada um dos representantes entrevistados na pesquisa, e foram utilizadas durante o capítulo quatro para reafirmar algum resultado que foi mais frequente dentro do estudo de percepção. É interessante citar que ao todo existem 12 instituições na AI, porém apenas três não tiveram disponibilidade para responder o questionário.

Entretanto, com os resultados da primeira metodologia, ficou claro que seria interessante criar um novo questionário, como pode ser observado no Apêndice IV, porém direcionando as questões mais polêmicas ou ainda não respondidas, para a administração do Museu, principalmente por ser um setor que foi consideravelmente citado durante as entrevistas quantitativas.

Essas entrevistas foram feitas com dois coordenadores do CENEX (Centro de Extensão do MHNJB), com a Vice-Diretora, e com o Engenheiro Florestal, responsável pelo manejo das áreas verdes do Museu. Apenas o Diretor do Museu e uma das pessoas responsáveis pela mediação entre o MHNJB e a comunidade do entorno não foram envolvidos na pesquisa por falta de disponibilidade de horários e o curto espaço para finalização das entrevistas.

As questões voltadas para a administração envolveram aspectos como: um panorama geral de como funciona o Museu, surgimento, atividades desenvolvidas, número de funcionários, etc., caracterização do bairro, com algumas perguntas similares ao outro questionário (foram utilizadas as perguntas referentes ao espaço de uso coletivo na região, transformações no bairro nos últimos anos, e a questão relacionada a algum tipo de ponto de referência na vizinhança). As demais perguntas referem-se à percepção sobre o Museu, os possíveis conflitos relacionados com a vizinhança, além de perguntas mais específicas sobre esse relacionamento com a comunidade do entorno. Em geral todos os questionários elaborados atenderam as expectativas do estudo.

A seguir serão expostos os aspectos teóricos desse tipo de estudo que são essenciais para a compreensão do que será utilizado como referência para a elaboração do questionário.

2 ESTUDO DE PERCEPÇÃO AMBIENTAL – ASPECTOS TEÓRICOS

“Afiml, para que possam ser delimitadas soluções duradouras para minimizar os problemas ambientais, é preciso, antes de tudo, conhecer a nós mesmos” (COSTA; COLESANTI, 2011, p. 243).

Para compreender um pouco melhor sobre a ideia de um Estudo de Percepção Ambiental será analisado de onde surgiu o interesse em realizar o referido estudo – explicando brevemente o que seria um EIV– Estudo de Impacto de Vizinhança, e quais seriam suas principais finalidades. A maior parte das informações são provenientes do site da Prefeitura de Belo Horizonte (PBH), e de um dos estudiosos que problematiza esse estudo, apontando um pouco sobre os aspectos históricos, finalidades, e a importância em realizar esse tipo de estudo no que diz respeito a participação social no processo de licenciamento.

Além dos aspectos teóricos do EIV serão definidos os conceitos de Percepção Ambiental, e a metodologia que geralmente é utilizada para a elaboração do mesmo.

2.1 EIV – Estudo de Impacto de Vizinhança

A realização de um Estudo de Percepção Ambiental está intrinsecamente relacionada com os possíveis impactos, positivos e ou negativos, gerados pela implantação de um novo empreendimento em uma área urbana. O estudo faz parte do EIV (Estudo de Impacto de Vizinhança - instituído pelo Estatuto das Cidades pela Lei 10.257/01³, através do Plano Diretor de Belo Horizonte - Lei 7.165/96⁴), que visa identificar os possíveis problemas e potencialidades que são gerados pela presença de um novo equipamento em uma região (sendo parte essencial em um processo de licenciamento), auxiliando no planejamento e na gestão urbana da cidade.

De um modo geral o estudo apresenta: as características gerais do empreendimento, aspectos relacionados a saneamento, infraestrutura, e entre outros aspectos que caracterizam a região onde será inserido, e os possíveis impactos provenientes de um novo equipamento na vizinhança.

³ Em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/leis_2001/110257.htm>.

⁴ Em: < <https://www.cmbh.mg.gov.br/atividade-legislativa/pesquisar-legislacao/lei/7165/1996>>.

Segundo uma tese de dissertação (CHAMIE, 2008), sobre o contexto histórico do EIV (que aborda de maneira coesa e sucinta as definições propostas pelo mesmo, e seus diversos contextos), o estudo é feito de uma forma que as pessoas que sofrerão o impacto tenham um poder de participação no processo de licenciamento de um empreendimento urbano, fazendo com que o ente estatal tome medidas preventivas através da percepção dos mesmos.

No trecho a seguir a autora explica um pouco sobre essa ideia de participação e da importância desse tipo de Estudo para o planejamento urbano:

O Estudo de Impacto de Vizinhança vem fortalecer a cidadania, ampliando a concepção de vizinhança dos meros limites lineares para uma vizinhança pública e coletiva, concebida e fundamentada no exercício da responsabilidade cidadã pelos espaços de moradia e convivência. É mais um dos instrumentos trazidos pelo Estatuto da Cidade que permitem a tomada de medidas preventivas pelo ente estatal a fim de evitar o desequilíbrio no crescimento urbano e garantir condições mínimas de ocupação dos espaços habitáveis, além de garantir a ampliação do conceito privado do direito de vizinhança (ROCCO, apud CHAMIÉ, 2010).

Após a conclusão do estudo são elaboradas ações com a finalidade de mitigar e ou reduzir os impactos gerados pelas atividades do empreendimento (condicionantes), proporcionando um bom relacionamento entre a vizinhança⁵ e o equipamento que está no processo de licenciamento.

2.2 Compreendendo o estudo de percepção ambiental

O estudo de percepção é bastante subjetivo (PAULA, 2008). Os primeiros trabalhos desenvolvidos com essa metodologia tiveram início na década de 70, com pesquisadores da Percepção e do Comportamento Espaciais vinculados à geografia, e tinha como objetivos a apresentação da cidade de uma maneira não formal e não objetiva. Portanto, a pesquisa em si busca a percepção de cada indivíduo potencialmente afetado de acordo com aquilo que se pretende estudar. Procura a:

“Construção de um cenário que envolve a digestão logicamente consistente de muito material empírico e exigindo a consideração simultânea de diversas escalas espaciais e temporais de análise”. (SOUZA, 1999, p.178)

Portanto não existe um questionário pronto de como deve ser feito o estudo de percepção. Ele é elaborado de acordo com as necessidades de um local, com as configurações sociais,

⁵ É um termo que varia de acordo com o empreendimento que se pretende licenciar (CHAMIÉ, 2010).

reestruturado de acordo com as características inerentes de uma determinada comunidade, sendo necessário uma “*seleção de indicadores de acordo com o foco da pesquisa*” (PAULA, 2008).

Para autores como Fiori (2002), e Bezerra et al, (2007), a ideia de percepção está vinculada com aspectos mais elaborados. Envolve além de aspectos cognitivos, como a visão e a audição, aspectos relacionados a compreensão das pessoas quanto ao quesito meio ambiente (desenvolvendo ideias e conceitos sobre os mesmos), levando-os a pensar e refletir sobre sua interação. Além de refletir sobre um sentido mais amplo de meio ambiente, fazendo com que as pessoas desenvolvam certo tipo de consciência com relação ao objeto de estudo.

De acordo com Fiori, para que as pessoas considerem a paisagem como um bem valioso, estimado, é preciso descobrir os aspectos de afeição que fazem parte dos processos paisagísticos, “*desta forma, pode se obter uma modificação efetiva das atitudes e interações que a sociedade ocidental mantém com seu entorno próximo*” (FIORI, 2002, p.60).

Essa metodologia de pesquisa também pode ser utilizada para análise do relacionamento entre um equipamento que já existe em um local (como é o caso do Museu de História Natural e Jardim Botânico da UFMG), e sua vizinhança. Apesar de não ser um empreendimento privado, ou que não irá gerar algum impacto novo em relação à comunidade do entorno, o estudo é interessante por conseguir apontar os principais problemas existentes, no que diz respeito ao relacionamento dos dois agentes envolvidos, evidenciando os principais pontos desse relacionamento, buscando analisar os pontos positivos que podem ser explorados com a finalidade de estabelecer uma conexão entre o Museu e a comunidade do entorno.

A principal hipótese desse estudo de que a comunidade próxima ao MHNJB não utiliza o espaço, gerando alguns impactos diretos sobre o Museu, e entre outros problemas, são decorrentes principalmente por não existir nenhum tipo de contato, nenhum tipo de vínculo com o mesmo (não existe um atrativo que os faça querer conhecer e desfrutar do espaço como uma área de lazer que precisa ser preservada), sendo necessário que os dois lados, Museu e comunidade, se integrem para criar um vínculo com o espaço em questão. Este fato será explicado a seguir, e que tem como um dos precursores dessa corrente do apreço, do pertencimento com o meio, o famoso estudioso de paisagens Yi-Fu Tuan, e a ideia de Topofilia.

Os conceitos de Yi-Fu Tuan (1980) se encaixam perfeitamente para entender essa noção de pertencimento com o meio externo, ou no caso do estudo, a falta desse pertencimento. Falta às pessoas o olhar, ouvir e sentir; apesar de que segundo o autor, conscientemente, a percepção é mais dependente da visão para perceber o espaço do que os outros sentidos. Logo, é fundamental que o indivíduo utilize todos os seus sentidos para perceber o espaço ao seu redor e com isso definir uma relação com o mesmo.

O termo utilizado pelo autor para descrever esse relacionamento entre meio ambiente e o homem é denominado de Topofilia⁶. É um excelente termo que explica exatamente essa ideia de desenvolver uma afeição, um relacionamento, pelo espaço. Talvez o que falte nessa interação seja essa noção de ter o Museu como um espaço da comunidade do entorno, onde eles possam utilizar como lazer, como fonte de conhecimento, como um espaço onde eles possam escapar um pouco do contexto urbano em que estão inseridos diariamente, despertando uma afeição com o espaço. Muitos dos entrevistados reconhecem o Museu como Pipiripau, o local onde é possível observar e contemplar essa exposição. Não percebem outros aspectos que existem no Museu além do aspecto emotivo e cultural desse presépio.

Complementar as ideias de Tuan, o texto de Melazo (2005) sobre essa ideia sensorial, agregada aos valores sociais e culturais do espaço, traduz a ideia de percepção ambiental de uma forma que o sujeito e o objeto de estudo sejam entendidos de uma forma ampla, considerando os diversos fatores que podem interferir na análise de percepção. O trecho abaixo ilustra perfeitamente essa ideia de como a percepção é afetada por vários aspectos além das questões sensoriais, onde os ambientes são:

[...] percebidos de acordo com os valores e as experiências individuais dos homens onde são atribuídos valores e significados em um determinado grau de importância em suas vidas. [...] Os estímulos sensoriais, os sentimentos relacionados ao espaço e a paisagem originam-se de experiências comuns voltadas para o exterior. A percepção do ambiente, as imagens, seus significados, as impressões absorvidas e os laços afetivos são unos em cada ser humano. Porém, o cognitivismo, a personalidade, o ambiente social e físico tem uma determinada influência direta no processo de percepção do ambiente. (MELAZO, 2005).

⁶ Topofilia é o elo afetivo entre a pessoa e o lugar, envolvendo mais do que a percepção visual, utilizando os vários sentidos, buscando um vínculo com o espaço (TUAN, 1980, p. 4).

É possível perceber a importância de serem considerados os aspectos externos ao objeto de estudo, como as características do local em que estão situados, aspectos socioeconômicos da região, além da percepção sensorial que as pessoas possuem do local.

A seguir serão exemplificados dois estudos de caso onde a questão principal está na construção de um relacionamento afetivo entre uma área verde e seu entorno utilizando a metodologia da percepção ambiental para conhecer a vizinhança.

2.3 Exemplos de estudos de percepção em áreas verdes

O primeiro exemplo está vinculado ao trabalho de pesquisadores que evidenciam os problemas enfrentados por Unidades de Conservação (UCs) devido a presença de uma população que reside no entorno dessas áreas verdes (REMPEL et al., 2008).

Durante a introdução do projeto eles explicam a relação das diferentes percepções entre as pessoas, devido a diversos fatores, como contexto socioeconômico, culturas diferentes, que desempenham papéis sociais distintos, além de outros fatores, que influenciam na forma como as pessoas enxergam o meio ambiente. Segundo os autores, é importante que seja feito um estudo de percepção ambiental em qualquer contexto onde os objetos de estudo são o homem e o meio ambiente, e que o principal objetivo do estudo seja o gerenciamento dos ecossistemas ou a compreensão de problemas oriundos desse relacionamento.

De acordo com o texto:

Quando o ser humano reflete sobre essa relação, procura o entendimento de suas percepções e se questiona sobre seu lugar na paisagem percebida, tornando possível a avaliação de suas ações no ambiente. [...] Com isso, pesquisas avaliando a percepção ambiental do indivíduo podem também ser instrumentos educativos e transformadores desde que propiciem as condições para reflexão do próprio indivíduo. (MARIN, *apud* REMPEL, 2008).

Logo, é importante ressaltar que a ideia de desenvolver um estudo de percepção pode ter várias finalidades, mas a essência está atrelada as ideias do homem entendendo ele próprio para depois construir uma análise sobre o espaço em que está situado.

A pesquisa em si é baseada em um estudo de percepção ambiental com três escolas municipais de ensino fundamental, situadas no município de Canela, Rio Grande do Sul, a respeito da Floresta Nacional de Canela (FLONA/Canela).

O objetivo central do estudo foi a observação quanto a possibilidade de alteração da percepção dos entrevistados devido a distância da UC (que sofre constantemente com ações antrópicas, principalmente por estar próxima de centros urbanos).

Como metodologia foi utilizado um questionário, distribuído entre as três escolas, sendo as questões referentes a um contexto social e a aspectos relacionados a FLONA. Através dessa abordagem, a hipótese dos pesquisadores seria de que a distância afeta diretamente a relação das pessoas com uma UC (REMPEL, 2008).

Ao todo foram respondidos 234 questionários, e os principais pontos analisados foram: que a escola mais próxima conhecia a FLONA, ou já haviam frequentado o espaço, enquanto que as outras duas escolas, que são mais distantes, conheciam apenas o órgão responsável pela manutenção da UC (IBAMA – Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis); e que a questão que abordava sobre a FLONA ser útil ou não para a vida das crianças, o mesmo fator da distância influenciou nas respostas do alunos (quanto mais próxima a escola, mais útil o espaço é do ponto de vista do entrevistados).

Com esse artigo é possível perceber que através do estudo de percepção podem ser feitos diversos estudos, com diversas finalidades, com quanto que sejam analisados entre os objetos de estudo o homem e o meio ao qual ele pertence.

É importante salientar que existe uma semelhança desse artigo com o trabalho aqui apresentado: um dos problemas que o texto identifica como problemáticos, no que diz respeito a conhecimento do local e das atividades que são realizadas no mesmo, seria a falta de divulgação para a comunidade do entorno, gerando o desinteresse ou a falta de conhecimento dos mesmos com a área verde.

Outro fator importante, também citado no texto, está relacionado com outros usos que podem ser feitos pela percepção, como é o caso do auxílio em atividades que podem ser feitas para manejos de áreas verdes, principalmente no que tange comunidades tradicionais (por conhecerem bem o espaço em que vivem entenderem sobre plantas, animais, e todo o contexto ecossistêmico), através das percepções da comunidade. O segundo caso mostra essa variedade de percepções e as diversas utilidades dos seus resultados que podem ser encontrados.

O segundo texto está relacionado com a importância dos Jardins Botânicos, como é o caso do MHNJB, e o papel da Educação Ambiental (EA) para desenvolver um trabalho com a comunidade do entorno da área verde. O local de estudo é o Parque Estadual Fontes do Ipiranga (PEFI), cercado pela malha urbana paulista (Cerati, T. M.; Lazarini, R. A. M., 2009).

O trecho abaixo ilustra a importância da conservação desses espaços devido à grande biodiversidade presente nos mesmos:

Os 1.600 jardins botânicos existentes no mundo unem esforços para a implementação dessas estratégias, uma vez que, juntos, mantêm a maior coleção de espécies vegetais fora da natureza. Estima-se que cerca de 60.000 espécies vegetais estão ameaçadas de extinção, e os jardins botânicos têm importância vital na preservação dessas espécies. Porém nenhum projeto de conservação de biodiversidade terá êxito sem a participação da Educação Ambiental. (Cerati, T. M.; Lazarini, R. A. M., 2009).

O texto em geral parte do pressuposto de que a sensibilização, os estímulos em despertar a consciência crítica das pessoas que moram próximas às áreas verdes fazendo com que elas participem do processo de conservação da biodiversidade, são as principais ferramentas para que essas áreas próximas de grandes centros urbanos sejam preservadas (Cerati, T. M.; Lazarini, R. A. M., 2009).

Os agentes envolvidos nesse estudo foram os alunos de ensino fundamental e professores de uma escola estadual, que já trabalhavam com questões ambientais em sala de aula, e que participaram de um modelo de pesquisa denominado de Pesquisa-Ação⁷ (que inicialmente seria a metodologia proposta por este trabalho para a construção de um Guia de Educação Ambiental para o MHNJB) para construção de um conhecimento sobre a área do entorno, tornando os agentes estudados em pesquisadores do estudo.

É uma metodologia necessária do ponto de vista da participação; o que também pode ser um ponto negativo, ou uma dificuldade, no que diz respeito a cooperação, envolvimento e disponibilidade das pessoas envolvidas na pesquisa.

As atividades desenvolvidas pelos autores basearam-se em: buscar o problema, interagir com a comunidade da escola, acompanhar as decisões que seriam tomadas de acordo com os

⁷ Pesquisa que auxilia na construção de um plano de Educação Ambiental, utilizando uma metodologia de participação dos agentes envolvidos no estudo, despertando uma sensibilização a respeito da importância da manutenção e conservação de uma área verde (FIORI, 2002).

problemas que iriam surgindo, buscar medidas para resolver o problema, e seria feita uma análise do nível de consciência dos participantes do estudo.

Os resultados encontrados na pesquisa foram que o fator de tentar aproximar a comunidade da área verde, através da participação direta de atividades e a proposição de medidas para melhorar a conservação da área verde, são ações que realmente despertaram nos envolvidos a importância da conservação e da preservação da biodiversidade do PEFI.

O mais interessante desse projeto foi que além de sensibilizar os alunos e professores transformando-os em agentes ativos na preservação do PEFI, a pesquisa conseguiu ultrapassar os muros da escola, fazendo com que os projetos desenvolvidos pela mesma fossem apresentados para a comunidade do entorno do Parque.

O papel da percepção nesse estudo foi interessante para compreender a relação da escola com o PEFI, e a forma como os autores poderiam trabalhar com essas pessoas.

Os dois exemplos são importantes para a ideia de percepção que se pretende trabalhar durante o presente estudo, e reafirmam que é uma forma interessante de se começar um relacionamento entre uma área verde e seu entorno.

É necessário propor meios de estreitar o relacionamento afetivo entre o Museu e a comunidade (principalmente da Vila Vilma por serem vizinhos imediatos do espaço) para que a manutenção da área verde seja sempre efetiva, corroborando para a conservação da biodiversidade do Museu.

O próximo capítulo abordará questões que contextualizam a área onde está situado o Museu. A primeira parte consistirá em uma análise da Área de Influência, apresentando os aspectos gerais, históricos e socioeconômicos da região do estudo; e a segunda apresentará brevemente sobre a história do Museu, alguns aspectos gerais e o perfil dos visitantes que frequentam o espaço. São aspectos importantes para o estudo que precisam de uma atenção para que o Estudo de Percepção seja bem-sucedido.

3 CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO

De acordo com o que foi proposto nos aspectos teóricos é importante que durante o Estudo de Percepção Ambiental seja compreendido o perfil das pessoas que estão envolvidas no estudo e os aspectos gerais do objeto em questão (o MHNJB). A seguir serão feitas as referidas considerações.

3.1 Contextualização da área de influência

É interessante que a primeira análise a ser feita seja a contextualização da região em que está situado o MHNJB. O primeiro tópico abordará os aspectos históricos e o perfil geral da população da regional leste, já o segundo apresentará um perfil socioeconômico da população com enfoque nos bairros Sagrada Família, Santa Inês e Horto Florestal.

3.1.1 Aspectos históricos da Regional Leste

Os relatos da história do Museu (já citados nos tópicos acima) estão atrelados um pouco com a história de Belo Horizonte. Uma fonte rica em informações sobre esse tipo de conteúdo é disponibilizada no site da PBH⁸, onde é encontrado a coletânea sobre as histórias dos bairros de BH (ARREGUY, 2008), além do Plano Diretor das Regionais Administrativas de Belo Horizonte. Para o presente estudo o enfoque será na Regional Leste, com ênfase nas UPs L1 (com o bairro Santa Inês) e L2 (com os bairros Sagrada Família e Horto Florestal).

A história da região está entrelaçada com a construção da linha férrea e com o curso do Rio Arrudas. De acordo com Arreguy (2008), os bairros do Sagrada Família e Horto Florestal foram bastante influenciados pelas ocupações das famílias dos operários que foram excluídos do planejamento feito em bairros como Santa Efigênia, Santa Tereza.

A partir da década de 20 percebe-se uma ocupação dessa região principalmente por famílias de baixa renda, provavelmente devido ao valor dos terrenos por serem bem mais baratos naquela época, e pela proximidade com o trabalho. Foram surgindo vilas (a Maria Brasilina, a Mauá, e a São João), após o parcelamento de uma fazenda que existia na região, e com a isso surgiu o bairro Sagrada Família (ARREGUY, 2008, p. 22).

⁸ Em: <www.pbh.gov.br/historia_bairros/LesteCompleto.pdf>.

Já o bairro Santa Inês acompanhava uma ideia mais rural em relação aos outros bairros, principalmente por fazer limite com o município de Sabará, e passou por mais dificuldades para conseguir serviços como saneamento, escolas, e entre outros, que garantem a qualidade de vida das pessoas. A própria população se uniu (sendo que até hoje é possível perceber como as pessoas são próximas nesse bairro) para terem direitos a serviços básicos que antes não tinham, sendo os diversos problemas solucionados ao longo do tempo.

Com isso, é possível ver uma semelhança entre os bairros, sendo necessário também conhecer alguns aspectos específicos da comunidade (apontando variáveis importantes que podem influenciar no estudo de percepção), como o perfil sociodemográfico da região, enfatizando os bairros presentes na AI.

3.1.2 Perfil socioeconômico da área do estudo

Atualmente, a regional leste possui cerca de 2.949,67 hectares e uma população de 248.654 habitantes. Separadamente o bairro Sagrada Família é o maior bairro de Belo Horizonte no quesito número de habitantes, com cerca de 35.000 segundo o site da PBH⁹. De acordo com o Atlas de Desenvolvimento Humano¹⁰, a junção dos três bairros totaliza em 44.895 habitantes (18,8% em relação a regional Leste), como pode ser observado na Tabela 2.

Tabela 2: População por domicílio permanente

Espacialidades	População total
Sagrada Família / Horto Florestal / Santa Inês	44.895
Regional Leste	238.539
Belo Horizonte (MG)	2.375.151

Fonte: IBGE, 2010. Atlas de Desenvolvimento Humano

Em relação a taxa de fecundidade, que seria o número de filhos, em média, que uma mulher poderia ter durante sua idade reprodutiva, observa-se que na região das UPs a taxa de 1,18 - esta consideravelmente mais baixa se comparado a da Regional Leste (Tabela 3).

⁹ Em: <
http://portalpbh.pbh.gov.br/pbh/ecp/comunidade.do?evento=portlet&pIdPlc=ecpTaxonomiaMenuPortal&app=regionalleste&tax=13845&lang=pt_BR&pg=5480&taxp=0&>.

¹⁰ Em: <
<http://www.atlasbrasil.org.br/2013/pt/consulta/>>.

Tabela 3: Taxa de fecundidade

Espacialidades	Taxa de fecundidade total
Sagrada Família / Horto Florestal / Santa Inês	1,18
Regional Leste	1,43
Belo Horizonte (MG)	1,33

Fonte: IBGE, 2010. Atlas de Desenvolvimento Humano.

Em relação a aspectos como IDH, que no caso será apresentado o IDHM (Índice de Desenvolvimento Humano Municipal), se trata de um índice que tem como o intuito demonstrar os mesmos aspectos do IDH, porém a nível local. De acordo com os dados da Tabela 4, de uma forma geral, os IDHM de renda, longevidade e educação estão um pouco acima dos valores esperados para a Regional Leste e para Belo Horizonte como um todo.

Tabela 4: IDHM

Espacialidades	IDHM	IDHM Renda	IDHM Longevidade	IDHM Educação
Sagrada Família / Horto Florestal / Santa Inês	0,882	0,893	0,92	0,835
Regional Leste	0,827	0,83	0,91	0,748
Belo Horizonte (MG)	0,81	0,841	0,856	0,737

Fonte: IBGE, 2010. Atlas de Desenvolvimento Humano.

No que diz respeito à taxa de analfabetismo, presente na Tabela 5, é possível inferir que essa taxa está razoavelmente baixa 0,72 (no contexto dos bairros) em relação às outras duas espacialidades em razão das pessoas com 15 anos ou mais que não sabem ler ou escrever (o valor encontrado pode ser pensando devido à presença de grandes instituições gratuitas de ensino nos bairros).

Tabela 5: Taxa de Analfabetismo

Espacialidades	Taxa de analfabetismo – 15 anos ou mais
Sagrada Família / Horto Florestal / Santa Inês	0,72
Regional Leste	2,8
Belo Horizonte (MG)	2,87

Fonte: IBGE, 2010. Atlas de Desenvolvimento Humano.

A tabela abaixo (Tabela 6) reflete o percentual ou a razão das pessoas ocupadas, com 18 anos ou mais, que ao menos completaram o ensino médio. As regiões do estudo, nesse quesito, também estão acima da média, em relação a regional e a BH, que possivelmente pode ser

explicado pela baixa taxa de analfabetismo e a presença de instituições públicas de ensino nesses locais.

Tabela 6: Percentual dos ocupados com ensino médio completo

Espacialidades	% dos ocupados com médio completo - 18 anos ou mais
Sagrada Família / Horto Florestal / Santa Inês	77,76
Regional Leste	63,69
Belo Horizonte (MG)	60,05

Fonte: IBGE, 2010. Atlas de Desenvolvimento Humano.

A tabela abaixo (Tabela 7) mostra os dados relativos à renda per capita, ou seja, a média de renda por pessoa em um domicílio, e a média do rendimento das pessoas ocupadas, que possuem 18 anos ou mais. De acordo com os resultados, a média das Unidades de Planejamento são maiores se comparados a Regional e ao município como um todo, com uma média de R\$2524,03 e uma renda per capita de R\$2068,54.

Tabela 7: Renda per capita e rendimento médio

Espacialidades	Renda per capita (R\$)	Rendimento médio dos ocupados - 18 anos ou mais (R\$)
Sagrada Família / Horto Florestal / Santa Inês	2068,54	2524,03
Regional Leste	1400,02	1754,92
Belo Horizonte (MG)	1497,29	2034,94

Fonte: IBGE, 2010. Atlas de Desenvolvimento Humano.

A última tabela aqui apresentada (Tabela 8) diz respeito ao número de pessoas que se encontra em atividade na data do estudo. Um pouco mais da metade da população total dos bairros Sagrada Família, Horto Florestal e Santa Inês se encontram na PEA, com 25.360 pessoas, com um percentual de 2,0% em relação ao número de pessoas economicamente ativas de Belo Horizonte.

Tabela 8: População Economicamente Ativa (PEA)

Espacialidades	PEA - 18 anos ou mais
Sagrada Família / Horto Florestal / Santa Inês	25.360
Regional Leste	128.069
Belo Horizonte (MG)	1.288.749

Fonte: IBGE, 2010. Atlas de Desenvolvimento Humano.

De uma forma geral, esses três bairros possuem uma renda que varia entre média e alta, principalmente no Sagrada Família, com predominância de residências unifamiliares, apesar

de que atualmente podem ser observados o crescimento de residências multifamiliares verticais ao longo dessa região. Porém em alguns trechos da pesquisa foram observadas situações um pouco distintas com relação aos resultados do perfil socioeconômico obtido, sendo esses resultados ilustrados no tópico a seguir.

O comportamento humano influencia diretamente na qualidade do meio ambiente. Para tal, é necessário conhecer o público do estudo para compreendermos de que forma essas pessoas conceituam, ou avaliam, o museu, e as respectivas atitudes com relação ao mesmo (questões que serão apresentadas no próximo capítulo).

A seguir será feita uma contextualização do MHNJB para analisar esse objeto de estudo.

3.2 Contextualização Do Museu

O MHNJB está presente na região há décadas. Compreendê-lo é importante pois sua história está relacionada com a ocupação da Regional Leste. Com isso, os tópicos a seguir apresentarão uma breve contextualização histórica do espaço, suas principais características e o perfil do público que frequenta o Museu.

3.2.1 Aspectos Históricos

A contextualização do MHNJB tem como premissas o estudo das memórias do MHNJB, elaborado por Maria Eugênia Oliveira Abras (2000), historiadora do referido espaço, a monografia de um ex-bolsista de Extensão (Guilherme Prata), e informações oriundas do próprio site da UFMG¹¹. Ambos os textos são fundamentais para contextualizar o Museu e criar uma breve linha do tempo para identificar os aspectos mais importantes da história dessa área verde.

Inicialmente, no século XVIII, o local onde está situado o MHNJB era uma antiga fazenda, pertencente a Antônio de Souza Guimarães, que foi dividida entre os herdeiros do referido senhor (sendo conhecida como Fazenda Boa Vista). A fazenda tinha como principal uso a produção agrícola, principalmente para fornecer produtos diversos para a zona urbana (ABRAS 2000, p.06).

¹¹ Em: < <https://www.ufmg.br/mhnjb/museu/historico/historia-do-mhnjb/>>.

No início do século XX, o imóvel foi desapropriado pela Comissão Construtora de Belo Horizonte sendo, portanto, pertencente ao Estado – sendo conhecido como Horto Florestal (PRATA, 2015, p.47). É interessante ressaltar que a função desse novo espaço não foi definida por nenhum dos dois textos, e também não foi encontrada em outra fonte de pesquisa. Quando perguntado aos entrevistados sobre o conhecimento em relação ao Horto eles também não souberam informar o que o pessoal fazia na área, apenas afirmaram que deveria ser alguma atividade relacionada com plantas, pesquisas, etc.

A partir de 1912 o espaço se transformou em uma Estação Experimental de Agricultura, desenvolvendo plantações de várias espécies, e fornecendo mudas para o Estado e incentivando as atividades agroindustriais (ABRAS, 2000, p. 8). A ideia de criar um Instituto Agrônômico (1953) surgiu com a finalidade de expandir as pesquisas relacionadas à agronomia, já trabalhadas na Estação Experimental, priorizando melhorias no setor de produção agrícola do Estado de Minas Gerais.

Um dos grandes responsáveis pela maior parte do plantio da área nessa época foi o professor Camilo de Assis Fonseca Filho com o auxílio de Henrique Lehemayer de Melo Barreto. Foram plantados ao todo mais de 50.000 árvores, compostas por várias regiões do país, além de outros países. Atualmente a área é composta por reserva nativa, com alguns resquícios entre as áreas vastas do Museu, e sua maior parte é composta por uma reserva artificial.

De uma forma geral, o trabalho realizado no Instituto foi muito bem-sucedido, se tornando um ponto de referência para os pesquisadores dessa área. A partir da década de 60 o local sofreu algumas alterações relacionadas às suas funcionalidades:

Se antes tinha como objetivo comandar os trabalhos de pesquisa desenvolvidos no Estado, agora ficava com a finalidade de executar todos os trabalhos agrícolas relacionados com a pesquisa, a experimentação e principalmente a produção em larga escala de sementes e mudas que se destinassem aos agricultores. [...] este mesmo período foi considerado áureo do Instituto Agrônômico (ABRAS, 2000).

No final da década de 60, devido às despesas e a grande necessidade de verbas para a manutenção do espaço, o Instituto encontrava-se em situação de calamidade. Vários laboratórios de pesquisas foram fechados, experimentos agrícolas paralisados, e entre outros problemas, que levaram a total paralisação das atividades que eram exercidas no local.

A solução encontrada foi a divisão das terras para vários órgãos e prefeituras, sendo uma das partes destinadas a Universidade Federal de Minas Gerais (ABRAS, 2000, p.11). Além da

divisão, vários outros fatores começaram a interferir na conservação do espaço: como a construção da Avenida José Cândido da Silveira, sendo um dos principais impactos o desmatamento de uma grande área verde, segregando o espaço em três fragmentos: MHNJB, Parque Ecológico e Cultural Marcos Mazzoni e o Parque Ecológico da Matinha. (PRATA, 2015, p. 55).

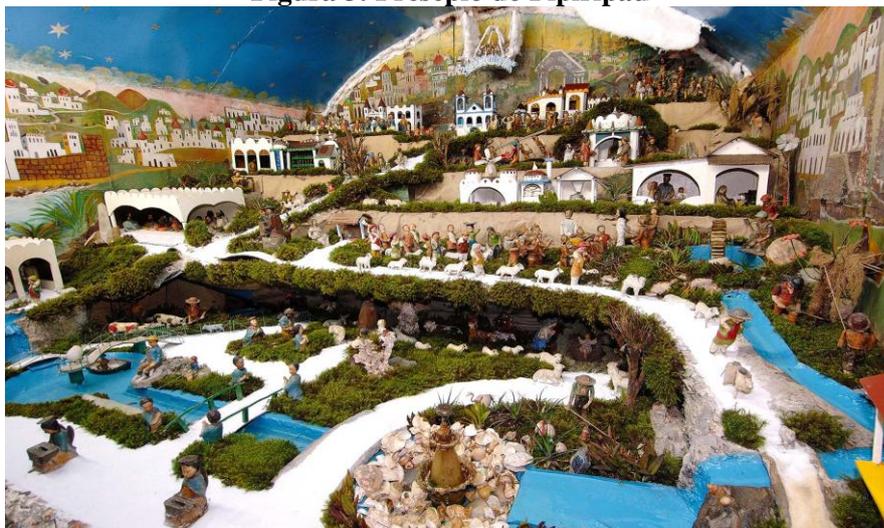
Com isso, em 1968, após a Reforma das Universidades¹², a UFMG deveria, de acordo com o capítulo IV, artigo 22, criar um Museu de História Natural. O espaço foi vinculado ao Instituto de Ciências Biológicas (ICB) e ao Instituto de Geociências (IGC), sendo as decisões orientadas por pesquisadores naturalistas. A decisão de escolher o atual local do MHNJB surgiu do desejo antigo desses naturalistas de utilizarem o terreno do Instituto Agrônômico (com a finalidade de preservar a área verde presente no mesmo), vinculando um espaço de História Natural que até então não existia. Segundo relatos, a infraestrutura do extinto Instituto Agrônômico também foi um dos fatores favoráveis para a escolha do local (PRATA, 2015). O Estado cedeu 439.000 m² para o Museu, sendo a UFMG a principal responsável pela manutenção do espaço.

Segundo Prata, o início das atividades passou por uma série de problemas, como a delimitação da área, a invasão de pessoas degradando a mata, retirada de lenha, e entre outros problemas, que só começaram a ser contornados com o cerceamento do Museu e o aumento da sua área nativa, com a finalidade de instituir um Jardim Botânico no local (ficando com um total de 589.000 m²).

Em 1975 que começaram as atividades para o público escolar, através da criação do Centro de Visitantes. Em 76 o Presépio do Pípiripau (Figura 3) do Sr. Raimundo Machado foi transferido para o museu, atraindo outro tipo de público e dando visibilidade para o espaço.

¹² Decreto Nº 62.317, assinado pelo Presidente Arthur da Costa e Silva, em 1968.

Figura 3: Presépio do Pipiripau



Fonte: Página do MHNJB¹³.

As áreas mais destacadas no museu, ao longo dos anos, foram a arqueologia, principalmente pela coordenação do professor André Prous, a mineralogia, botânica, entre outras áreas, que foram importantíssimas para a consolidação do que hoje conhecemos como Museu de História Natural e Jardim Botânico da UFMG. A última modificação na área foi feita em 2010, após o título de Jardim Botânico concedido pelo CONAMA após as devidas adequações para que o Museu recebesse esse título.

Para finalizar este tópico, segue abaixo uma fala que corrobora com essa linha cronológica do museu, feita anteriormente, através da percepção da Administração do MHNJB:

“Bom, até onde eu sei, isso aqui já foi um Instituto de Pesquisa, um Instituto Agrônomo não é. Ele originalmente tinha uma parte da mata que era até destinada a produzir madeira para a estrada de ferro, a lenha era para os moradores aqui, que eram funcionários da estrada de ferro. Isso bem antes de isso ser Museu. E depois do Instituto Agrônomo passou... o Instituto Agrônomo era do Estado e ele repassou parte da área do Museu pra União, foi pra UFMG. Uma outra parte do Museu, cerca de 15 hectares, se não me engano, pertenciam à Prefeitura Municipal, a PBH. Só que aí começou a ter um movimento de querer fazer a urbanização dentro da área do Museu. Foi aí, nesse momento, que a Prefeitura cedeu essa parte que era dela, que é a parte toda que faz frente com a José Cândido, cedeu pra União para que fosse destinado ao Jardim Botânico, para proteção. Então, começou meio que uma briga assim, para realmente tentar tornar essa área aqui uma área de proteção. Foi aí que ela veio a se tornar o Museu. Primeiro ela se tornou o Museu de História Natural, que era coordenado pelo pessoal do ICB e do IGC da UFMG. Tinham salas de aula aqui, os professores vinham dar aulas. E mais tarde ele veio a se tornar, também, um Jardim Botânico. Não sei exatamente

¹³ Em: <<https://www.ufmg.br/online/arquivos/041310.shtml>>. Acesso em: 21 Nov.2017

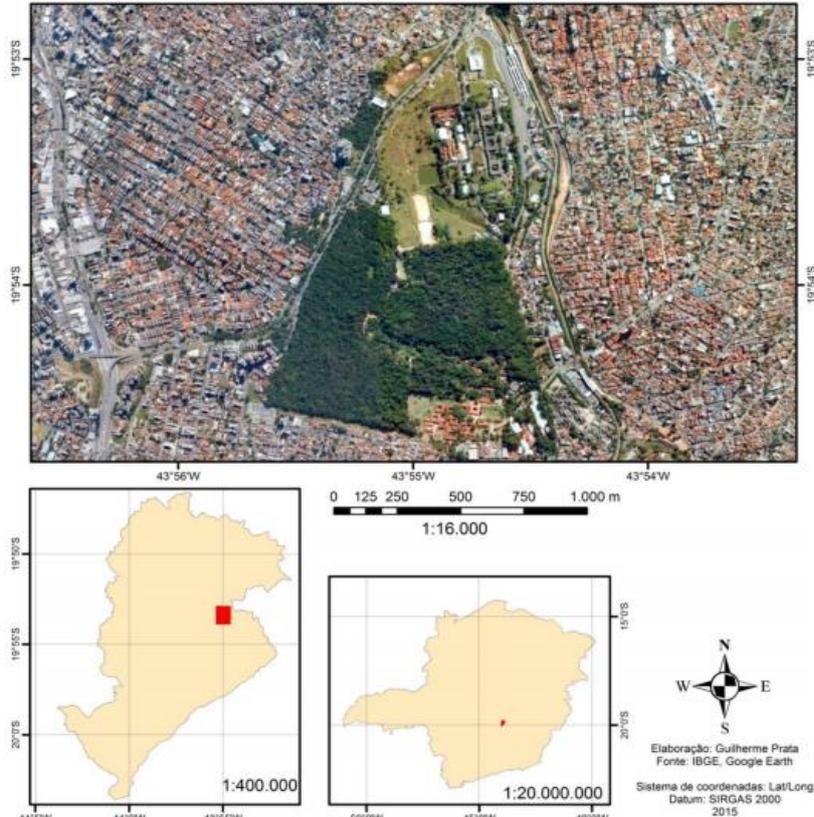
quando. Oficialmente o Jardim Botânico foi reconhecido depois que a Flavinha começou a trabalhar aqui. Foi logo que eu entrei... eu entrei em 2008 e isso deve ter sido em 2010 se não me engano (que foi reconhecido como Jardim Botânico sabe), até então ele tinha o nome Jardim Botânico, tinha o status, mas não tinha o diploma” (Engenheiro Florestal).

3.2.2 Caracterização geral

O MHNJB está situado na regional leste de BH, mais precisamente na Unidade de Planejamento (L2). Devido a sua grande extensão é o 14º maior jardim botânico do país, e o único que faz uma associação com um Museu de História Natural (PRATA, 2015).

O MHNJB abrange uma área de 589.000 m² (com 58,9 hectares), como pode ser visto na Figura 4, e abriga espécies da fauna em geral, como macacos-prego, micos-estrela, teiús, gambás e cutias, espécies de aves como jacus, lavadeiras, bem-te-vis, pica-paus, pardais, beija-flores, cambacicas, garças, gralhas e muitas outras. Possui também uma vasta fauna entomológica também com diversas espécies de insetos como abelhas, cigarras, besouros, cupins, formigas e borboletas, entre outros.

Figura 4: Localização do Museu de História Natural e Jardim Botânico da UFMG



Fonte: PRATA, 2015.

Em sua flora podem ser observadas espécies como o jequitibá, os ipês, as castanheiras, os mognos, as sapucaias, os cedros, os angicos, dezenas de espécies frutíferas como trepadeiras, eucaliptos, flamboyants, melaleucas, grevêas e tantas outras árvores nativas que compõem o Jardim Botânico do Museu (FELIX, 2009).

As exposições que agregam essa parte do Jardim também são bastante atrativas. Podem ser citados: o Jardim Sensorial, onde são trabalhadas plantas que podem ser “sentidas” pelos visitantes, através dos sentidos como olfato, paladar e tato; a Sementeira, onde são produzidas e vendidas mudas frutíferas e ornamentais, além das estufas e outros espaços que tem espécies *in situ* e *ex situ*. A seguir (Figura 5), podem ser observados alguns exemplos de fauna e flora presentes no Museu.

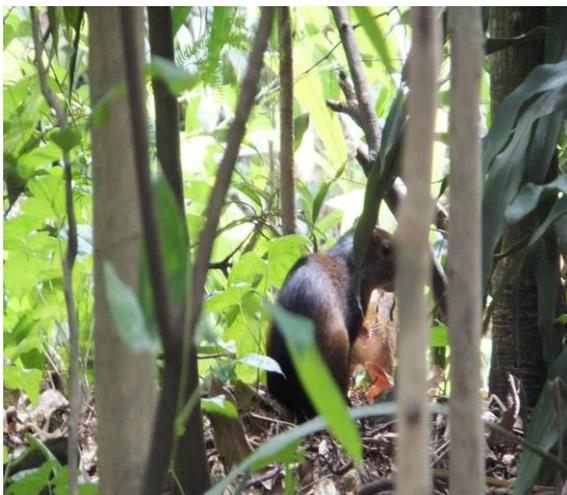
Figura 5: Exemplos da Fauna e da Flora do MHNJB



Hotel de Abelhas Solitárias
Fonte: Arquivo pessoal



Laguinho
Fonte: Arquivo pessoal



Cutia
Fonte: Arquivo Pessoal



Sapucaia
Fonte: Arquivo Pessoal

É interessante ressaltar que a principal atividade que o Museu realiza atualmente está vinculada com as visitas mediadas, onde um bolsista de Extensão da UFMG acompanha grupos de pessoas (escolas, instituições, entre outros grupos) com a finalidade de fornecer uma visita guiada para os mesmos. Para tanto, os estudantes utilizam como referência o Guia do Monitor contendo algumas diretrizes do Programa de Educação Ambiental e Patrimonial (PEAP) do MHNJB. Basicamente dentro deste documento existe um roteiro no qual os bolsistas se baseiam para realizar suas apresentações. Porém, não existe nenhum tipo de programa voltado para a conservação da biodiversidade, ou voltado para atender a comunidade do entorno, a fim de minimizar possíveis impactos.

Levando em consideração essa grande biodiversidade, existiam problemas no passado que repercutem até os dias de hoje. O espaço já sofreu vários problemas relacionados a questões ambientais naturais, além de problemas com incêndios. Por isso foi interessante que o Museu criasse um relacionamento com os equipamentos vizinhos, SERPRO e a Fundação João Pinheiro, para prevenir que esses problemas continuassem persistentes na área (ABRAS, 2000). Atualmente a ideia de colaboração ainda existe, porém falta a integração com a comunidade do entorno para que esse tipo de problema seja minimizado.

O tópico seguinte apresentará de maneira breve o perfil dos visitantes do museu (LUCINDO, 2017), de acordo com pesquisas realizadas por funcionários do Centro de Visitantes, sendo possível a compreensão do tipo de público que utiliza o espaço (relacionando questões como idade, gênero, escolaridade, e entre outros fatores).

3.2.3 Perfil dos visitantes segundo estudos realizados pelo Museu

Como foi dito anteriormente a maior parte dos visitantes são públicos escolares (em diversos níveis de ensino), porém nunca havia sido um feito um estudo para conhecer o perfil do público espontâneo que frequenta o Museu.

Para entender um pouco sobre o público atendido anualmente, será feita uma análise baseada no texto “Conhecendo o público do MHNJB: Perfil e percepções” (LUCINDO, 2017). O principal objetivo do texto foi a entender a relevância do trabalho da instituição sob a percepção do público espontâneo do Museu, através de uma entrevista semiestruturada, usando a metodologia qualitativa.

Foram feitas 72 entrevistas, e os resultados foram apresentados conforme as categorias estabelecidas.

De acordo com o estudo a pesquisa não foi tão satisfatória, mas servirá para futuros projetos no âmbito de estabelecer o perfil dos visitantes do espaço.

Como resultados observa-se que: a maior parte dos entrevistados mora em Belo Horizonte ou na região metropolitana, em relação ao gênero é possível inferir um equilíbrio entre homens e mulheres, com predominância de brancos entre os visitantes, entre 31 e 50 anos de idade, com ensino médio completo ou superior completo.

Em relação a visitação foi constatado que a maioria dos entrevistados soube do museu através de indicação de alguém, e que não era a primeira vez que visitavam o espaço. A maioria usa carro próprio para chegar ao local, apesar de ter uma grande diversidade de transportes públicos na região. O principal motivo apontado por eles sobre o motivo da visitação foi em relação ao lazer, e quase 100% demonstrou interesse em realizar uma nova visita. No que diz respeito ao conceito de Museu o mais utilizado como definição foi um lugar de história, retornando a ideia de Museu antiga onde a principal finalidade, do ponto de vista das pessoas, era evidenciar coisas históricas e antigas.

Outro ponto importante, que tem um reflexo neste estudo atual, seria que a maior parte das pessoas entrevistadas considerou que o valor do ingresso era acessível, apesar de que quando essa questão foi mencionada pelos moradores do entorno a grande maioria alegou que não frequenta mais o espaço devido a alteração de valores nas taxas de entrada (desde 2015 o valor aumentou mais seis reais – a taxa atual por pessoa é de R\$10,00).

Em geral a amostra não foi considerada muito boa, mas foi proposto pelo estudo novas pesquisas com esse intuito, com a finalidade de melhorar a mediação do museu e as exposições que são oferecidas.

Após conhecer um pouco sobre o contexto em que o Museu está inserido e suas principais características, é interessante expor os resultados encontrados no Estudo de Percepção. O próximo capítulo apresentará os dados do questionário quantitativo, e em seguida será analisado e discutido esses resultados juntamente com a percepção da Administração do Museu.

4 ESTUDO DE PERCEPÇÃO AMBIENTAL - RESULTADOS

Como já foi citado no capítulo de metodologias e dos aspectos teóricos da pesquisa, este tópico analisa os resultados encontrados após o tratamento e codificação dos dados da pesquisa quantitativa. O texto de Melazo (2005, p.47) é condizente com os aspectos que serão trabalhados ao longo do estudo de percepção, principalmente por ser necessário, antes de analisar os dois objetos do estudo, conhecer o perfil do público entrevistado para definir as variáveis adequadas, que serão expostas nos tópicos a seguir.

4.1 Perfil Socioeconômico dos entrevistados

Para que sejam compreendidas as percepções que serão apresentadas neste estudo é necessário que também sejam feitas análises no âmbito do perfil socioeconômico da região levando em consideração questões como renda, escolaridade, idade, e entre outros fatores que foram coletados pelo questionário. Como foi dito no decorrer do trabalho o grupo de residências foi segregado em dois grupos: Residências do bairro Sagrada Família (RSF) e Residências do bairro Santa Inês (RSI) – principalmente devido a vários fatores distintos que são nítidos nessas duas regiões. O restante dos grupos se deu a partir do modelo adotado pela PBH onde são classificados grupos de Estabelecimentos, Usuários e Organizações Sociais.

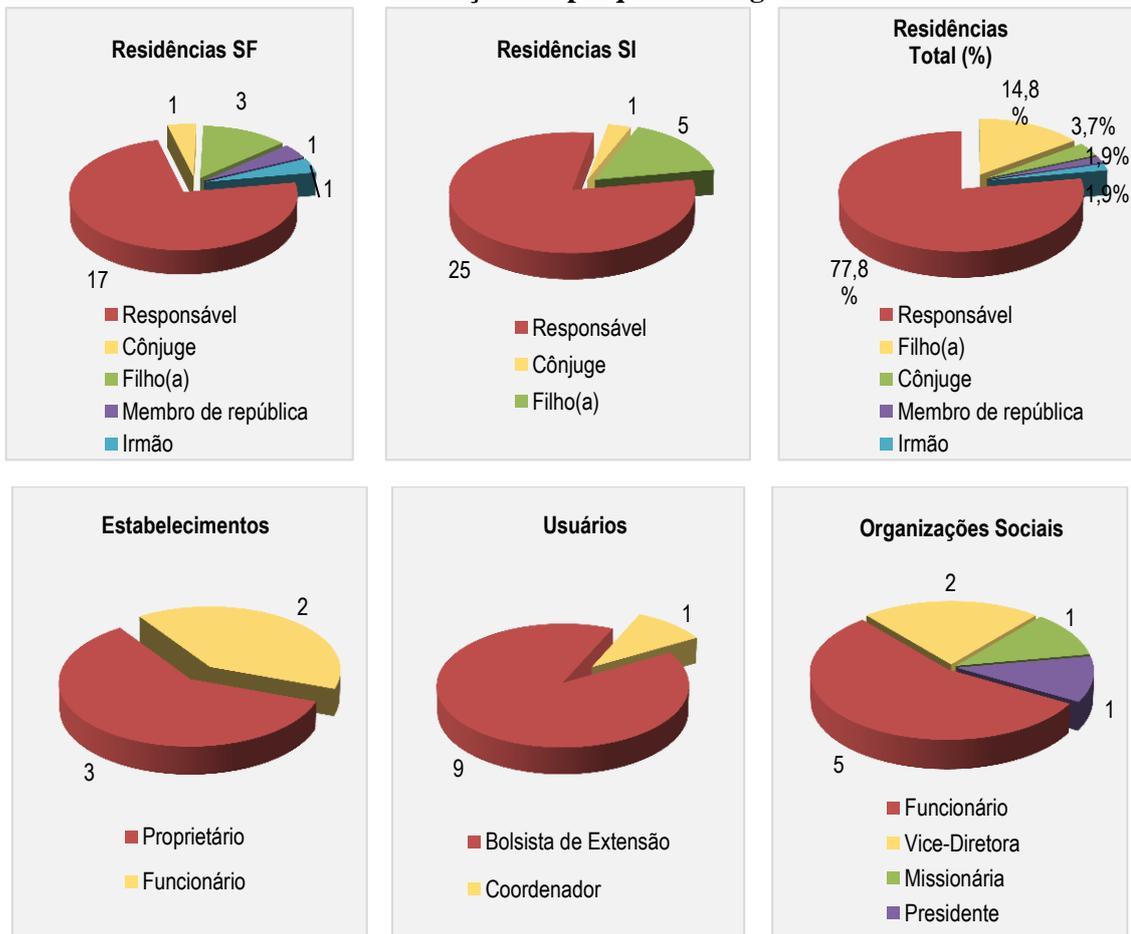
A metodologia utilizada em ambos os bairros foi a mesma: houveram tentativas de contato com todas as residências presentes na área de influência, ficando com um número final de 23 RSF e 31 RSI (54 moradores no total), com os estabelecimentos presentes (cobertura de cinco estabelecimentos dentro da área de influência), com os usuários presentes nos dias em que foi feito um trabalho no espaço do Museu (10 usuários) e com as organizações sociais atuantes na região (nove no total de entrevistas).

Os dados desse primeiro resultado da pesquisa referem-se ao número total dessas pessoas entrevistadas (78). Dessa forma é importante para o estudo essa primeira análise para entender melhor a dinâmica da região e as percepções dos entrevistados com relação ao MHNJB e aos serviços e equipamentos existentes no bairro. A seguir serão apresentados os resultados dessa primeira análise do estudo.

O primeiro gráfico analisado (Gráfico 1) apresenta a posição do entrevistado em relação ao contexto em que está inserido levando em consideração a pessoa responsável pelo imóvel.

Nos grupos de residências (RSF e RSI) a maioria dos entrevistados foi o próprio responsável pelo domicílio (com 17 e 25 entrevistados respectivamente ou 77,8% do total de residências entrevistadas), seguidos por três e cinco filhos que participaram do estudo, além de outros vínculos pouco expressivos dentro do estudo (cônjuges, membro de república e irmão). Os estabelecimentos foram representados por três proprietários e dois funcionários. Em relação aos usuários predominaram os Bolsistas de Extensão (nove entrevistados), devido a fatores expostos no tópico de metodologia, e um coordenador do CENEX. Já em relação as organizações sociais entrevistadas foram representadas por cinco funcionários das instituições, duas vice-diretoras, um presidente de associação de bairro e uma missionários de uma instituição religiosa.

Gráfico 1: Distribuição dos pesquisados segundo vínculo

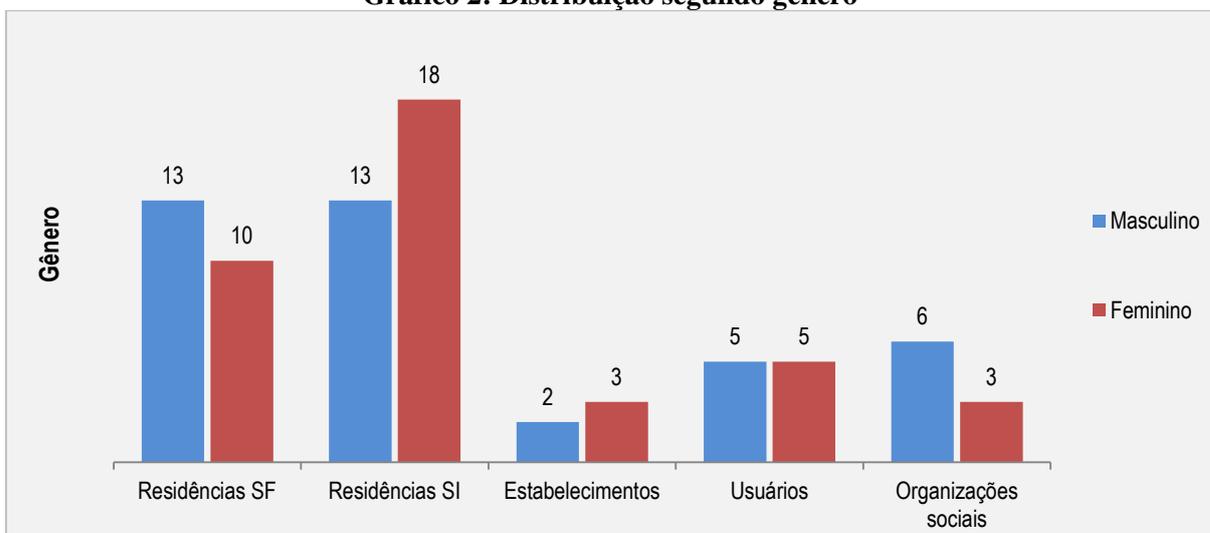


Fonte: Dados da pesquisa

A distribuição de acordo com a declaração de gênero, como pode ser visualizado no Gráfico 2 nos mostra que em relação ao número total de pesquisados (78) 50% são do sexo feminino e 50% são do sexo masculino (39 entrevistados cada gênero). Quando se observa essa

distribuição em relação a cada grupo identificado na pesquisa nota-se que: dentre os grupos de residências em relação ao Bairro Sagrada Família e as organizações atuantes na região temos a prevalência do gênero masculino (com 13 e seis entrevistados respectivamente). Já em relação às residências do bairro Santa Inês e o grupo de estabelecimentos observa-se uma predominância do sexo feminino (18 e três entrevistados). E por último o grupo de usuários é possível observar que essa distribuição é proporcional, com cinco entrevistados de cada um dos gêneros.

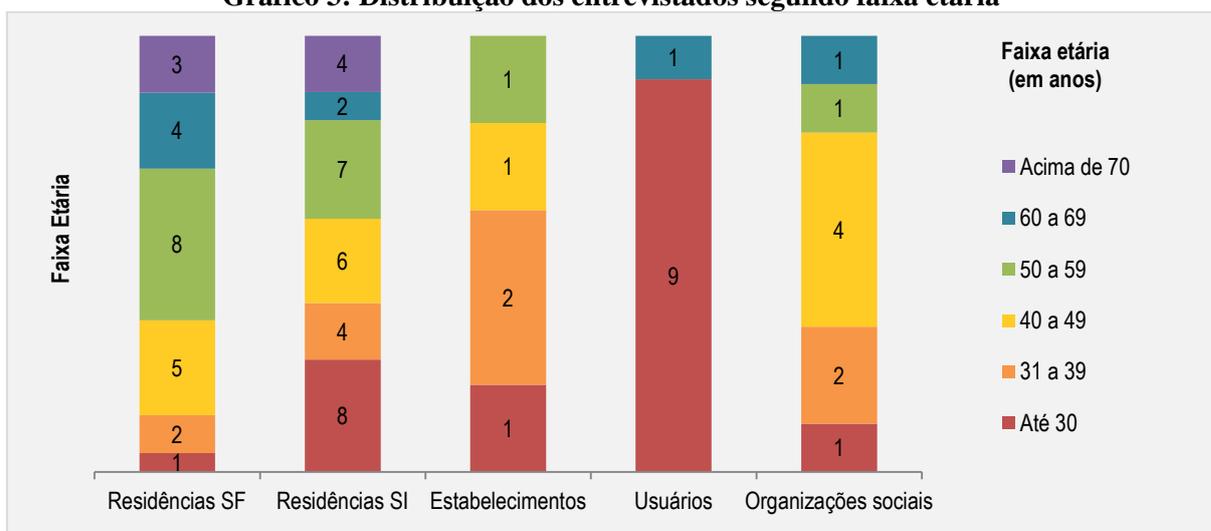
Gráfico 2: Distribuição segundo gênero



Fonte: Dados da pesquisa

A distribuição etária dos entrevistados, conforme observado no Gráfico 3, mostra perfis distintos dentre os grupos analisados. Os grupos de residências foram os únicos em que foram entrevistadas pessoas com 70 anos ou mais (com um total de sete pessoas pesquisadas, variando entre 70 e 90 anos de idade). O grupo dos estabelecimentos teve uma proporção similar entre as pessoas entrevistadas, prevalecendo a faixa etária entre 31 a 39 anos (dois entrevistados). Em relação ao grupo de usuários a predominância na faixa de até 30 anos está relacionada com o fato de que 90% dos usuários são estudantes da UFMG e Bolsistas de Extensão no MHNJB, corroborando para a proporção de entrevistados nesse faixa etária. No que diz respeito as organizações sociais é possível inferir que também é um grupo com faixas distintas, mas que a faixa etária de 40 a 49 anos foi a mais predominante dentre os entrevistados desse grupo (quatro entrevistados). No computo total a faixa etária predominante foi de até 30 anos, seguida pelas faixas de 50 a 59 e 40 a 49 anos.

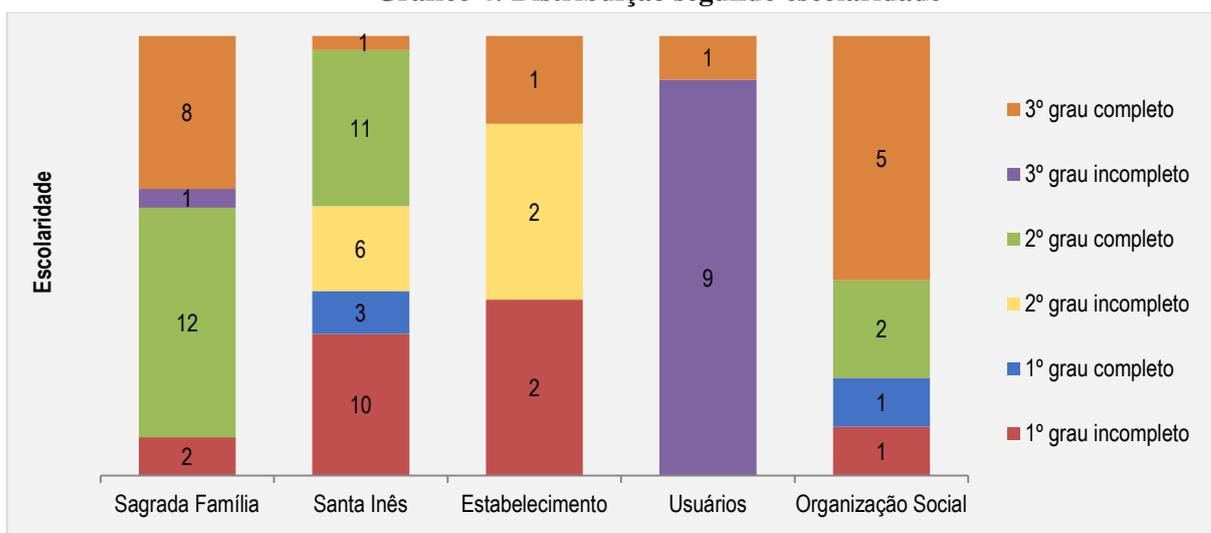
Gráfico 3: Distribuição dos entrevistados segundo faixa etária



Fonte: Dados da pesquisa

Em relação à distribuição dos entrevistados segundo a escolaridade (Gráfico 4) foi observado uma distribuição distinta entre os cinco recortes analisados. No total dos grupos predominam os entrevistados com o ensino médio completo (2º grau completo) com destaque para a categoria das residências que somam juntas 25 entrevistados, e o grupo das organizações sociais, com dois entrevistados. O grupo de usuários obteve um grande percentual de pessoas com ensino superior incompleto devido as questões abordadas no gráfico anterior (idade e situação ocupacional – estudantes da UFMG). No que diz respeito a análise separada dos grupos o bairro Santa Inês possui uma escolaridade mais baixa em relação ao bairro do Sagrada Família, como pode ser exemplificado pelo número de entrevistados com uma escolaridade abaixo do ensino médio (SF com apenas dois entrevistados e o SI com 19 entrevistados), o que também corrobora para a opção pela distinção dos dois grupos residenciais. Além disso, esse mesmo grupo (R.S.F) somado com o grupo das organizações sociais e os outros recortes possuem uma das escolaridades mais altas do total de entrevistados (com 16 entrevistados).

Gráfico 4: Distribuição segundo escolaridade



Fonte: Dados da pesquisa

A Tabela 9 apresenta a forma com que os entrevistados estão distribuídos de acordo com suas respectivas situações ocupacionais (distribuídos entre PEA – pessoas economicamente ativas – e PNEA – pessoas não economicamente ativas). Além dos respectivos setores de atividades em que os entrevistados estão inseridos.

A primeira observação sobre a tabela seria a predominância dos entrevistados no grupo de Empregados com carteira assinada, com 18 pessoas entrevistadas (33,3%), do total das 54 pessoas economicamente ativas, seguido de 13 pessoas inseridas no funcionalismo público (24,1%).

Dentre o grupo de pessoas não economicamente ativas (inseridos nos recortes de residências e usuários) é possível destacar a predominância de pessoas aposentadas ou pensionistas, com 13 pessoas de um total de 24 pessoas não economicamente ativas (54,2%), seguidos de nove dos entrevistados (todos no grupo de usuários) que são classificados como estudantes (37,5%).

Se avaliados individualmente, é possível notar que: entre o grupo de residentes do Sagrada Família a situação ocupacional predominante é a do funcionalismo público, com cinco pessoas entrevistadas, e que também tem predominância nas organizações sociais, com seis entrevistados. No grupo de residentes do Santa Inês predominam os empregados com carteira assinada, com 12 entrevistados, seguido pelo grupo dos desempregados, com cinco pessoas entrevistadas. Já em relação aos estabelecimentos nota-se a predominância dos proprietários de estabelecimentos, com três entrevistados.

No que diz respeito aos setores de atividade, destaca-se a prestação de serviços, com um total de 40 entrevistados (74,1%) em relação ao número de entrevistados situados na população economicamente ativos (54).

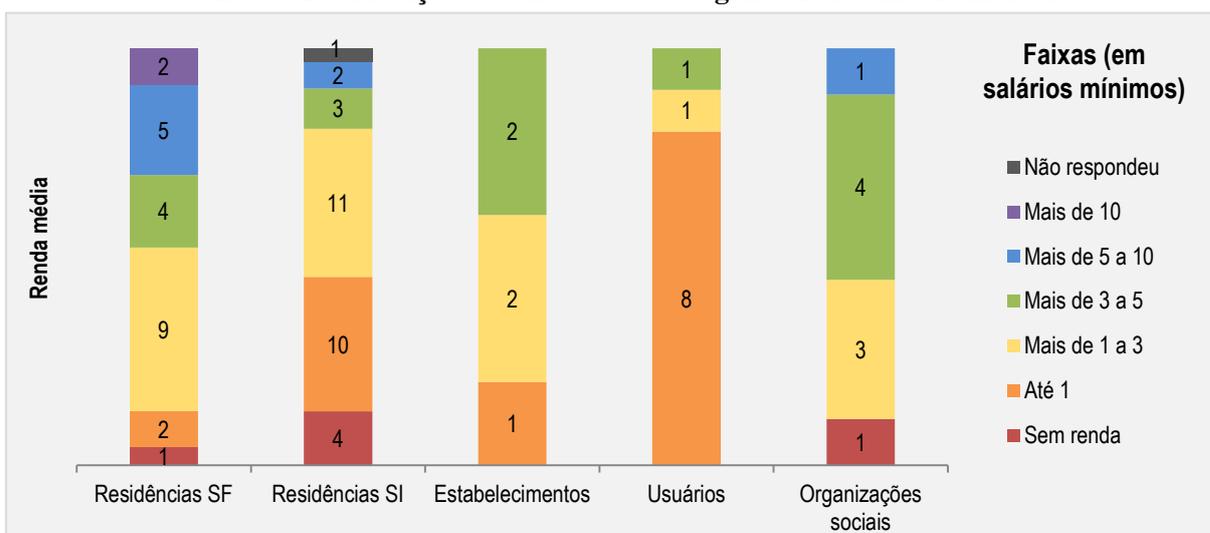
Tabela 9: Distribuição dos pesquisados segundo situação ocupacional

Situação ocupacional	RSF	RSI	ESTB	USU	OS	Total
Pessoas economicamente ativas						
Empregado com carteira assinada	3	12	1	0	2	18
Funcionário público	5	1	0	1	6	13
Profissional liberal/ Autônomo	4	1	1	0	0	6
Proprietário de estabelecimento	3	0	3	0	0	6
Empregado sem carteira assinada	2	1	0	0	0	3
Desempregado	1	5	0	0	0	6
Voluntário	0	0	0	0	1	1
Diarista ou eventual (sem patrão)	0	1	0	0	0	1
<i>Subtotal</i>	<i>18</i>	<i>21</i>	<i>5</i>	<i>1</i>	<i>9</i>	<i>54</i>
Pessoas não economicamente ativas						
Aposentado ou pensionista	5	8	0	0	0	13
Estudante	0	0	0	9	0	9
Dona de casa	0	2	0	0	0	2
<i>Subtotal</i>	<i>5</i>	<i>10</i>	<i>0</i>	<i>9</i>	<i>0</i>	<i>24</i>
Total	23	31	5	10	9	78
Sector de atividade						
Prestação de serviços	12	16	2	1	9	40
Comércio e atividades auxiliares	6	4	3	0	0	13
Transporte	0	1	0			1
<i>Total</i>	<i>18</i>	<i>21</i>	<i>5</i>	<i>1</i>	<i>9</i>	<i>54</i>

Fonte: Dados da pesquisa

Outra variável importante para uma análise da vizinhança seria o padrão de renda do total de pessoas entrevistadas. De acordo com o Gráfico 5 é possível perceber com os grupos são bastante distintos no quesito renda. Dentre os recortes do estudo a faixa mais significativa foi a de duas pessoas entrevistadas no grupo de Residências do Sagrada Família, que auferem mais de 10 salários mínimos. De uma forma geral os entrevistados com renda de até um salário (21 entrevistados) e com mais de 1 a 3 salários (26) são as faixas mais frequentes dentro do contexto da pesquisa, e a faixa com menor frequência foi o grupo de entrevistados sem nenhuma renda, com seis pessoas entrevistadas.

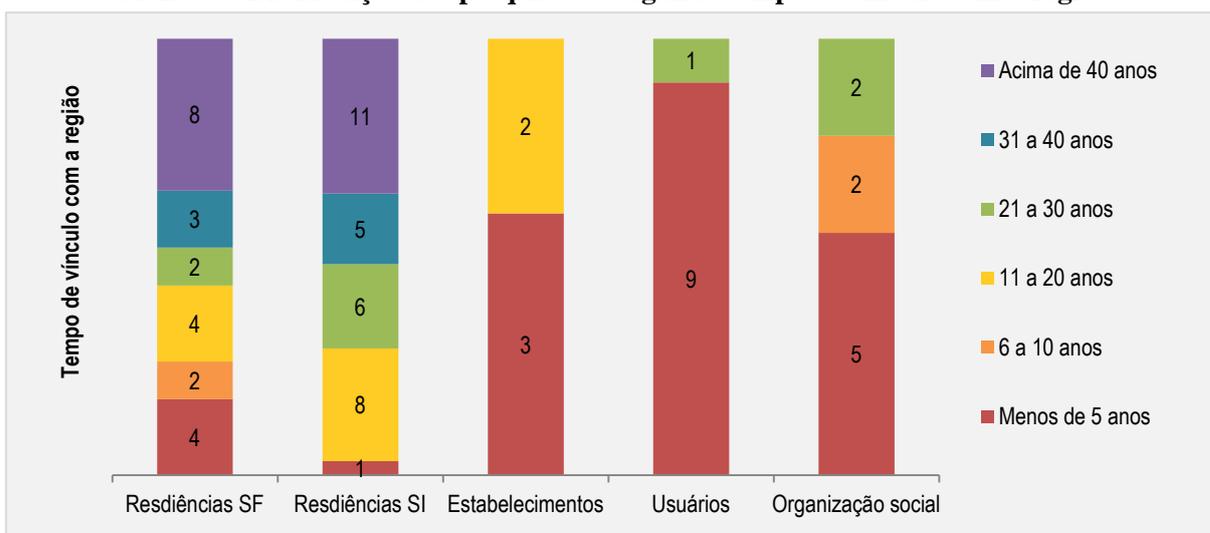
Gráfico 5: Distribuição dos entrevistados segundo renda média mensal



Fonte: Dados da pesquisa

O Gráfico 6 ilustra as informações referentes à declaração de tempo de vínculo com a área delimitada pelo estudo, sendo direcionada aos 78 entrevistados. A primeira observação a ser feita refere-se à distinção entre os grupos em relação ao tempo na região. De uma forma geral é possível inferir que os dois grupos de residências (com 19 entrevistados) possuem o maior tempo de vínculo (mais de 40 anos na região) em relação aos outros grupos, que possuem em geral uma predominância na faixa de até cinco anos na vizinhança (principalmente sendo destacado o grupo de usuários pela maioria de bolsistas entrevistados na pesquisa).

Gráfico 6: Distribuição dos pesquisados segundo tempo de vínculo com a região



Fonte: Dados da pesquisa

O número de pessoas por domicílio e de funcionários por estabelecimento é exposto pelo Gráfico 7. É possível inferir que o grupo de residências do Santa Inês possui um número

considerável de residentes, com sete ou mais pessoas em um domicílio (representado por cinco entrevistados). Porém, a predominância nesse recorte foi de três a quatro pessoas por domicílio (12 entrevistados), que também foi predominante no grupo do Sagrada Família (15 entrevistados). Em relação aos funcionários dos estabelecimentos o número de funcionários variou de 1 a 15, sendo que dois estabelecimentos possuem apenas o proprietário.

Em relação ao grupo de organizações sociais, que não está presente nos gráficos acima, o número é bem distinto com relação ao número de funcionários e o número de participantes das atividades (por tratarem de espaços coletivos, com atendimento ao público, possuem um raio amplo de atuação, extrapolando a área de influência).

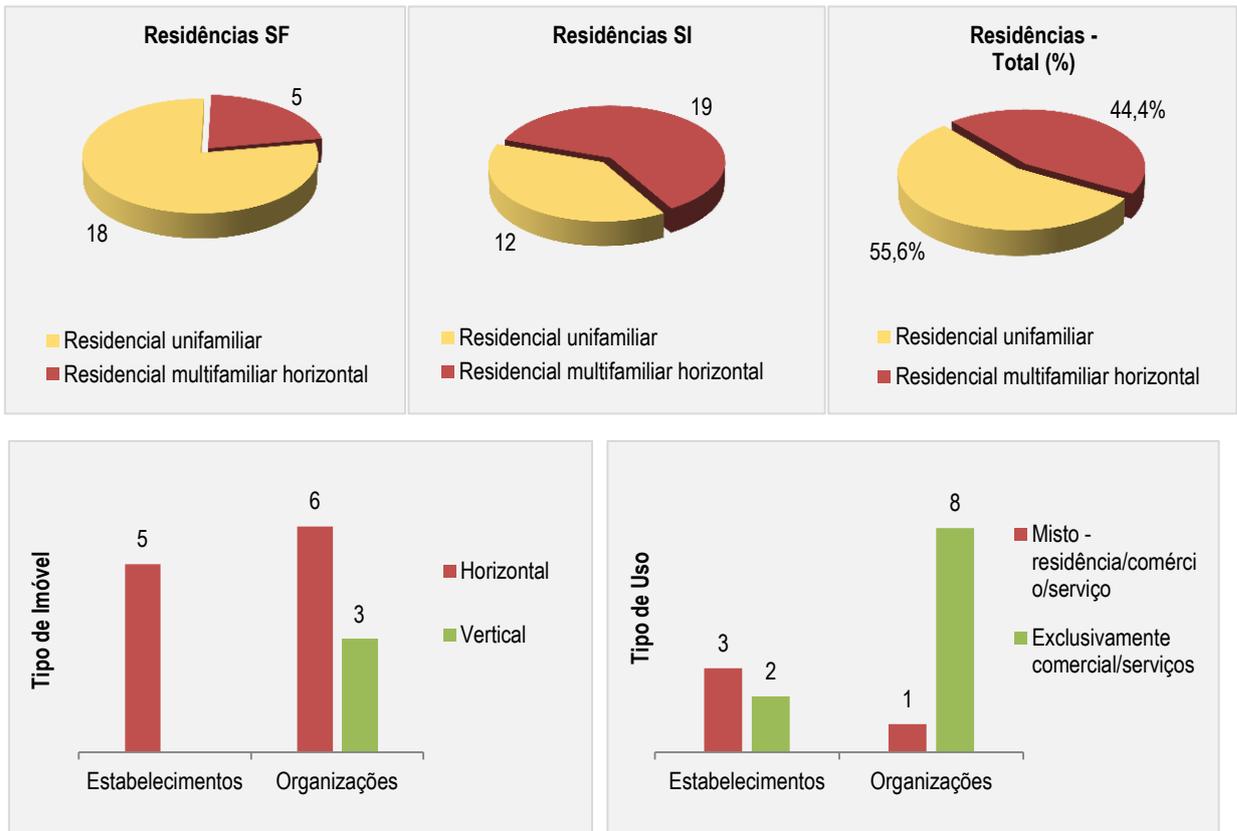
Gráfico 7: Distribuição dos pesquisados segundo número de pessoas por domicílio e por funcionários por estabelecimento



Fonte: Dados da pesquisa

Em relação ao tipo dos imóveis na área de influência, exposto pelo Gráfico 8, temos um número de 68 entrevistas, pois o grupo de usuários (10 entrevistados) não se encontra localizado na área de influência. É possível analisar que 55,6% do total de residência são unifamiliares. Verifica-se que não há edificações na área de influência, exceto no Bairro Sagrada Família, mas que, porém, não foi possível realizar entrevistas nesses imóveis. Os estabelecimentos da região foram todos horizontais, além de serem em sua maioria mistos (são comerciais e residenciais). Já as organizações sociais são em sua maioria horizontais (seis imóveis), e com seu uso 88,9% exclusivamente comercial ou de serviços.

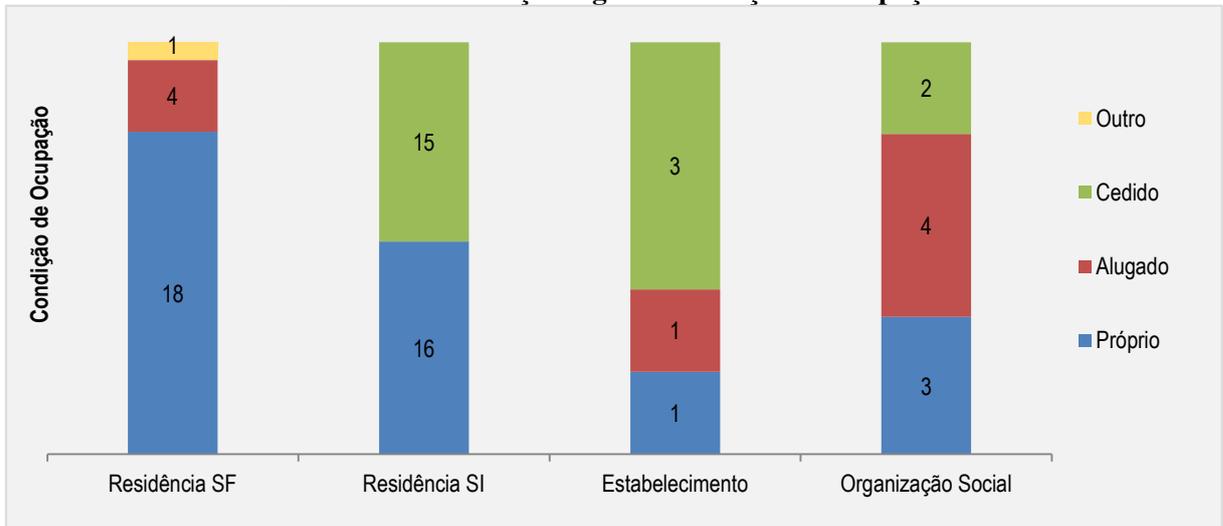
Gráfico 8: Tipo dos imóveis e uso dos mesmos



Fonte: Dados da pesquisa

No que diz respeito à condição de ocupação dos imóveis (Gráfico 9), em sua maioria observa-se imóveis próprios (com 38 dos entrevistados), seguido dos imóveis cedidos (20 entrevistados, sendo a sua maioria presente no grupo de residências do bairro Santa Inês, onde as casas foram cedidas pelo Estado).

Gráfico 9: Distribuição segundo condição de ocupação



Fonte: Dados da pesquisa

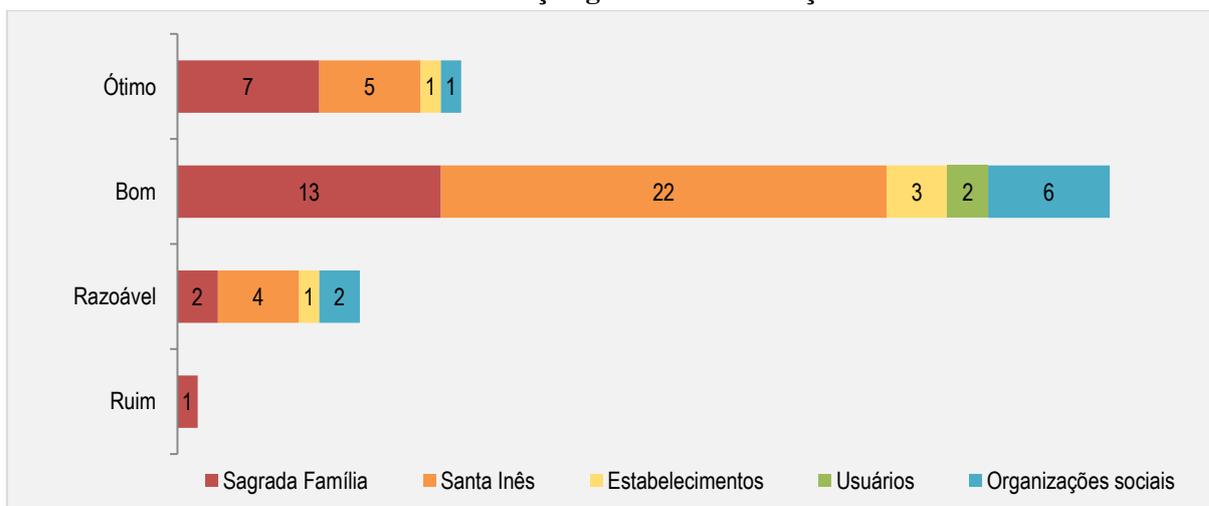
4.2 Percepções sobre a vizinhança

Após as questões referentes aos dados socioeconômicos das pessoas entrevistadas, a próxima etapa da pesquisa consistiu em analisar alguns aspectos e características presentes na região do estudo que influenciam no contexto e na dinâmica da região. Dentro do tópico de percepção sobre a vizinhança e o tópico de percepção sobre o Museu a distinção dos grupos se mantêm, exceto para questões de avaliações gerais da região, como é o caso dos Gráfico 10, Gráfico 11, Gráfico 12, Gráfico 13, e Gráfico 14. Essa percepção que será apresentada foi importante para compreender melhor os problemas do bairro em geral, quais são suas principais carências, suas potencialidades, etc.

O Gráfico 10 representa as frequências das avaliações gerais dos entrevistados em relação a região em que estão inseridos. A questão foi respondida por todos os grupos delimitados pela pesquisa, exceto por aqueles entrevistados que não residiam próximos da área de influência (foram desconsiderados da questão oito entrevistados, do grupo de usuários, por não residirem no entorno – ficando um total de 70 pessoas para fazerem as avaliações).

De acordo com os dados do gráfico a maior parte das avaliações é positiva (avaliando como “ótimo” ou “bom”) com 60 menções, e o restante dos entrevistados, 10, avaliaram como “razoável” as condições gerais do bairro, com nove menções, e apenas um entrevistado avaliou como “ruim” as condições gerais da região (sendo esta avaliação feita por um morador do Sagrada Família). A seguir podem ser observadas considerações a esse tópico.

Gráfico 10: Avaliação geral da vizinhança/bairro



Fonte: Dados da pesquisa

“Olha eu acho que é uma região **boa** em visto do que eu já trabalhei. Eu venho de Ribeirão das Neves então aqui, para mim é bom” (Setor Público).

Eu acho um bairro **bom**, ele tem uma localização privilegiada na capital, é muito perto do centro, ele é servido pela linha de metro, que facilita o transporte então no nosso caso que tem aluno de todo lugar da capital, é excelente não é? (Setor Público).

A pergunta seguinte a avaliação dizia respeito aos serviços disponíveis no bairro, sendo que estes deveriam ser avaliados de acordo com a mesma ideia da questão anterior, atribuindo a cada aspecto as classificações de "excelente", "bom", "regular", "ruim", "péssimo" ou "inexistente". Além de atribuírem uma “nota” a cada um dos temas, ao final das questões deveriam indicar os três aspectos ou serviços mais preocupantes (carentes ou prioritários) na região, de acordo com a sua percepção do entorno. Esta avaliação deveria ser feita de acordo com a ordem de 1º, 2º e 3º prioridades.

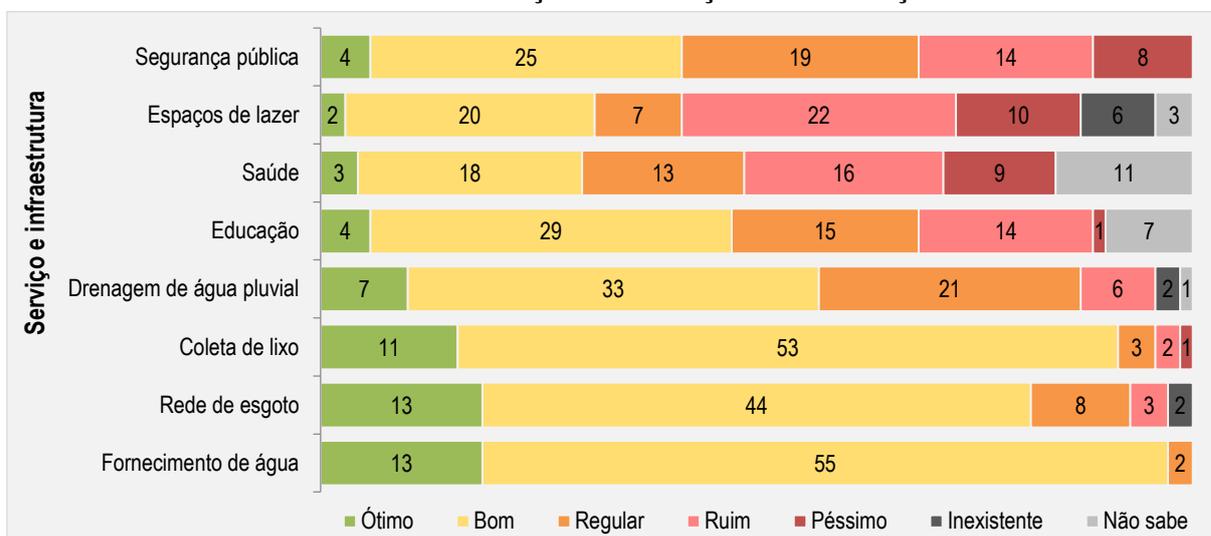
Essa pergunta também foi respondida apenas por 70 pessoas, pois oito usuários não residem na área do entorno, e o resultado final da avaliação de cada serviço foi agrupado em três grupos, sendo também apresentados em três gráficos distintos (sem a distinção dos recortes da pesquisa). Que seriam o gráfico de serviços e infraestrutura, o gráfico de mobilidade urbana, e por último o gráfico que contempla os outros temas que foram questionados aos entrevistados.

O Gráfico 11 ilustra as questões relativas a serviços e infraestruturas presentes na região. De acordo com o mesmo as questões correspondentes a serviços de saneamento básico (água, rede de esgoto, coleta de lixo e drenagem de água pluvial) destacam-se pelas melhores avaliações dentro desse grupo de temas de serviços, sendo avaliadas com o maior número de “ótimo” ou “bom”. As avaliações dos espaços públicos de lazer obtiveram as piores avaliações, sendo respondidas com 22 menções ruins, 10 menções como péssima, e 6 entrevistados apontaram que esse serviço é inexistente na região (totalizando um total de 38 menções negativas). Os serviços de saúde pública, segurança e educação foram razoavelmente mal avaliados, sendo que alguns dos entrevistados não avaliaram esses serviços por não utilizarem os mesmos (18 de 60 entrevistados não souberam avaliar esses três serviços públicos). Alguns trechos das entrevistas ilustram um pouco os itens avaliados nesse conjunto de serviços, como pode ser visualizado a seguir:

“Aqui a nossa **água** vem da rua, então problemas mesmo com fornecimento não temos, foi pontual uma ou duas vezes, mas que foi resolvido, então está tranquilo” (Setor Público).

“Ter tem, inclusive tem ate o Museu de História aí, que o pessoal visita muito. Tem algumas **áreas de lazer**... tem. Mas pode melhorar não é?Então está mais ou menos. Ainda falta muito para melhorar” (Setor Público).

Gráfico 11: Avaliações dos serviços da vizinhança



Fonte: Dados da pesquisa

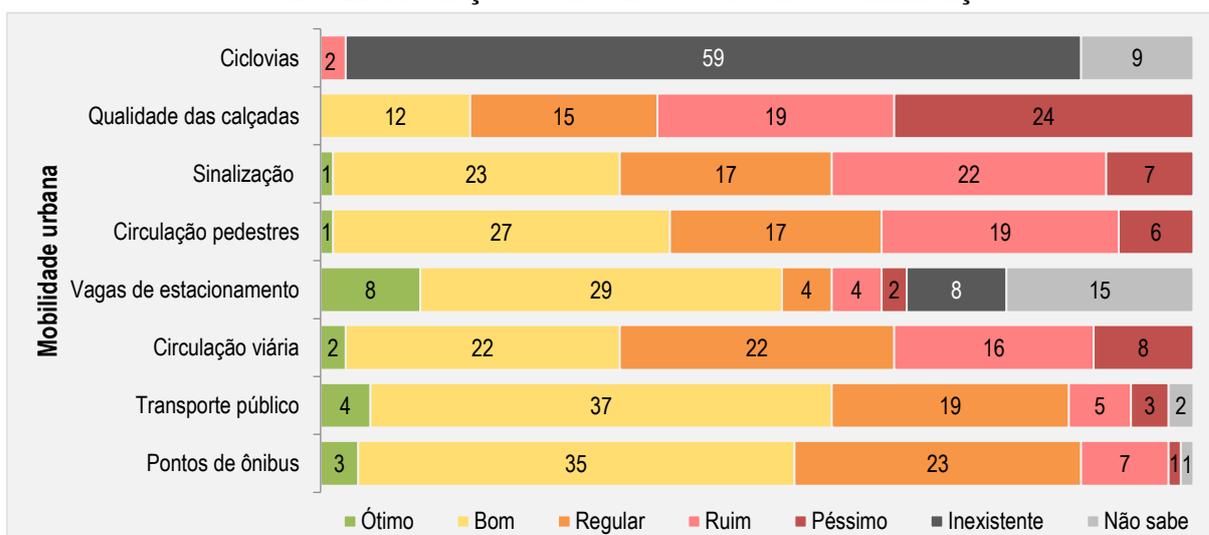
Já em relação ao gráfico de mobilidade urbana, Gráfico 12, a situação é um pouco diferente, pois foi o grupo que recebeu as piores avaliações em relação a todos os outros temas, sendo avaliados em sua maior parte entre “ruim”, “péssimo” e “inexistente”.

As piores avaliações dentro desse grupo referem-se à inexistência de ciclovias (59 avaliações), aos aspectos relacionados a qualidades das calçadas (43 menções negativas), a sinalização em geral (com 29 respostas negativas) e aos aspectos relacionados com a circulação de pedestres (25 avaliações negativas). Os outros temas, com exceção dos transportes públicos e pontos de ônibus, também receberam um número considerável de menções negativas, como é o caso da circulação de trânsito e as vagas de estacionamento (24 e 23 menções negativas respectivamente).

“A **sinalização** para o **pedestre** eu acho péssimo. Meus alunos correm pra um lado e pro outro, não tem um quebra mole, uma grade, não tem nada. Eu acho péssimo” (Setor Público).

“Em relação as **calçadas** eu acho ruim também. Tem algumas falhas de acessibilidade pra cadeirante, por exemplo... Então acredito que seja regular para ruim. Não está no nível que a gente quer não é?” (Setor Público).

Gráfico 12: Avaliações de mobilidade urbana da vizinhança



Fonte: Dados da pesquisa

O último grupo de temas (Gráfico 13), que agrupa os diversos serviços existentes na região, possui em sua maioria avaliações predominantemente positivas (avaliados entre “ótimo” ou “bom”). Os aspectos relacionados às áreas verdes e a arborização das vias obtiveram as maiores frequências positivas (com 64 e 50 menções positivas respectivamente), principalmente por se tratar de uma região onde a presença do Museu influencia muito nas questões climáticas, na pureza do ar, e dentre outras consequências positivas em se ter uma área verde dentro do contexto urbano.

Após esses temas os demais também são muito bem avaliados, sendo as relações de vizinhança predominantemente positivas (com 59 menções), corroborando para as falas dos moradores que residem há anos na região, que cultivam uma relação bastante amigável na vizinhança. Somente os temas de comércio e serviços (29 menções) e o tema de mobiliário urbano (48 menções) que receberam avaliações negativas, sendo classificados entre “ruim”, “péssimo” ou “inexistente”.

Esse tema também possui diversas falas das entrevistas que contribuem para a percepção dos moradores da Área de Influência, sendo alguma delas:

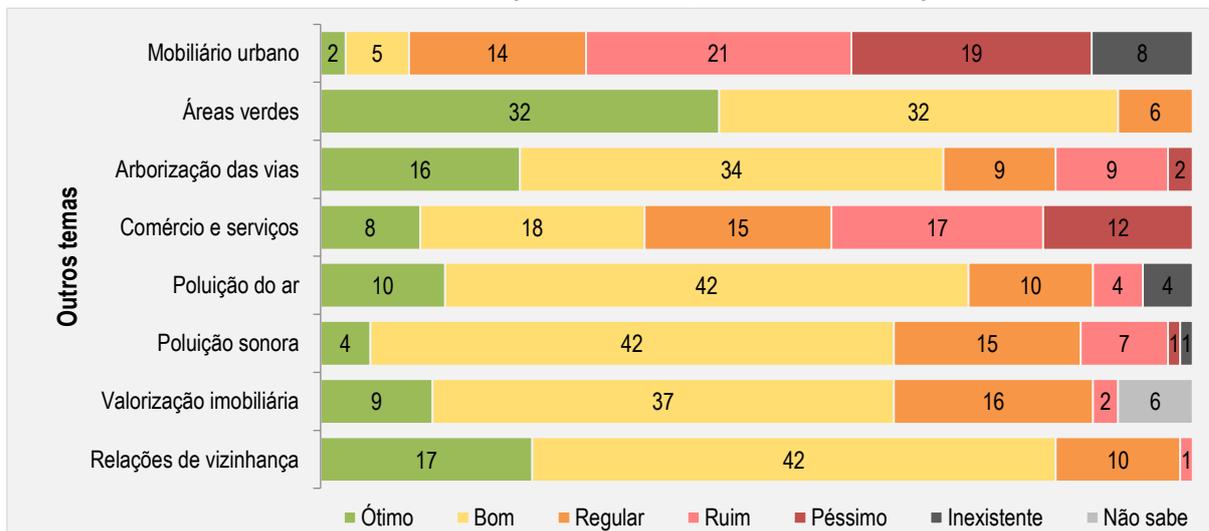
“Aqui é o que mais tem, não é? Então assim, aqui é ótimo, mas fora daqui não tem. Fora daqui tem a UFMG. Então tem muito pouco espaço de **área verde**. Mas na região está ótimo” (Setor Público).

“**Relação da vizinhança** é boa, pessoal é típico como se fosse interior mesmo. É um dos bairros que preserva isso até hoje” (Instituição Religiosa).

“Olha se for mais pra lá onde tem prédio, a **valorização** é boa sim. Mas por aqui, tem umas áreas que você entra que são vilas, becos, então questão da

aqui moradia ela é mais ou menos, porque eu tenho muitos alunos aqui que moram em beco e casa de 3 cômodos, mesmo ali na frente do museu não é, que uma região excelente, eu tenho muitos alunos que moram ali” (Setor Público).

Gráfico 13: Avaliações de temas gerais da vizinhança



Fonte: Dados da pesquisa

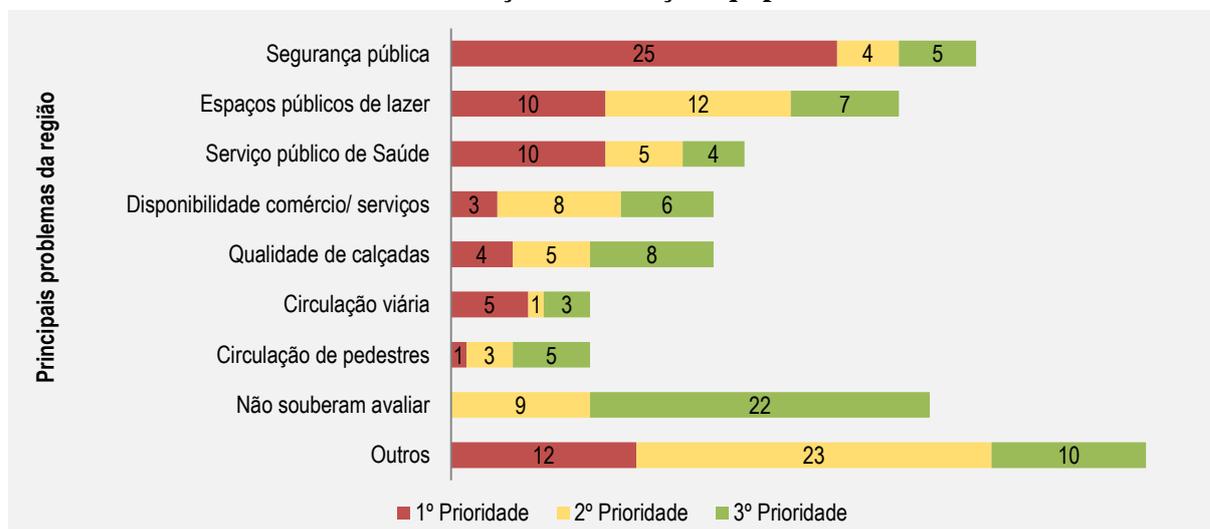
Em geral, de acordo com esses grupos de avaliações, a região aparenta ser muito boa, principalmente por ser mais “antiga”, com moradores antigos, e por ter o privilégio de usufruírem de uma diversidade grande de transportes públicos, uma bela área verde, além de muitas outras características positivas que foram citadas ao longo do estudo de percepção.

Como foi dito na introdução dessas avaliações além de atribuírem uma classificação para os temas, ao final das avaliações, os entrevistados deveriam também indicar os três temas mais preocupantes ou carentes na região (Gráfico 14). A segurança pública, apesar de ter sido razoavelmente mal avaliada, foi a principal preocupação dentro dos 70 entrevistados no estudo (com 34 menções, sendo 25 citações como primeira prioridade, quatro como segunda, e cinco como terceira prioridade). A categoria dos espaços públicos também foi colocada como carente na região, com 29 menções (sendo 10 citações de primeira prioridade, 12 como segunda, e sete como terceira).

Em relação às outras categorias, que obtiveram um destaque bem menor, foram citadas a questão da disponibilidade de serviços e comércios, a qualidade das calçadas, a circulação viária e a circulação de pedestres. A categoria “outros” diz respeito às temáticas que receberam as menores frequências, sendo elas: serviço público de educação, transporte público, drenagem de água pluvial, vagas de estacionamento, mobiliário urbano, poluição

sonora, pontos de ônibus, áreas verdes, rede de esgoto, arborização das vias, coleta de lixo e a sinalização.

Gráfico 14: Distribuição dos serviços/equipamentos carentes



Fonte: Dados da pesquisa

A pergunta seguinte do questionário refere-se aos espaços e/ou equipamentos de uso coletivo ou comunitários, como praças, parques, campos de futebol, que podem ou não existir na região. A pergunta foi direcionada aos 78 entrevistados na pesquisa.

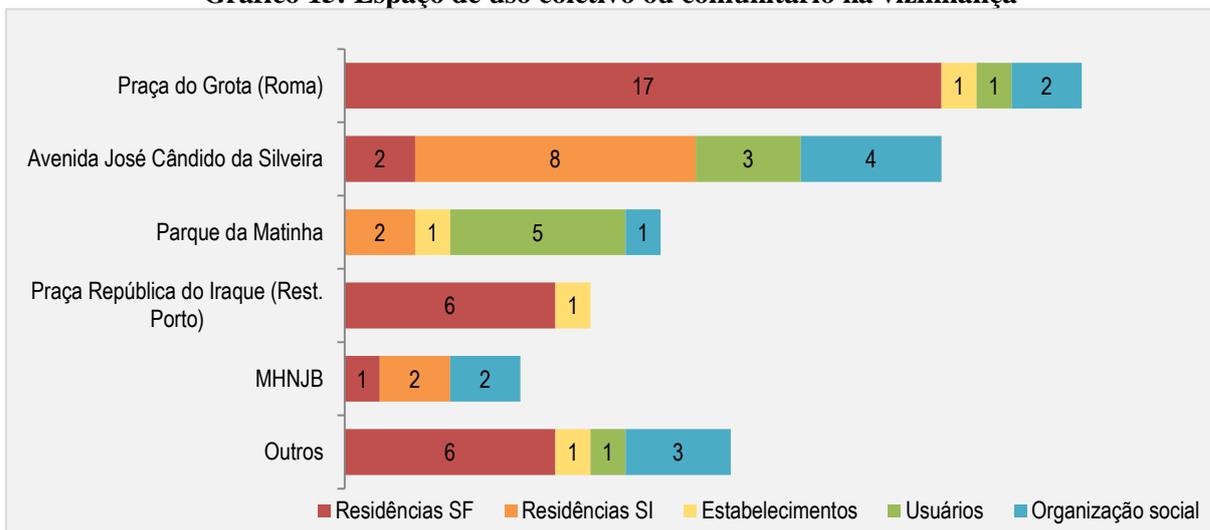
De acordo com o estudo 47 pessoas (60,3%) alegaram que existem tais espaços na região, 27 entrevistados (34,6%) disseram não existir nenhum tipo de espaço de lazer na região, e três pessoas não souberam informar.

Aos entrevistados que afirmaram existir algum espaço de uso coletivo foi solicitado que citassem quais seriam esses espaços, sendo realizadas 70 menções, com oito espaços diferentes. A seguir, no Gráfico 15, estão os locais mais citados pelos entrevistados.

Assim, foram mencionados a Praça do Grotá, perto do supermercado Roma, por 21 entrevistados, a Avenida José Cândido da Silveira com 17 menções (apesar de não ser um espaço com mobiliários urbanos como bancos ou outros equipamentos de lazer, mas que é utilizado para caminhadas e atividades físicas), o Parque da Matinha, próximo do MHNJB, com nove menções, a Praça República do Iraque, com sete menções, e o Museu com cinco menções. Na categoria “Outros” foram compilados os espaços que foram citados somente uma vez, que foi o caso da Academia ao ar livre, da José Cândido, a Praça Nilo Peçanha, no Sagrada Família, e a Praça próxima a Rua Cabrobró.

É importante ressaltar que o grupo de Residências do Sagrada Família fez o maior número de citações, com 32 menções (ou 45,7% do total), e o grupo das Residências do Santa Inês apenas 12 (17,1%). As falas a seguir ilustram essa carência de espaços de lazer na AI:

Gráfico 15: Espaço de uso coletivo ou comunitário na vizinhança



Fonte: Dados da pesquisa

“A única praça que tem é a pracinha do Boa Vista ou ali dentro do bairro Sagrada Família. Porque que aqui, no interior do bairro Santa Inês, não existe esse tipo de espaço coletivo” (Associação Comunitária).

“Sinto falta de pracinhas, pracinhas eu sinto muita falta porque eu não vejo muitas crianças, você vê muitos adultos caminhando, mas crianças você não vê. Não é muito atrativo não é? Então assim, pracinha com área verde, com água, espaço para criança correr, deitar rolar com grama, isso aí não tem aqui na região” (Setor Público).

Os entrevistados também foram questionados a respeito das transformações que poderiam ou não ter acontecido na região nos últimos três anos, como pode ser observado no Gráfico 16, e caso percebessem algum tipo de mudança era necessário citá-las na pesquisa.

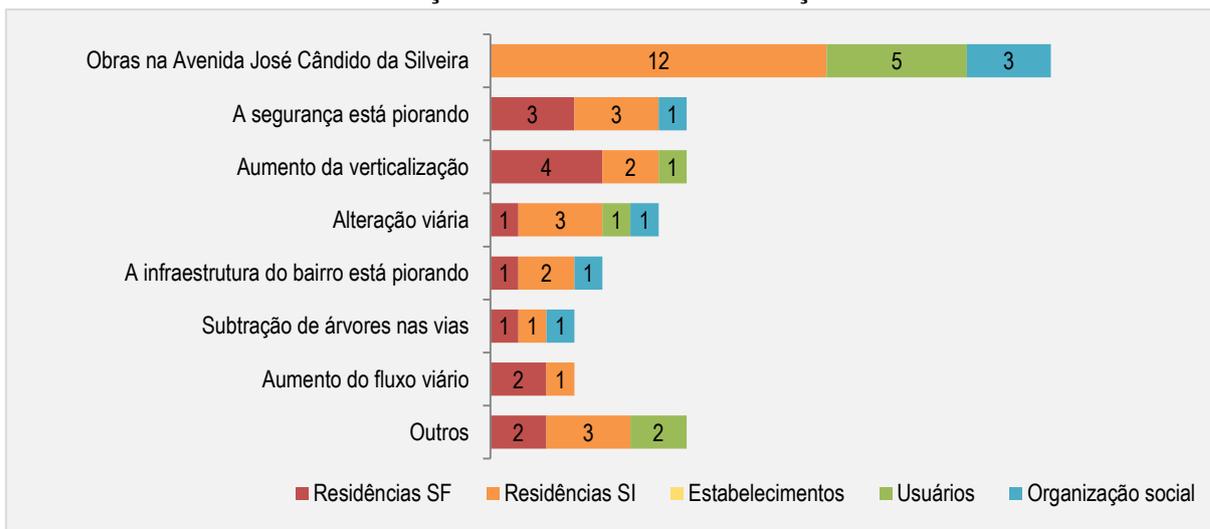
Em relação ao total de entrevistados no estudo, apenas 38 afirmaram ter percebido algum tipo de transformação na vizinhança (48,7%), 36 alegaram não perceber mudanças em geral (46,2%), e apenas quatro pessoas (5,1%) não souberam avaliar se existia ou não algum tipo de mudança que interferisse na dinâmica da região.

Como o entrevistado podia citar mais de uma mudança, no total foram contabilizados 57 menções, com 12 tipos de transformações diferentes. A principal mudança (a mais frequente dentre as menções citadas) está relacionada às obras na Avenida José Cândido da Silveira

(Via 710), com 20 menções, seguidos do aumento da insegurança e da verticalização da região do entorno, ambas com sete menções cada.

Em geral, o restante das menções foi pouco expressivo, além de que novamente foi colocado nesse tópico o grupo classificado como “outros”, que engloba as mudanças mencionadas uma ou duas vezes pelos entrevistados.

Gráfico 16: Transformações na dinâmica da vizinhança nos últimos três anos



Fonte: Dados da pesquisa

Essa questão também foi um pouco comentada nas entrevistas gravadas, sendo em sua maioria transformações ruins para a dinâmica da vizinhança, e que podem ser verificadas nas falas a seguir:

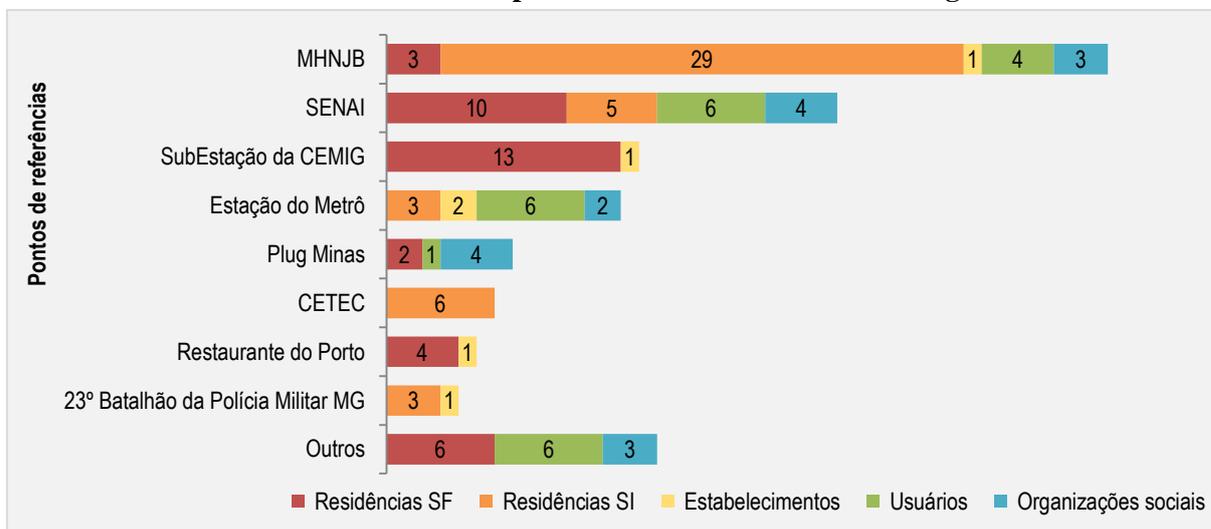
“Vou ser bem sincera, **mudança para pior**, por causa dessa questão da sinalização sabe. É um descaso mesmo com o bairro. Não teve mudança positiva não, nada novo. Piorou a segurança, uso de drogas. Está mais inseguro” (Setor Privado).

“Na região do entorno do Museu, não, estou vendo só essa questão da obra da **Via 710**, mas basicamente isso, fora isso não tem mesmo não” (Administração do MHNJB).

O último tópico das questões relacionadas com a dinâmica da região está relacionado com a existência ou não de pontos que trazem visibilidade, ou seja, que são marcos ou referências na região, que as pessoas utilizam para referenciar a mesma. Dentro o total de entrevistados apenas uma pessoa afirmou que não tinha conhecimento sobre a existência de pontos de referência na região, e as outras 77 mencionaram pelo menos um ponto para a questão. Ao todo foram apontados 14 locais distintos como ponto de referência e 129 menções foram

feitas sobre esses locais. O Gráfico 17 demonstra os principais locais citados pelos entrevistados com suas respectivas frequências.

Gráfico 17: Marco ou ponto de referência utilizado na região



Fonte: Dados da pesquisa

Em relação aos 14 pontos mencionados o MHNJB foi o local mais citado como ponto de referência para a região, com 40 menções (sendo três menções nas residências do Sagrada Família, 29 nas residências do Santa Inês, uma menção dos estabelecimentos, quatro entre o grupo de usuários, e três menções no grupo das organizações sociais).

Em segundo lugar destaca-se o SENAI, que fica ao lado esquerdo do Museu, com 25 menções, a Subestação da CEMIG, no bairro Sagrada Família, com 14 menções, e a estação do metrô Santa Inês, com 13 menções dos entrevistados. Os demais pontos de referência obtiveram uma menor incidência de citações, além de ter criado um grupo de “outros” onde foram agrupadas as menções com pouca representatividade, que seriam: o Estádio do Independência, a FAPEMIG, o supermercado Roma, a Casa do Sol, a Paróquia Santa Edith Stein, e a SERPRO.

As falas a seguir demonstram um pouco o ponto de vista das organizações a respeito de pontos de referências na Área de Influência:

“O Presépio do Pipiripau. Quando ninguém sabe chegar aqui eu falo ‘onde fica o presépio’” (Setor Público).

“O Museu do Horto seria um **ponto de referência**, o pessoal fala, mas as vezes sem nem saber o nome oficial, ‘Museu do Horto’, ‘Instituto Agrônômico’ e ‘Pipiripau’ principalmente, nem sabe que é um Museu e acha estranho quando fala” (Setor Público).

4.3 Percepção sobre o Museu de História Natural e Jardim Botânico da UFMG

Esta sessão do questionário diz respeito a questões relacionadas ao Museu de História Natural e Jardim Botânico da UFMG. Os entrevistados foram indagados quanto ao conhecimento do local, aos aspectos positivos e negativos gerados pelo mesmo, possíveis conflitos existentes com o espaço, além de outros questionamentos que permitiu ao entrevistado a reflexão sobre o papel social que o Museu desenvolve na região como um todo, se existe algum problema que afeta o Museu ou a comunidade do entorno, e entre outros fatores que serão ilustrados a seguir. Serão utilizadas as falas da Administração do Museu para ilustrar os resultados encontrados; além das falas das instituições entrevistadas.

A primeira questão dessa sessão foi direcionada para residentes, representantes dos estabelecimentos entrevistados, usuários do MHNJB e as organizações/instituições atuantes na região. A pergunta, inicialmente, refere-se ao conhecimento sobre o espaço onde está situado o Museu (Gráfico 18). Do total de 78 entrevistados apenas dois moradores do Sagrada Família não sabiam sobre sua existência (2,6% do total), o que demonstra que quase 100% das pessoas entrevistadas na pesquisa conhece ou pelo menos já ouviu falar sobre o MHNJB.

Gráfico 18: Conhecimento sobre o MHNJB e algum fato histórico relacionado ao mesmo



Fonte: Dados da pesquisa

Em relação ao segundo questionamento, referente ao surgimento do espaço ou a algum fato histórico que as pessoas do entorno conhecem ou comentam sobre o Museu, foi respondido pelas 76 pessoas que afirmaram ter conhecimento sobre o mesmo. A proporção de pessoas que afirmaram saber algum fato marcante e as que não souberam informar foi consideravelmente semelhante (52,6% souberam apontar algum aspecto sobre o surgimento do Museu na região e 47,4% não soube responder ao questionamento).

A seguir (Tabela 10) podem ser visualizadas as respostas encontradas no estudo com suas respectivas frequências. Ao todo foram feitas 13 menções diferentes para explicar o surgimento do Museu ou algum fato importante do mesmo. A principal resposta dos entrevistados, principalmente do ponto de vista dos moradores do bairro Santa Inês, foram as indagações referentes ao seu Sr. Raimundo Nonato e seu presépio do Pipiripau (com 14 citações). A maior parte das menções foram citadas apenas uma vez, mas possuem grande relevância para a compreensão de como o Museu é compreendido pelas pessoas do entorno.

Tabela 10: Explicações sobre o surgimento do MHNJB

Como surgiu o Museu de História Natural	RSF	RSI	ESTB	USU	OS	Total
O Museu surgiu com o seu Raimundo Nonato e o presépio do Pípiripau	4	8	0	0	2	14
Era uma fazenda de café, repassada para Estado e se tornou um horto florestal, o Instituto Agrônômico, e em 1968 virou o MHNJB	0	0	0	7	0	7
Era um instituto Agrônômico, do estado, e depois a federação cedeu o local para a UFMG	2	4	0	0	1	7
Os avós plantaram árvores dentro do Museu e hoje têm que pagar entrada	0	2	0	0	0	2
Tudo começou através de uma fazenda e depois virou Museu	1	0	1	0	0	2
Era uma área verde exótica, foram plantadas por um professor Botânico da UFMG	1	0	0	0	0	1
Surgiu da dívida do dono da fazenda, com o governo, e depois que se tornou um espaço de conhecimento	0	0	0	1	0	1
Surgiu da ideia de ambientalistas. Eles resolveram fazer um estudo a respeito (curso de história natural)	0	0	0	1	0	1
Sabe sobre algumas lendas urbanas do Museu	0	1	0	0	0	1
Índios moravam no local, e depois o espaço foi utilizado como um Museu	0	1	0	0	0	1
Era casa de férias do governador de MG, depois o espaço começou a ser utilizado para pesquisa, e depois virou o Museu	0	1	0	0	0	1
Começou com o Instituto Agrônômico e a vinda do Pípiripau para o Museu	1	0	0	0	0	1
Com a nova lei da Universidade surgiu a necessidade de criar o Museu (através do IGC e ICB) sob a perspectiva de naturalistas	0	0	0	1	0	1
Não se aplica	12	14	4	0	6	36
Total	21	31	5	10	9	76

Fonte: Dados da pesquisa

Posteriormente, foram feitos questionamentos a respeito da relação do Museu com a região ou com o entrevistado, sendo questionado sobre possíveis impactos positivos ou negativos decorrentes da presença do Museu no local.

Do total de entrevistados, 72 pessoas (92,3%) responderam que existe algum tipo de interferência ou mudança no que diz respeito a presença do Museu na região, e apenas seis (7,7%) não souberam fazer uma avaliação a respeito de aspectos positivos ou negativos do Museu. Os resultados das avaliações são apresentados na Tabela 11 e na Tabela 12.

Tabela 11: Aspectos positivos mencionados

Aspectos positivos em relação ao MHNJB	RSF	RSI	ESTB	USU	OS	Total
Importante área verde em uma área urbanizada	11	12	3	5	6	37
Importante espaço de conhecimento e cultura	5	9	0	8	0	22
Área de Lazer	7	8	1	0	1	17
Favorece o clima da região	4	3	2	1	4	14
Possui uma grande biodiversidade	2	1	0	3	3	9
A estrutura do Museu é muito boa	1	1	0	2	2	6
Ponto de referência	0	4	1	0	1	6
Importante para a história da região	2	2	0	1	0	5
O Presépio do Pipiripau é muito interessante e importante para a região, traz visibilidade	1	3	0	0	1	5
Aproximação das pessoas com animais e plantas exóticas	1	0	0	1	2	4
Atividades para crianças no período das férias	1	0	0	2	0	3
Oferece atendimento as escolas em geral	1	0	0	1	1	3
Ofereciam atividades e cursos para o pessoal do entorno	0	3	0	0	0	3
Movimentação/atração de pessoas	0	3	0	0	0	3
O charme do presépio do Pipiripau	0	1	0	1	0	2
O fato de existir	1	0	0	0	0	1
Não sabe/ não respondeu	0	1	1	0	0	2
Total	37	51	8	25	21	142

Fonte: Dados da pesquisa

As respostas foram predominantemente positivas em relação a existência do Museu no local sendo feitas 16 menções diferentes nesse sentido. Como o entrevistado poderia citar mais de um aspecto positivo foram feitos ao todo 142 citações positivas, lembrando que seis entrevistados declararam que a presença do Museu é indiferente para região (não apontando nenhum tipo de aspecto positivo ou negativo).

As principais menções referem-se à importância de uma área verde dentro de um contexto urbano (37 menções), a presença de um espaço de conhecimento e cultura na região (22 menções), a importância de ter uma área de lazer próxima as suas casas (17 menções), e a condições climáticas da região que os entrevistados atribuíram a presença do Museu (14 menções).

Os outros aspectos citados possuem um número de menções um pouco menores, mas são significativos no que diz respeito aos benefícios que o Museu proporciona para a região e suas atuações em geral, como as atividades que são feitas com as escolas, seu papel de conservar a biodiversidade, e entre outros. As falas abaixo são importantes para compreender os aspectos positivos citados na pesquisa:

“O Museu é um centro de lazer, de cultura, proporciona bem-estar devido à essa vegetação que a gente tem aqui, esse contato com a natureza, então acredito que seja muito importante para a região, principalmente para quem mora aqui pertinho” (Setor Público).

“Demais, enriquecedor demais. O cuidado que a gente transmite para todos, nossa comunidade escolar aqui com relação à fauna, a flora entendeu? Chamar atenção para as árvores, “olha gente como aquela árvore está florida”. Eu acho que é perfeito a qualidade de vida no sentido emocional, de olhar o que é belo simplesmente olhar pela simplicidade isso é fundamental” (Setor Público).

“A mata, principalmente. Eu acho que o ponto dele assim, mais forte. O presépio eu acho que é valor cultural muito forte que atrai muita gente até hoje para você ver que quando reinaugurou em abril, o número de visitantes aumentou muito. Como no início o atendimento dos monitores não tinha formação, eu fiz muitas vezes atendimento no presépio e recebíamos pessoas de outras regiões do país, mas também de fora (exterior)” (Administração do MHNJB).

“Bom, pontos positivos seriam a facilidade do acesso, há espaços expositivos não é. Toda essa massa verde aqui melhorando o ‘microclima’ local. Você sai daqui de dentro e vai para o calorão lá fora, dá uma diferença brutal. Sim, ter a mata influencia no clima” (Administração do MHNJB).

No que diz respeito aos aspectos negativos foram feitas 17 menções diferentes de problemas gerados pela presença do Museu na região, e como os entrevistados poderiam sugerir mais de um aspecto negativo, foram feitas 100 citações nesse aspecto. A grande maioria dos entrevistados, 23 (ou 31,9% do total de pessoas que afirmaram que o Museu trazia algum tipo de mudança ou interferência na região), não soube apontar algum problema decorrente da presença do Museu no local, conforme pode ser comprovado na Tabela 12.

Tabela 12: Aspectos negativos mencionados

Aspectos negativos em relação MHNJB	RSF	RSI	ESTB	USU	OS	Total
Não sabe/ não respondeu	7	10	2	1	3	23
As pessoas não conhecem o Museu por falta de divulgação	5	3	1	2	2	13
Falta interatividade com a comunidade do entorno	1	2	1	3	3	10
O pessoal que mora no entorno agora paga a entrada do Museu (antes não pagavam)	0	6	0	1	2	9
Falta manutenção nas áreas do entorno do Museu	1	5	1	1	0	8
Falta fiscalização nos limites do Museu	2	4	0	0	1	7
Fecharam o campo onde as pessoas praticavam esportes em geral	0	5	0	0	1	6
Não tem acessibilidade em geral (para idosos, ou pessoas com algum tipo de dificuldade de locomoção)	1	0	0	3	0	4
O local onde está inserido está inseguro, falta melhorar a infraestrutura da Rua Gustavo da Silveira	2	1	0	0	1	4
Falta de manutenção em alguns espaços e/ou exposições	0	2	0	2	0	4
A polícia militar saiu do Museu (tinha uma sede), oferecia mais segurança para a região	1	1	0	0	0	2
A sinalização dentro do Museu é ruim (faltam placas indicativas, informações sobre ed. ambiental, etc.)	0	0	0	2	0	2
Seu potencial não é totalmente utilizado	0	0	0	1	1	2
Está afastado de alguns vizinhos imediatos	1	0	0	0	1	2
A administração do Museu é ruim (várias exposições foram fechadas)	0	0	0	1	0	1
Faltam recursos para o Museu	0	0	0	1	0	1
Os bichos que vivem no Museu invadem as casas, gerando alguns transtornos aos moradores	1	0	0	0	0	1
Tem poucas entradas de acesso para o Museu	1	0	0	0	0	1
Total	23	39	5	18	15	100

Fonte: Dados da pesquisa

A questão mais problemática apontada (com 13 menções), e bastante discutida pelos entrevistados durante a realização da pesquisa, foi a questão da falta de divulgação das atividades que acontecem no Museu, quais exposições são oferecidas, etc. Em segundo lugar foi identificado uma deficiência em relação ao contato do Museu com a comunidade do entorno (com 10 menções, sendo que a maioria é proveniente do grupo de usuários do Museu, o que indica que esse problema é conhecido internamente).

Outros problemas apontados foram a mudança das políticas do Museu em relação ao pagamento da entrada pelas pessoas que moram mais próximos do Museu (nove menções), a falta de manutenção das áreas do entorno (oito menções), que está relacionado também com a queda de árvores nas casas vizinhas, ao buraco que existe próximo à Rua Sete, e entre outros fatores. Os outros aspectos apontados na pesquisa, com frequências menores, estão relacionados com alguns fatores que já foram citados acima, mas que são importantes para entender como o espaço interage com a população do entorno. As falas a seguir corroboram com os aspectos negativos, em relação ao Museu, citados ao longo do estudo:

“O ponto negativo é que eles cobram uma taxa de entrada que não condiz com a realidade da comunidade porque é 12 reais. E a escola paga meia, estudante paga meia. Porque você pensa um adulto levar um filho, não tem como” (Setor Público).

“Antigamente nós não pagávamos para entrar no museu, a gente entrava tranquilo, passeava lá dentro, jogava bola no Campinho. Mas agora com o diretor novo tem um tanto de coisa que está diferente. E está é ruim. A sensação é de que a comunidade é marginalizada pelo Museu. Quando acontece algum problema, igual quando cai alguma árvore aqui, eles nunca tomam providências. Mas quando meu tio foi mordido por um bicho, que eu nem sei o nome, e nós matamos o bicho, veio Alessandra, diretor, veio Deus e o mundo fazer reclamação. Então acho que o principal ponto negativo, que eu vejo, é essa relação, que está ficando cada vez pior (Associação Comunitária).”

“Eu acho que nós não conseguimos atrair [...], eu acho que nós temos uma dificuldade de atrair o público, talvez promover eventos, ter uma maior visibilidade ser um espaço mais atraente para população no geral, talvez falta assim, um cuidado maior assim com espaços que estão precisando de manutenção e tal, falta de condições para cuidar dos espaços e fazer manutenções” (Administração do Museu).

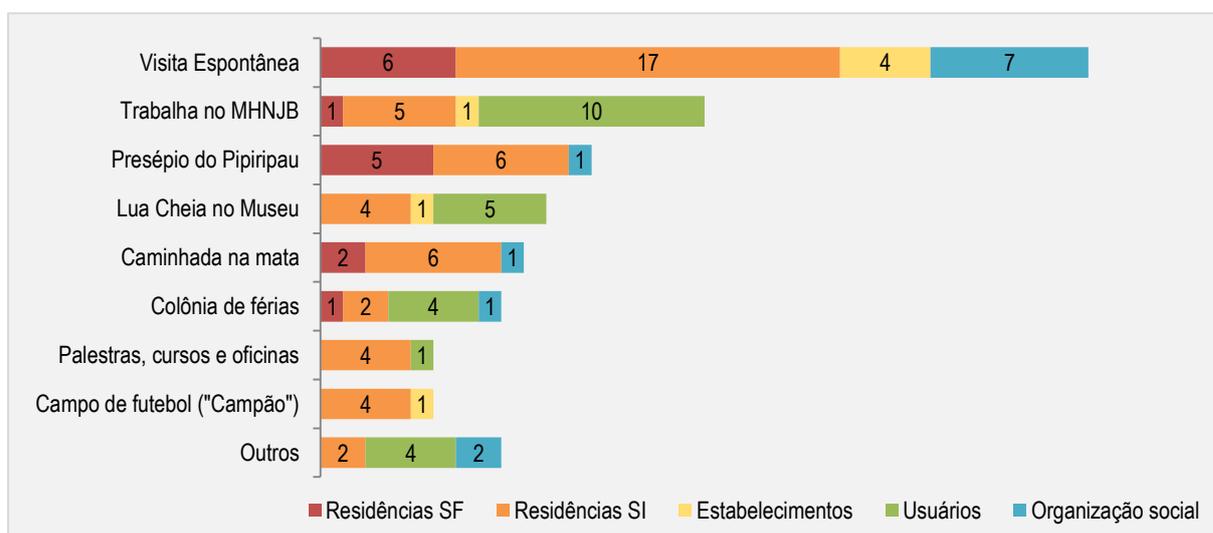
Após o levantamento dos aspectos negativos e positivos do equipamento, os participantes do estudo foram questionados quanto às atividades que participam ou já participaram no Museu (como pode ser observado no Gráfico 19). Do total de 78 entrevistados apenas 15 nunca participaram de nenhum tipo de atividade no museu. As pessoas que responderam a questão de forma positiva, 63 entrevistados, foram questionados a respeito de quais atividades já participaram. Foram citados 15 tipos de atividades diferentes, e como os entrevistados poderiam falar mais de uma atividade em que participam, houveram 108 menções nessa questão.

A grande maioria dos entrevistados já visitou ou faz visitas espontâneas no espaço (com 34 menções, sendo a maioria proveniente do grupo de Residências do bairro Santa Inês – 17 entrevistados). A segunda atividade com maior número de menções foram a de pessoas que já

trabalharam ou que trabalham atualmente no Museu (um entrevistado do Sagrada Família, cinco pessoas do Santa Inês, uma pessoa de estabelecimentos e os 10 usuários do Museu). O Presépio do Pípiripau (com 12 menções) foi bastante mencionado durante a pesquisa, principalmente nas questões em que foram questionados sobre o conhecimento do Museu.

As outras atividades que também obtiveram um número significativo de menções estão relacionadas com alguns eventos pontuais que acontecem no Museu, como o Lua Cheia no Museu, a Colônia de Férias, palestras, cursos e eventos diversos que acontecem no espaço, e entre outras atividades.

Gráfico 19: Atividades realizadas no Museu



Fonte: Dados da pesquisa

Em seguida os entrevistados deveriam responder se já vivenciaram algum tipo de conflito com o espaço (algum problema específico com o Museu, alguma situação complicada), ou se já presenciaram outra pessoa com algum tipo de conflito com o mesmo. Dentre os 78 entrevistados apenas 21 alegaram algum tipo de conflito com o espaço (26,9%), enquanto que 57 (73,1%) afirmaram que nunca presenciaram ou tiveram algum tipo de conflito com o equipamento. As respostas quanto às afirmações positivas quanto aos conflitos variaram entre 11 menções distintas (como pode ser observado na Tabela 13), e pelo fato dos entrevistados citarem mais de um tipo de conflito, ao todo foram contabilizadas 24 citações.

O principal conflito observado nas respostas está relacionado com os funcionários da administração do Museu e algumas lideranças do entorno (com cinco menções apresentadas, sendo que a maioria foi mencionado pelas Residências do Santa Inês, localizados na Vila Vilma e na Rua Sete). Os principais itens de discussão estão relacionados com a falta de

manutenção da área do entorno do Museu, o risco de queda de árvores, problemas com animais que invadem as residências, moradores que invadem o Museu, e entre outros problemas que serão apresentados no tópico de discussão deste trabalho de conclusão.

Outro problema recorrente está relacionado ao pagamento da entrada (com três menções) que recentemente está sendo cobrado dos moradores do entorno. O restante dos conflitos possui uma ou duas menções, mostrando que o espaço tem um bom relacionamento (no sentido de não gerar problemas) com o pessoal do entorno; mas que existem alguns pontos que merecem uma atenção especial, principalmente para o Museu refletir, quanto aos aspectos que dizem respeito ao contato com as comunidades que moram ao lado do Museu.

Tabela 13: Conflitos em geral com o espaço do Museu

Conflitos relacionados ao MHNJB	RSF	RSI	ESTB	USU	OS	Total
Brigas com o pessoal da administração do Museu	0	4	0	1	0	5
Pagamento da entrada ao Museu	1	1	0	0	1	3
Conflitos entre os profissionais do MHNJB	0	0	0	2	0	2
Diferenças de ideologias	0	0	0	2	0	2
Discussões sobre horários, regras	0	0	0	2	0	2
Há 45 anos ocorreu um incêndio grave, além das invasões	1	1	0	0	0	2
Os bichos invadem as casas e roubam frutas, etc.	1	0	1	0	0	2
Proibição do “Campão”	0	2	0	0	0	2
Falta de providência quanto à queda de árvores na vizinhança	0	1	0	0	1	2
A administração não é flexível quanto a novas ideias	0	0	0	1	0	1
Matou um quati quando o mesmo invadiu sua casa e mordeu um familiar	0	1	0	0	0	1
Total	3	10	1	8	2	24

Fonte: Dados da pesquisa

Por conseguinte, os pesquisados foram indagados se a vizinhança gerava algum tipo de problema para o MHNJB e/ou se o Museu gera algum tipo de problema recorrente para a vizinhança. Do total de 78 entrevistados a maioria, 41 (ou 52,6%) acredita que existem problemas recorrentes entre a vizinhança e o Museu, e 37 (ou 47,4%) acredita que não existem problemas entre os dois. Foram citados 11 tipos de problemas diferentes, como pode ser visualizado no Gráfico 20, e como os entrevistados também poderiam citar mais de um, ao todo foram citados 64 problemas.

A maioria dos entrevistados acredita que a vizinhança descarta lixo de forma irregular nas dependências do Museu, ou no seu entorno, com 22 menções, ou que colocam fogo

constantemente em suas redondezas, prejudicando a qualidade do ar e afetando a biodiversidade do Museu (10 menções), ou apontaram que muitos usuários de drogas frequentam o Museu (nove menções), principalmente por existir um buraco no muro (seis menções). As outras variáveis englobam problemas como bichos exóticos no Museu (animais domésticos), a falta de interação entre a administração do mesmo com os moradores da região, e o risco de queda de árvores que já foi comentado anteriormente na pesquisa de percepção.

A maior parte dos problemas apontados foi originada das residências do bairro Santa Inês (com 27 menções), seguidos pelos usuários do MHNJB que também apontaram vários problemas entre Museu e vizinhança (14 menções ao todo), as organizações sociais também mencionaram 12 problemas, e o grupo do Sagrada Família mencionou 11 problemas que possam existir. Apenas o grupo de estabelecimentos não acredita que existam problemas entre o MHNJB e a comunidade do entorno.

Gráfico 20: Problemas gerados pela vizinhança que afetam o Museu ou vice e versa



Fonte: Dados da pesquisa

Abaixo foram selecionados trechos da administração do MHNJB e de lideranças da comunidade do entorno da AI apontando alguns aspectos que foram demonstrados no Gráfico 20.

“Existe mais da vizinhança em relação ao Museu, porque [...] aí tem vários. Primeiro tem a questão da invasão da área, então tem esse pessoal da Vila Vilma, vez ou outra tem algum indigente que dorme lá em cima perto do alto da mata, a gente tem que ir lá, recolher o material deles, eles fazem fogueira; cachorros entram no museu, porque as nossas cercas estão muito frágeis, então os cachorros entram e caçam animais aqui; lixo não é, que a vizinhança joga aqui dentro do Museu, é mais isso” (Administração do Museu).

“Na ótica da administração, a questão da entrada dos cachorros é um problemão que a comunidade traz para cá, talvez sem perceber que o que falta talvez é uma outra forma de diálogo para tentar resolver. Mas não, a solução é sempre cercar mais, isolar mais” (Administração do Museu).

“Não, o museu não gera problema para a vizinhança não. As vezes algum vizinho ali do fundo costumava querer entrar lá sem autorização, as vezes pra determinados usuários de drogas, mas quando eles começam a usar nós tomamos medidas imediatas...inclusive fica mais satisfatório para os vizinhos” (Setor Público).

Na sequência, os entrevistados foram indagados se tinham alguma sugestão de atividades que o Museu poderia oferecer no espaço. A pergunta foi respondida de forma positiva por 49 entrevistados (62,8%), e apenas 29 pessoas (37,2%) não sugeriram nenhum tipo de atividade. O Gráfico 21 ilustra as principais menções de atividades e suas respectivas frequências. Observa-se que muitas delas não são sugestões de atividades em si, mas o aprimoramento das que já existem, ou então a sua divulgação.

A maior parte das sugestões (13) aponta que o Museu deveria oferecer palestras com a temática de educação ambiental (sendo a maior parte sugerida pelas residências do entorno, com oito menções). Em seguida, com 12 menções, foi sugerido que o Museu deveria divulgar as atividades que já acontecem no espaço (com seis menções do Sagrada Família, três do Santa Inês e três de organizações sociais). E a terceira maior sugestão foi em relação a gratuidade da entrada para o pessoal do entorno (com uma distribuição variada entre os grupos de estudo).

Gráfico 21: Sugestão de atividades



Fonte: Dados da pesquisa

O campo “outros” engloba sugestões que obtiveram uma ou duas menções, mas que também foram importantes e por esta razão estão apresentadas na tabela a seguir (Tabela 14):

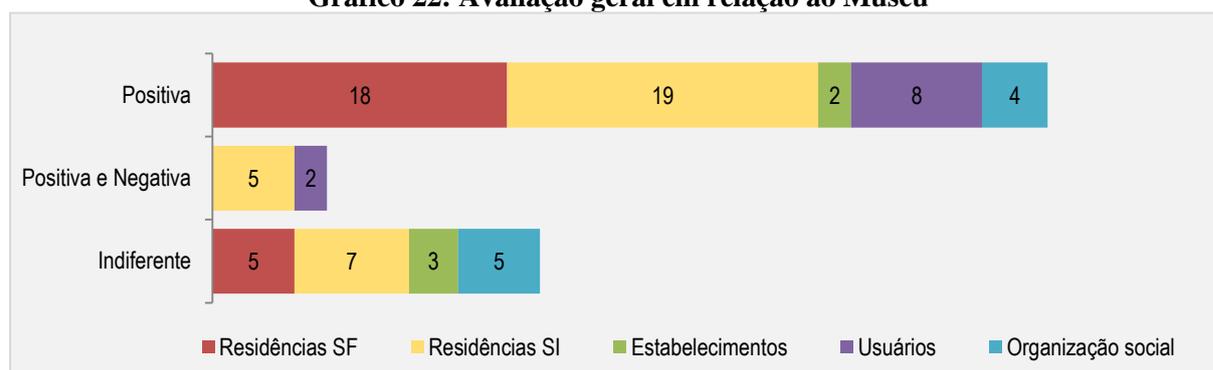
Tabela 14: Outras sugestões de atividades

Sugestões de atividades - Outros	RSF	RSI	ESTB	USU	OS	Total
O pessoal do entorno poderia ser convidado a fazer plantio de flores na entrada do Museu	0	0	1	1	0	2
Oferecer outras exposições para o público	1	1	0	0	0	2
A colônia de férias deveria voltar a ser gratuita para as crianças sem condições no entorno do Museu	0	1	0	0	0	1
Criar um espaço para ciclovias dentro do Museu	1	0	0	0	0	1
Curso de brigadistas para prevenir possíveis problemas relacionados ao fogo	0	1	0	0	0	1
Eventos de divulgação científica e culturais	0	0	0	1	0	1
O observatório poderia voltar	0	0	0	1	0	1
Usar atividades mais interativas no EICV que exigem menos manutenção	0	0	0	1	0	1
Voltar a trabalhar nos eventos do Museu	0	1	0	0	0	1
Total	3	4	1	4	0	12

Fonte: Dados da pesquisa

O Gráfico 22 apresenta os dados que são referentes à avaliação geral dos entrevistados sobre o MHNJB. É nítido que a grande maioria, 51 entrevistados ou 65,4%, avaliaram o espaço como positivo. Os grupos de residências e de usuários predominaram nessa avaliação (18, 19 e oito avaliações positivas respectivamente). Sete pessoas avaliaram o Museu como positivo e negativo, principalmente entrevistados do Santa Inês, com cinco avaliações (9,0%). E apesar de não avaliarem o Museu de forma negativa, 20 entrevistados (25,6%) avaliaram o espaço como “indiferente”, com uma distribuição semelhante entre os grupos da pesquisa, chamando a atenção para aspectos já discutidos aqui que influenciam nessa avaliação (falta de divulgação, pouco relacionamento com o pessoal do entorno, entre outros fatores).

Gráfico 22: Avaliação geral em relação ao Museu



Fonte: Dados da pesquisa

Por fim, os entrevistados foram indagados quanto a dúvidas, comentários e sugestões referentes ao Museu que gostariam de registrar no estudo de percepção. Do total de entrevistados houveram 12 comentários distintos, e 38 menções de opiniões dentre esses comentários, como pode ser observado na Tabela 15. A maior parte dos entrevistados acredita

que o grande problema do Museu seria a falta de divulgação das suas atividades, com 24 menções, a cobrança da entrada dos moradores do entorno, com 11 menções, e a necessidade de integração com a comunidade do entorno, com nove menções.

A outras menções são sugestões de melhorias, cursos, e entre outros, que são importantes para que o Museu melhore seu relacionamento com os moradores do entorno.

Tabela 15: Dúvidas e comentários dos participantes

Dúvida/ informação/ comentário	Total
Sugestões ou comentários relacionados ao Museu	
O Museu deveria divulgar as atividades que ele oferece	24
Tornar a entrada gratuita para o entorno	11
Integração com a comunidade, não marginalizá-la	9
Melhorar a parte de manutenção do Museu, incluindo a conservação das áreas verdes e a segurança pessoal	5
O espaço do Museu é muito importante e bonito, deve ser conservado	5
O povo do entorno sempre ajudou a preservar o Museu, povo protegeu a mata	1
Sugestões de cursos ou melhorias para o Museu	
Oferecer cursos para a comunidade do entorno do Museu sobre meio ambiente	5
Colocar mais iluminação na entrada no Museu, pois é perigoso a noite	1
Melhorar a cerca, e os buracos no muro perto da Rua Gustavo da Silveira	2
Oferecer providências com relação à quedas de árvores	2
Melhorar o policiamento da área	2
O Museu poderia fazer alguma coisa com relação ao córrego ao lado onde são despejados lixos, esgoto, etc.	1
Total	68

Fonte: Dados da pesquisa

Essa parte do trabalho expôs os relatos e a percepção dos moradores da área de influência em relação ao MHNJB, sendo de extrema importância para entender os principais problemas apontados durante a pesquisa. São resultados que poderão contribuir para futuras ações do Museu com o pessoal do entorno, favorecendo os dois lados interessados.

A seguir serão apresentados alguns aspectos específicos referentes às organizações sociais, e suas respectivas atividades, a fim de compreender sua atuação na região.

4.4 Organizações Sociais e Instituições presentes na região

A escolha quanto às organizações e instituições que foram entrevistadas se deu através da tentativa de agendamento com as mesmas. De acordo com os contatos realizados durante o

semestre, das 12 organizações presentes na área de influência traçada no estudo, nove (ou 75%) foram entrevistadas e demonstraram sua opinião em relação ao MHNJB e a dinâmica de serviços do bairro.

Além disso, também foi questionado aos entrevistados se sabiam informar algum tipo de liderança no bairro ou associação comunitária que seria relevante para o estudo em questão. No total de 78 entrevistas menos da metade dos entrevistados (32) respondeu ou indicou ao menos uma referência ou contato na região que consideravam como importante dentro do contexto da pesquisa. As referências mais citadas na pesquisa quantitativa foram as Associações de Moradores dos bairros Santa Inês e Sagrada Família, com sete e nove menções respectivamente, a Pastoral da Igreja de Santa Edith Stein, mencionada por três entrevistados, e um dos coordenadores da botânica do MHNJB, também mencionado por três pessoas, além de outras menções que foram citadas uma ou duas vezes pelos entrevistados.

Com relação à participação nas organizações sociais atuantes e presentes no bairro apenas 11 moradores do total de 54 afirmaram que participam ativamente de algum tipo de organização existente na região, seja alguma instituição religiosa, associação comunitária, ou afins.

Foram entrevistadas organizações sociais que são atuantes nas temáticas relacionadas a assistência social, serviços educacionais e culturais, a atividades religiosas, uma associação de bairro, e uma organização do setor de segurança pública. O quadro a seguir (Quadro 1) ilustra quais instituições foram entrevistadas, quais são as principais atividades desenvolvidas, e o tempo de existência das mesmas na região.

Quadro 1: Organizações sociais entrevistadas

Instituições/organizações	Atividades realizadas	Tempo de existência
SERPRO	Desenvolvimento de sites para o governo, como a base de dados do imposto de renda, DENATRAN, etc.	50 anos
Escola Estadual Técnico Industrial Professor Fontes	Cursos técnicos, eventos, feiras de projetos, além de outras atividades de ensino e pesquisa.	49 anos
SENAI	Ensino Técnico, curso de aprendizagem, capacitação.	47 anos
Escola Estadual Instituto Agrônômico	Ensino fundamental, projeto de tempo integral com auxílio do Plug Minas, atividades escolares em geral.	31 anos
Centro de Reeducação Social São Jerônimo	Detenção feminina de 12 a 21 anos. Atividades e cursos para as detentas (as atividades são obrigatórias) voltadas para desenvolvimento social.	17 anos
Plug Minas	Núcleo da juventude, psicologia, aula de culinária, aula de artes, economia, TI, entre outras atividades culturais.	15 anos
Igreja Pentecostal Assembleia de Deus	Cultos, apresentações, culto de jovens, atividades religiosas em geral.	13 anos
23º Batalhão da PM	Policimento ostensivo em geral, registros de ocorrências.	12 anos
Associação dos Moradores de São Francisco de Assis	Reuniões, EJA, cursos, além de participação em reuniões importantes da PBH.	Menos de 1 ano

Fonte: Dados da pesquisa

É possível perceber que as organizações sociais na vizinhança já existem há algum tempo (com pelos menos uma década de existência), com exceção da Associação de Moradores do bairro Santa Inês, que está instalada no bairro há quase um. As atividades realizadas por essas instituições possuem grande influência na região do estudo, mas também a grande maioria é influente em outras regiões de Belo Horizonte, e em outros estados do nosso país, como é o caso da SERPRO.

5 DISCUSSÕES E RESULTADOS DO ESTUDO DE PERCEPÇÃO

Finalizando essa parte dos aspectos quantitativos, (além de caracterizar as organizações sociais), será apresentado neste capítulo os aspectos relacionados às entrevistas com a Administração do Museu e seus respectivos resultados correlacionados à metodologia quantitativa dos outros grupos do estudo (residências, estabelecimentos, usuários e organizações).

5.1 Entrevista qualitativa com a Administração do Museu

Após a análise dos dados das entrevistas quantitativas e qualitativas (organizações), surgiu a necessidade de acrescentar mais entrevistas ao Estudo de Percepção Ambiental, enfatizando alguns resultados que foram recorrentes nas outras entrevistas.

O questionário se baseou em questões que levantaram algum tipo de dúvida, como foi o caso do surgimento do Museu, algumas questões polêmicas, como a cobrança da entrada do pessoal da Vila Vilma, o buraco na Rua Gustavo da Silveira, gerando alguns transtornos para o espaço e para os moradores, entre outras questões, sendo aplicado com quatro funcionários do museu (sendo três funcionários e um representante da vice direção).

A finalidade deste capítulo gira entorno dos relatos das entrevistas, comparando com as outras já analisadas, mostrando um pouco como é o relacionamento entre a área verde e a comunidade do entorno.

A primeira questão que gerou questionamentos durante o Estudo de Percepção, que está vinculada aos outros questionários, diz respeito a origem do Museu. Muitos moradores e representantes das instituições não sabiam como o Museu tinha surgido, ou então faziam uma associação com a vinda do Presépio do Pípiripau para explicar o surgimento do espaço.

De acordo com relatos dos representantes do MHNJB, também já citados nos tópicos acima, a história está muito associada à criação do bairro. Era um local onde o estilo de ocupação se deu com a vinda dos operários (sendo a grande maioria trabalhadora da linha férrea), que foram ocupando a região, principalmente pelo valor dos imóveis que era um dos mais baixos em BH; além da proximidade dos empregos. Abaixo o Engenheiro Florestal deu uma perspectiva do surgimento do Museu que relata um pouco dessa história da região, mas enfatizando principalmente as questões mais específicas do surgimento do museu:

“Bom, até onde eu sei, isso aqui já foi um Instituto de Pesquisa, um Instituto Agrônômico, não é? Ele originalmente tinha uma parte da mata que era até destinada a produzir madeira para a estrada de ferro, a lenha era para os moradores aqui, que eram funcionários da estrada de ferro. Isso bem antes de isso ser Museu. E depois do Instituto Agrônômico passo... o Instituto Agrônômico era do Estado e ele repassou parte da área do Museu pra União, que foi pra UFMG. Uma outra parte do Museu, cerca de 15 hectares, se não me engano, pertenciam à Prefeitura Municipal. Com um movimento de querer fazer a urbanização dentro da área do Museu a Prefeitura cedeu essa parte que era dela, que é a parte toda que faz frente com a José Cândido, cedeu pra União para que fosse destinado ao Jardim Botânico, para proteção. Então, começou meio que uma briga assim, para realmente tentar tornar essa área aqui uma área de proteção. Foi aí que ela veio a se tornar o Museu. Primeiro ela se tornou o Museu de História Natural, que era coordenado pelo pessoal do ICB da UFMG. Tinham salas de aula aqui, os professores vinham dar aulas. E mais tarde ele veio a se tornar, também, um Jardim Botânico. Não sei exatamente quando. Oficialmente o Jardim Botânico foi reconhecido depois que a Flavinha começou a trabalhar aqui. Foi logo que eu entrei eu entrei em 2008 e isso deve ter sido em 2010 se não me engano (que foi reconhecido como Jardim Botânico sabe), até então ele tinha o nome Jardim Botânico, tinha o status mas não tinha o diploma” (Administração MHNJB).

No que diz respeito às questões vinculadas aos espaços de uso coletivo, quase todos os funcionários (bolsistas de extensão, coordenadores, e funcionários afins) alegaram que o Museu seria um espaço para a comunidade do entorno, para fins de lazer e recreação, principalmente pelo grande número de crianças na área de influência. Porém, de acordo com os resultados preliminares do Estudo, um deles acredita que a situação entre o espaço e seu entorno está um pouco distante, principalmente pelo comportamento da administração com essas pessoas (fato que foi bastante comentado pelos moradores do Vila Vilma). Na pesquisa quantitativa o MHNJB foi citado por cinco entrevistados, o que pode ser um indicativo de que a maior parte das pessoas da AI não pensa no Museu como um espaço de uso coletivo (até o ano passado a entrada da população do entorno era gratuita, no que se refere aos moradores do bairro Santa Inês), apesar de realmente ser cobrada uma taxa de entrada, excluindo o espaço da definição de comunitário ou coletivo.

Abaixo são apresentadas algumas falas sobre essa questão do distanciamento das pessoas com o museu, principalmente, do ponto de vista deste trabalho, oriundo da falta de atrativos que poderiam influenciar um elo afetivo entre o espaço e a comunidade.

“Não acho que o Museu seja um espaço de uso do pessoal do entorno, porque a gente já tentou chama-los pra participar de alguns eventos, por exemplo, e ficou marcado assim por um desinteresse. Eu sei que eles têm uma forma de livre acesso aqui dentro que é extraoficial, principalmente para quem mora ali em cima na Rua 7/Vila Vilma, o pessoal entra aqui quando quer, mas eu não acho que exista essa [...] igual antigamente eles vinham, jogavam bola lá naquele campinho lá em cima... Eu acho que os últimos vínculos que o pessoal tinha com o museu foi se acabando. Porque para função do Museu propriamente falando, de exposição, assim, uma área de

conhecimento, pra eles, eles não veem essa função” (Administração MHNJB).

“Aqui. Eventualmente, um ou outro que eu já conversei assim, eles falam que de vez em quando, eles vêm aqui pra fazer caminhada, aqui no interior do Museu, mas só nesse sentido” (Administração MHNJB).

Alguns dados que foram analisados também se referem a problemas que a vizinhança traz para o museu, do ponto de vista da administração e de alguns entrevistados do entorno. E quando foi perguntado a vice-direção sobre o espaço coletivo que o pessoal do entorno utiliza para lazer, além da segunda citação acima, também é importante ressaltar a fala abaixo referente ao uso “indevido” que os moradores do entorno fazem do museu:

“Olha na comunidade do entorno eu não sei, eu sei que tem lá perto da vila tem uma parte que é uma invasão não é, o pessoal entra, mas eu não sei que sentido você esta querendo dar, o pessoal da Vila Vilma a gente sabe que algumas crianças usam o espaço (do Museu) pra brincar de maneira irregular não é, a Armanda tem um cadastro desses moradores que a princípio, não precisariam pagar a entrada no museu. O uso de maneira informal do Museu que eu tenho conhecimento é ali na Vila” (Administração MHNJB).

Às vezes, como foi comentado acima, o fato de ocorrer atualmente um “isolamento” do Museu, no que diz respeito aos aspectos que as pessoas veem como empecilhos para o uso do espaço (onde foram citados como exemplos a cobrança da taxa de entrada na portaria, a proibição do “Campão”, e entre outras questões que correspondem a relação dessas pessoas com o Museu), são questões que também interferem na forma como essas pessoas se relacionam e percebem o museu. Essa análise foi feita nos aspectos teóricos, enfatizando a importância de um bom relacionamento entre as pessoas do entorno com uma área verde e as consequências positivas dessa integração (FIORI, 2002).

Bom, continuando as questões do questionário, outra pergunta interessante de analisar diz respeito aos pontos de referências da vizinhança (respondida pelas 82 pessoas). O museu foi citado por 44 pessoas, porém não foi citado diretamente como um ponto de referência da região. O Presépio do Pipiripau foi destacado principalmente pela administração do Museu, pois todos tem ciência de que a grande maioria não conhece a atual estrutura do espaço, sendo a última visita realizada há muitos anos atrás.

“O Museu do Horto seria sim um ponto de referência, o pessoal fala, mas às vezes sem nem saber o nome oficial, ‘Museu do Horto’, ‘Instituto Agrônômico’ e ‘Pipiripau’ principalmente, nem sabe que é um Museu e acha estranho quando fala” (Administração do MHNJB).

“Estação do metrô Santa Inês, em frente a nossa portaria dois. O Museu, eles não costumam chamar aqui de Museu, eles chamam de "Pipiripau", ‘ah lá no

Pipiripau', aí eu sei o que é, principalmente o pessoal mais antigo, aí eles fazem referência ao presépio" (Administração do MHNJB).

Talvez, pode-se pensar que esse desconhecimento do espaço seja algo proposital, o que contribuiria de certa forma para a ideia de "isolamento" comentada nos parágrafos anteriores. A fala a seguir ilustra um pouco do pensamento da direção do Museu com relação a falta de divulgação do local para o público em geral:

"Eu vou te falar que estrategicamente falando, no momento, não é interessante pra gente resolver esse problema, apesar de a gente ter ciência que é um problema, por causa dessa limitação da infraestrutura" (Administração do MHNJB).

Quando perguntados sobre os aspectos positivos e negativos do MHNJB a maior parte das pontuações se basearam em aspectos negativos, apesar de que no geral ele foi avaliado muito bem em todas as categorias de entrevistas na pesquisa de percepção.

Em relação aos aspectos positivos os resultados foram similares à pesquisa quantitativa. Todos os quatro entrevistados do MHNJB colocaram a área verde do museu, a importância do Presépio do Pipiripau para a história da região, e entre outros fatores, como os principais pontos fortes do Museu, como pode ser observado pelos trechos abaixo:

"O Museu é um centro de lazer, de cultura, proporciona bem estar devido à essa vegetação que a gente tem aqui, esse contato com a natureza" (Administração do MHNJB).

"A mata, principalmente. Eu acho que o ponto dele assim, mais forte (porque não é só um Museu) é essa parte da mata. O presépio eu acho que é valor cultural muito forte que atrai muita gente até hoje pra você ver que quando reinaugurou em abril, o número de visitantes aumentou muito. Como no início o atendimento dos monitores não tinha formação, eu fiz muitas vezes atendimento no presépio e recebíamos pessoas de outras regiões do país, mas também de fora (exterior)" (Administração do MHNJB).

Já os aspectos negativos as principais considerações também foram um pouco parecidas com os resultados do quantitativo. Principalmente no que diz respeito à acessibilidade, divulgação do espaço, falta de relacionamento com a comunidade do entorno, e entre outros fatores. Além desses problemas, a administração também frisou aspectos como: falta de recursos para manutenção (sendo interessante a busca por parcerias, como é o caso dos museus do CCBB – Circuito Cultural do Banco do Brasil), falta de placas indicativas principalmente nas trilhas, os eventos são pouco atrativos para a comunidade do entorno, e entre outros pontos que serão ilustrados nas falas a seguir:

“Nós temos muita dificuldade de acessibilidade, muita, da rua até aqui e aqui dentro também [...] o Museu não é acessível definitivamente. Nós temos dificuldades financeiras que dificulta muito a gestão, a melhoria das coisas aqui, tudo demora muito pra acontecer não é às vezes tem projeto e não tem dinheiro, às vezes tem dinheiro e não tem projeto, aí as coisas ficam agarradas. A UFMG não está repassando nada (em relação a verbas), porque nem ela está recebendo. Em relação à nossa divulgação ela é deficiente, isso é um ponto negativo porque apesar de a gente ter um metrô na porta, se você fizer uma pesquisa de não público você vai ver que as pessoas não conhecem, elas não vêm não porque é difícil de chegar, e sim porque não conhecem. Se muito da população do entorno não frequenta, você imagina quem não está no entorno? Mas isso eu acho que tem a ver também com o nível cultural da população não é? Porque as pessoas não têm interesse, não tem curiosidade, vê aquela mata ali e não sabe o que tem ali [...] sabe como é?” (Administração do MHNJB).

“Eu acho que nós não conseguimos atrair [...], eu acho que nós temos uma dificuldade de atrair o público, talvez promover eventos, ter uma maior visibilidade ser um espaço mais atraente para população no geral, talvez faltasse assim, um cuidado maior assim com espaços que estão precisando de manutenção e tal, falta de condições para cuidar dos espaços e fazer manutenções” (Administração do MHNJB).

“Dentro do Museu, falta de acessibilidade. Ah, como eu falaria, infraestrutura interna de atendimento ao público ainda é precária. O que tem causado alguns problemas aqui pra gente é o sistema de cobrança de entrada. Pelo fato de a gente não ter porteiro ou cobrador específico pra isso, isso tem gerado alguns conflitos, muitos, muitos conflitos, assim internos não é, mas tem gerado problemas pra gente” (Administração do MHNJB).

A primeira constatação a ser feita em relação aos aspectos negativos, apesar de não ter aparecido com grande frequência entre as respostas quantitativas é bastante significativa e relevante para a visibilidade do espaço, seria a questão da falta de acessibilidade dentro do Museu. Esse tipo de problema é bastante complicado de ser resolvido, pois depende muito de verbas, ou auxílios de empresas privadas, para realizar obras de acessibilidade no Museu. De acordo com a diretoria já existem projetos nesse sentido, mas o que realmente dificulta a execução das obras seria a falta de recursos provenientes da UFMG. A questão da manutenção do espaço entraria nesse cenário de falta de recursos.

Além da questão da acessibilidade, outro ponto que foi consideravelmente comentado (quase que por todas as pessoas entrevistadas) foi a questão da falta de divulgação das atividades que acontecem no Museu. Como já foi um pouco discutido anteriormente, para a direção não é interessante que o espaço seja muito divulgado. Uma das principais razões que deram para esse posicionamento é referente a falta de infraestrutura do espaço, sendo impossível, de acordo com eles, receber mais pessoas do que o Museu recebe atualmente. A seguir temos algumas falas que ilustram essas ideias:

“Eu acho que a gente poderia ter uma divulgação melhor, é, eu acho que é basicamente divulgação. Mas também Ana Luiza nós temos uma limitação que é o seguinte, a nossa infraestrutura nos limita, eu posso divulgar, posso triplicar o público, o público vai chegar aqui e não vai ter banheiro pra usar, não vai ter bebedouro pra beber água, entendeu? Então a gente fica meio amarrado, assim. O Museu recebe o público que ele tem capacidade de receber, se ele dobrasse o número de bolsistas não ia resolver o nosso problema, não é bolsista não é pessoal, é mesmo a infraestrutura da Instituição realmente que é muito antiga, nunca teve reforma então não consegue absorver o público” (Administração do MHNJB).

“[...] a divulgação é para a própria Universidade, ela é pra dentro, assim, divulga no boletim, divulga [...], ela é assim, voltada pra dentro de si mesma, a comunicação é visando à comunidade acadêmica, a gente ainda não tem contato com uma mídia externa, por exemplo, num canal de TV, isso é raro acontecer” (Administração do MHNJB).

Além desses aspectos negativos foram citados a precariedade da infraestrutura interna (corroborando com uma das falas acima), a pouca atratividade, principalmente em relação a entrada do Museu (sendo um dos fatores que foi bastante comentado pelos bolsistas de extensão, e por alguns moradores mais próximos do MHNJB), o direcionamento das atividades do local para a academia (UFMG), além de outros aspectos que são mais estruturais e que precisam de ser melhorados.

A próxima questão que também foi bastante polêmica refere-se aos conflitos internos do Museu. De um modo geral o principal conflito observado está fortemente ligado com a ideologia da atual gestão. Muitos reclamaram da falta de diálogo, mudanças repentinas sem um consenso geral dos funcionários do Museu, algumas decisões são tomadas sem uma justificativa plausível, como foi o caso do lavador/guardador de carros e a proibição do uso do “Campão” (citado por alguns funcionários e exemplificado abaixo), além de outras coisas que, devido ao atual cenário político (local), não são cabíveis de serem repensadas ou reformuladas.

“Existe um problema muita grande da UFMG, há uma hierarquia muito forte, em que a pessoa que está na parte operacional não tem oportunidade de opinar no que pode ser feito, é um mero executor. Este é um problema seríssimo, mas isso é um problema da UFMG, não somente do museu. Agora, no museu em específico, um ponto que gera conflito é que antes existia outra forma de convivência. Um exemplo é que esses dias, o vigia de carros, entrou em conflito com o diretor por cobrar para olhar o carro dos visitantes. Como eu falo, a gente assim, repele o pessoal do entorno, não conseguimos atrair eles para cá, e quando eles estão muito perto a Instituição da um jeito de espantar eles. A área externa do estacionamento, conhecida como Sapucaia (onde ocorreu o evento com o vigia dos carros) acho que nem pertence ao Museu, então não cabia à diretoria intervir”(Administração do MHNJB),.

Seguindo o questionário, quando os entrevistados foram questionados sobre os problemas que a vizinhança poderia causar para o Museu, ou o Museu causar para a vizinhança, as pessoas

em geral apontaram que a vizinhança gera uma série de impactos para o Museu, mas alguns funcionários apontaram razões para esse tipo de problema, que seria a falta de relacionamento e/ou a marginalização da comunidade do entorno pela diretoria do Museu. Abaixo seguem falas que ilustram a visão negativa com relação à comunidade do entorno, e os respectivos impactos causados por ela, e uma visão onde o funcionário problematiza as consequências decorrentes desse mau relacionamento entre o MHNJB e o entorno:

“Existe mais da vizinhança em relação ao Museu, porque [...] ai tem vários. Primeiro tem a questão da invasão da área, então tem esse pessoal da Vila Vilma, vez ou outra tem algum indigente que dorme lá em cima perto do alto da mata, a gente tem que ir lá, recolher o material deles, eles fazem fogueira; cachorros entram no museu, porque as nossas cercas estão muito frágeis, então os cachorros entram e caçam animais aqui; lixo também, não é? A vizinhança joga aqui dentro do Museu, é mais isso” (Administração do MHNJB).

“Sim, invasão, tem invasão de moradores de rua, tem problemas de incêndio todos os anos, não ta aqui porque a gente trabalha preventivamente, graças a Deus ainda não pulou para cá o fogo, eu já apaguei fogo aqui dentro assim, inicio de fogo e tal, a gente trabalha preventivamente então faz acero, eu vou dentro da área da fundação João Pinheiro, que não é nem área nossa, eu faço um acero de 30 metros de largura lá, por segurança, mas todo ano invariavelmente tem pelo menos 5 incêndios aqui. Isso ai é malandro entrando, vagabundo, ‘sei lá quem’, não sei se é de propósito ou se é de maldade, e com o pessoal da vila também a gente tem conflito direto, sabe, eles jogam lixo pra dentro do Museu, invadem o Museu, soltam cachorro aqui dentro, os cachorros ficam caçando as cutias, sabe, e eles se acha assim, que são meio que donos daqui de dentro. Parece que teve uma época bem no passado assim, que não tinha nem cerca ali, então isso era como se fosse o quintal deles, só que não é mais assim não é, tem cerca, então se tem cerca tem que respeitar, mas eles não estão nem ai, eles quebram o muro, fazem buraco no muro e entram sabe, ai vira ponto de droga, de sexo de tudo que você imaginar de besteira ai, e jogam lixo ali dentro, o pessoal da Vila Vilma. Apesar de todo o trabalho que a Alessandra fez que foi um trabalho que durou três anos, ela descia, ela ia na casa de todos os moradores, todo mundo. Assim, tem uma parte ali na vila, não da pra generalizar, tem uma parte que respeita, que gosta, curte e tal, mas eu acho que talvez a maioria não esta nem ai” (Administração do MHNJB).

“Na ótica da administração, a questão da entrada dos cachorros é um problemão que a comunidade trás para cá, talvez sem perceber que o que falta talvez é uma outra forma de diálogo para tentar resolver, mas não, a solução é sempre cercar mais, isolar mais” (Administração do MHNJB).

A última questão a ser analisada na parte da percepção da Administração do MHNJB refere-se à avaliação da relação entre o Museu e a vizinhança do entorno, podendo ser avaliado entre “positiva”, “negativa”, “positiva e negativa” ou “indiferente”. Das quatro entrevistas realizadas, duas avaliaram como sendo “negativa” a relação entre os dois, e as outras duas pessoas avaliaram como “positiva e negativa”. Abaixo podem ser observadas algumas das justificativas utilizadas, a fim de contribuir com maiores esclarecimentos:

“Na verdade, é o seguinte, o museu tinha algumas iniciativas com o pessoal do entorno e da Vila Vilma, vou te falar que a gente é muito pouco dinâmico nessa parte não é, porque a gente não tem nenhuma atividade específica que envolve esse público, não temos não. Já existiu alguns projetos com essa comunidade da Vila Vilma, antes da Alessandra inclusive, já tiveram algumas iniciativas só que elas não foram continuadas não é, e aí um trabalho de educação ambiental não pode parar, então a gente anda um passo, volta dois, anda um passo volta dois, atualmente não tem nada, então é nesse sentido. Então em relação à avaliação das relações de vizinhança eu considero negativa em alguns pontos (como nesses que acabei de citar) e avaliação positiva [...] é tão difícil de avaliar porque a gente realmente não tem relação com essa comunidade, é mais negativa e indiferente” (Administração do MHNJB).

“Acho negativa, pois a forma de abordagem é muito cômoda assim, ela foi feita, outros entrevistados já devem ter falado, já foram feitas diversas tentativas de tentar se aproximar deles e eles não se interessam. É lógico que eles não vão se interessar quando você chega pra eles com uma proposta de ‘vem aqui que eu tenho um monte de coisa pra te ensinar’, o cara chega cansado, ele não quer vir aqui ter aula de respiração das células, ele não está com paciência pra isso, então eu acho abordagem extremamente mal feita, novamente, a gente não consegue gerar um atrativo pra comunidade principalmente do entorno, e é muito cômodo porque você tenta do seu jeito, não é, **você leva toda sua carga de conhecimento, aquela visão bem ‘antígona’ ‘vou salvar você da ignorância’ e aí a pessoa ‘não não quero’ aí você fica assim ‘tá vendo ó, vai continuar na ignorância’**, é muito fácil essa posição, é bem passiva, e é o que o Museu se limitou a fazer. Esse dia o Fernando teve a ideia de fazer uma horta comunitária pra chamar o pessoal ali de cima pra vir [...] ‘ah, não tenta isso não, já tentamos conversar com eles, ele não querem não” (Administração do MHNJB).

Segundo os relatos, a melhor conclusão que pode ser tomada seria que a vizinhança como um todo não participa das atividades do Museu, ou não tem conhecimento sobre o que é realizado no espaço, ou desconhecem um pouco sobre a importância de se preservar a área verde, devido a falta de interação entre o Museu e essas pessoas (o que acaba gerando problemas que impactam diretamente na conservação da biodiversidade).

É necessário ressaltar que existe essa vontade de mudar os pontos negativos decorrentes desse relacionamento com o entorno, mas falta uma abordagem diferente das que já foram utilizadas até o momento.

“A gente fica com uma vontade de acreditar nisso. Talvez isso esteja sendo abordado de uma maneira diferente sabe, porque isso, faz parte, fez parte do trabalho que a Alessandra fez a uns anos atrás, mas não surtiu efeito sabe então de repente a forma como foi abordado pode não ter sido a melhor, a ideal ou a mais própria para essa situação, então eu acredito, eu quero acreditar, que muitos desses problemas tem solução” (Administração do MHNJB).

De um modo geral, foi possível perceber neste capítulo que existem muitos pontos em comum nas pesquisas qualitativas e quantitativas do Estudo de Percepção com as entrevistas realizadas no MHNJB.

A seguir será feita uma avaliação geral do Estudo de Percepção Ambiental, com os resultados mais significantes que corroboram para a hipótese do presente estudo, associando os dados encontrados com a presença do Museu na Área de Influência.

5.2 Análise geral dos resultados

O perfil dos entrevistados variou um pouco com relação ao bairro, e principalmente onde estavam localizados. O recorte mais destacado na pesquisa foi o percentual de entrevistados no bairro Santa Inês (RSI), mais especificamente a comunidade da Vila Vilma, situada em uma das laterais do muro do MHNJB (como pode ser visualizado abaixo na Figura 6).

Figura 6: Comunidade Vila Vilma e a proximidade com o muro do MHNJB



Vila Vilma
Fonte: Arquivo Pessoal



Divisa do MHNJB com a Rua Gustavo da Silveira –
Fonte: Arquivo Pessoal

Em geral essa comunidade possui fonte de renda mais baixa, de 1 a 3 salários mínimos, com um grande percentual de pessoas com apenas um salário. O nível de escolaridade também foi baixo, com a maioria dos entrevistados com o ensino fundamental incompleto ou médio incompleto.

Em relação ao bairro Santa Inês, que fica de frente para a Vila, as condições são muito parecidas, até mesmo em relação ao histórico de ocupação, e nessa área as pessoas pareciam ter um contato maior com o Museu do que os moradores do Sagrada Família (isso poderia ser explicado principalmente pelo acesso ser mais difícil para as pessoas que estão situadas no Sagrada Família, sendo necessário sair da Rua Santo Agostinho e caminhar até quase o final da Rua Gustavo da Silveira).

Em geral, apesar de terem sido expostos vários problemas, que foram encontrados durante a pesquisa, o Museu é percebido de uma forma muito positiva pela vizinhança do entorno, como pode ser analisado no Gráfico 22, principalmente pelos entrevistados do bairro Santa Inês (deixando alguns indícios de que a percepção dessas pessoas é positiva em relação ao Museu e o que também poderia impulsionar que atividades de Educação Ambiental fossem desenvolvidas com essas pessoas).

Outros pontos positivos que também foram interessantes seriam que as pessoas enxergam a importância do museu como uma área verde no meio do contexto urbano, principalmente pela falta de árvores em Belo Horizonte (de acordo com a percepção dos entrevistados), as consequências dessa área para a região (no que diz respeito a qualidade do ar, e ao clima mais fresco), além da ideia de ser uma área de lazer que está próxima de suas casas, como pode ser analisado na Tabela 11. Com esses resultados é possível inferir que os moradores reconhecem o bem-estar proporcionado pela área verde, o que poderia de certa forma afetar as ações que os mesmos direcionam ao Museu, se atividades forem desenvolvidas com essas pessoas.

Outra questão importante que deve ser mencionada, e que está relacionada com o MHNJB, seria referente aos serviços mais carentes encontrados na vizinhança (Gráfico 14). A segunda menção com maior frequência dentro do grupo de serviços mais problemáticos na região foi vinculada a falta de espaços de lazer na região (Santa Inês, Sagrada Família e Horto Florestal). Vários entrevistados fizeram queixas quanto a este assunto, e como a maioria tinha ao menos uma criança em casa, percebem que este item é bastante precário na AI.

Pensar nessa questão reflete um pouco sobre a relação do espaço com os moradores mais próximos. De acordo com relatos da Vila Vilma a maioria afirmou que as visitas eram mais frequentes, quando as pessoas não tinham que pagar para entrar no Museu. Hoje em dia as pessoas não podem utilizar o “Campão” e são inibidas, então os últimos elos entre os dois estão desaparecendo, sendo necessário trazer essas pessoas para dentro do MHNJB. Porém, quase todas as pessoas que foram entrevistadas no Museu alegaram que o pessoal não frequentava muito o espaço antigamente, sempre foram um pouco indiferentes com o Museu, e essa atitude se perpetua até os dias de hoje.

Algumas crianças que continuam indo no Museu entram escondidas, pelos buracos que podem ser observados ao longo do muro do MHNJB, mas não são absorvidas pelo espaço. Trabalhar algum tipo de atividade com essas crianças seria interessante para despertar

curiosidades sobre o local que elas utilizam, criando uma espécie de elo, vínculo, entre elas e o Museu, além de favorecer a preservação da área verde e resolver “problemas” de invasões que acontecem com frequência.

Além disso, é interessante inferir que mais da metade dos entrevistados considera o MHNJB como um marco ambiental e histórico para a região, sendo utilizado como ponto de referência por parte considerável dos moradores do bairro Santa Inês (Gráfico 17). Porém, a grande maioria dos entrevistados (Gráfico 18) desconhece a história do local, ou soube citar algum fato marcante que mudou as diretrizes do local. O que é interessante nessa questão seria que a grande maioria dos entrevistados reside na região há mais de 11 anos, sendo a maior parte delas situadas na faixa de mais de 40 anos de vínculo com a região (Gráfico 6), e boa parte dessas pessoas desconhecem sobre o surgimento do MHNJB ou algo importante que tenha relação com o mesmo.

Isso de certa forma corrobora com a visão da Administração do Museu, onde aparentemente as pessoas do entorno não estão interessadas em criar vínculos com o espaço, ou conhecer a sua história, e entre outras coisas, e que colaboram para o afastamento dos dois (principalmente pela falta de medidas para alterar esse padrão de comportamento).

Cabe aqui um trabalho conjunto, onde os dois agentes envolvidos devem ter interesse em mudar essa situação, através de uma metodologia participativa (já citada anteriormente), para diminuir ou mitigar os principais impasses desse relacionamento.

No que concerne a conflitos ou problemas enfrentados pela vizinhança ou pelo Museu (encontrados na Tabela 13 e no Gráfico 20 respectivamente), a principal consideração a ser feita está relacionada à ausência de conflitos específicos com o Museu (apenas 26,7% dos entrevistados apontou algum problema específico que já teve ou tem atualmente com o local, sendo apontados 11 conflitos diferentes). Esses números indicam que apesar do relacionamento não ser próximo, e existir uma série de reclamações entre os dois lados, é possível afirmar que o convívio entre o Museu (ressaltando a Administração e a Diretoria) e a comunidade do entorno é bastante saudável, do ponto de vista de não ocorrerem problemas contínuos entre os dois. Apesar de ter apontado como “saudável”, a questão em si não implica em ser positivo também, sendo percebida uma relação mais indiferente.

Em relação aos problemas causados pelo Museu ou pela vizinhança, a maior parte das respostas está vinculada a problemas que a vizinhança gera para o MHNJB, com um

considerável número de moradores enfatizando esses problemas. Com esse dado é necessário colocar que a própria vizinhança identifica os problemas que ela gera para o Museu, de uma forma geral, e classificaram isso como problemas recorrentes que o Museu enfrenta, e que podem ser ilustrados a partir das fotos a seguir (Figura 7):

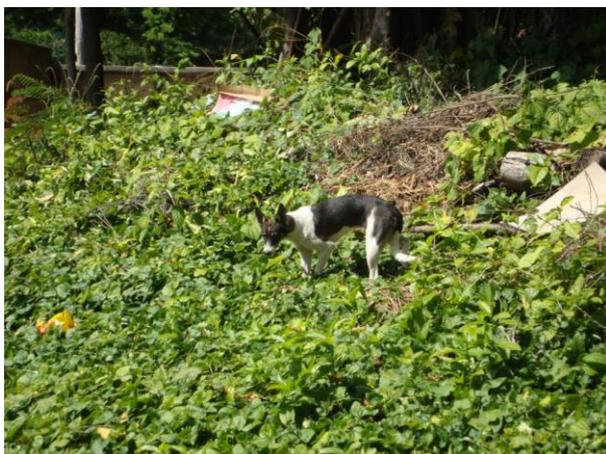
Figura 7: Principais problemas enfrentados pelo MHNJB



Queimada de Folhas no período seco
Fonte: Arquivo pessoal



Restos de Material de Construção
Fonte: Arquivo Pessoal



Invasão de animais domésticos
Fonte: Arquivo Pessoal



Buracos na Rua Gustavo da Silveira
Fonte: Arquivo Pessoal

A questão seguinte, que também obteve um resultado favorável ao relacionamento do espaço com a comunidade do entorno, é referente a sugestões de atividades (Gráfico 21). A maioria dos entrevistados, 49 pessoas, apontou algum tipo de atividade que o Museu poderia oferecer para as pessoas do entorno, e sendo a grande maioria relacionada a cursos ou atividades vinculadas a temáticas ambientais; o que mostra que a comunidade sente essa necessidade de entender melhor o espaço que está ao lado de suas casas, e que talvez percebam que é importante preservar aquele local (sendo um ponto positivo e que deve ser explorado para melhorar o relacionamento entre os moradores e o Museu).

A última questão a ser comentada, que também é importante para compreender melhor a percepção ambiental das pessoas em relação ao MHNJB refere-se à avaliação das pessoas em relação ao Museu (Gráfico 22). Como já foi comentado anteriormente, predominantemente o Museu é reconhecido como um espaço “positivo” (49 entrevistados ou 62,8% do total de 78 entrevistados). Esse número também é um reflexo de que a população em geral vê o espaço de forma positiva, percebe a importância que ele tem como área verde, espaço de lazer, agrega valores culturais para a região, e entre outras menções, que demonstram a importância do espaço e a necessidade do mesmo em ser preservado.

Após a realização do Estudo de Percepção Ambiental uma das principais considerações que podem ser feitas diz respeito aos problemas que a comunidade traz pro Museu, e em relação ao Museu seriam os problemas internos que afetam também essa comunidade do entorno (principalmente com a atual administração política do MHNJB).

Um trabalho de Educação Ambiental seria interessante como uma tentativa de criar um elo afetivo, mais próximo, entre os moradores e o Museu, favorecendo principalmente o espaço. Poderia interferir positivamente no mesmo, e também na comunidade, oferecendo uma área de lazer (que foi constatado como um serviço carente na região), com suas singularidades, tornando o espaço um dos locais mais prazerosos e propícios à visitação.

A qualidade de vida e o bem-estar proporcionados pelo MHNJB são fatores positivos que devem ser explorados para futuros trabalhos com esse intuito de aproximação.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho de uma forma geral consistiu em um Estudo de percepção ambiental onde o principal objetivo foi a análise das percepções dos moradores do entorno em relação ao Museu de História Natural e Jardim Botânico da UFMG, a fim de comprovar a hipótese que devido a falta de relacionamento existem uma série de impactos negativos que recaem sobre o Museu.

As metodologias utilizadas, qualitativas e quantitativas, auxiliaram muito no aprofundamento das principais questões mencionadas como hipóteses desse estudo, sendo de extrema importância esse diálogo com a comunidade do entorno para compreender algumas falhas de comunicação existentes entre o Museu e os entrevistados.

Além disso, foi possível entender questões relacionadas à dinâmica da região como um todo, e as principais potencialidades do local. Foi comprovado, de certa forma, que existe uma falha de comunicação, divulgação, e outras questões, para que o Museu se torne um espaço utilizado pelos moradores do entorno (apesar de que a maioria das avaliações serem positivas de uma maneira geral), além de faltar algum tipo de atrativo para que a comunidade desperte o interesse em formar um elo afetivo com o Museu (fato importante como foi visto nos aspectos teóricos do texto de Yi-Fu Tuan, 1980).

De acordo com alguns aspectos levantados pela Administração do Museu, um dos principais responsáveis por alguns problemas que o espaço vem sofrendo desde os primórdios de sua existência são provenientes dos moradores do entorno, em especial os que residem na Vila Vilma. Por outro lado, a comunidade também apontou diversos fatores negativos em relação ao Museu e principalmente a Administração que é responsável pela comunicação entre o espaço e a comunidade.

Alguns problemas citados em todos os recortes dessa pesquisa, como descarte de lixo de forma irregular, entrada dos cães da vizinhança na área verde (acarretando em mortes de animais que compõem a biodiversidade do Museu), invasões, e entre outras coisas, podem ser oriundos dessa falta de comunicação entre o espaço e os moradores do entorno. Essa falta é percebida tanto de um lado, no que diz respeito a “falta de interesse” ou cuidado dos moradores com o Museu, como também é percebido pelo outro, onde o Museu está em uma posição confortável, onde não há nenhum tipo de alteração para atrair esse público, mas com

o desejo que esse relacionamento entre os dois seja melhorado (principalmente para potencializar a conservação da biodiversidade do MHNJB). A fala abaixo demonstra essa vontade com relação a um futuro público que o Museu se prepararia para receber:

“Conversando aqui hoje com você, eu acho que seria importante termos uma atuação mais direcionada para esse público do entorno, temos que oferecer essas atividades mesmo que a gente não tenha assim, uma adesão grande, acho que temos que ter esse tipo de relacionamento, ter uma listagem sabe, saber quem são essas pessoas, contatos não é, porque eu acho que eles poderiam ser parceiros da gente para cuidar dessa área” (Administração do MHNJB).

Como foi visto nos aspectos teóricos, a conservação de uma área verde em um contexto urbano depende diretamente de um bom relacionamento com as comunidades mais próximas. Ao criar um elo afetivo, desenvolvendo um sentimento de pertencimento com aquele espaço, os impactos gerados pelas pessoas do entorno são consideravelmente enfraquecidos.

Pensando nesse problema em específico e na resposta acima de um dos funcionários, seria interessante criar algum tipo de programa ou projeto de Educação Ambiental junto com a comunidade do entorno (seja através da Pesquisa-Ação¹⁴ ou algum outro tipo de metodologia participativa que desperte uma afeição entre o espaço e a comunidade). Seria uma ação que contribuiria para a resolução de uma das carências do bairro, que seria uma área de lazer, propiciando a oportunidade que pesquisadores da UFMG venham ao local para trabalhar com essas pessoas.

Os comentários e resultados dessa pesquisa são informações que poderiam subsidiar futuros trabalhos incentivando a aproximação dos moradores do entorno com o Museu, a fim de melhorar os problemas relacionados ao entorno do muro do equipamento, e a dificuldade de acesso que alguns dos entrevistados possuem, principalmente depois que a taxa passou a ser cobrada dos mesmos (ou pela proibição de atividades específicas).

É importante um bom relacionamento para uma efetiva conservação da biodiversidade do Museu para criar futuros aliados quanto a possíveis problemas que o espaço possa ter (depredação das áreas do entorno, queima de folhas, lixos descartados de forma irregular, invasão de animais domésticos no espaço, e etc.).

¹⁴ “Quando houver realmente uma ação por parte das pessoas implicadas no processo investigativo, visto partir de um projeto de ação social ou da solução de problemas coletivos e estar centrada no agir participativo e na ideologia de ação coletiva” (BALDISSERA, 2001, p.06).

O elo afetivo seria a chave para esse relacionamento, sendo fundamental primeiro conhecer o público com que será trabalhada a Educação Ambiental, para que depois seja feita alguma medida:

Conhecer a história cultural e a experiência de um grupo em seu ambiente físico fornece perspectivas complementares sobre a percepção e formação de atitude ambiental. [...] Nem sempre, na história da humanidade, a natureza foi percebida como algo contemplativo, belo, agradável. A forma de tratar a natureza transformada e integrada a malha urbana de hoje, reflete a visão de mundo de uma população construída através dos tempos. (GEERTZ, *apud*, COSTA; COLESANTI, 2011).

Falta um olhar, sentir e ouvir mais apurados para a compreensão do que seria o MHNJB. Apesar de ter trabalhado durante quase dois anos, e ter vivenciado essa oportunidade de trabalhar com as pessoas mais próximas do Museu, a experiência do Trabalho de Conclusão só fez com que as curiosidades sobre o local fossem mais aguçadas, despertando o interesse em melhorar os meus “sentidos” em relação ao Museu, e despertar o mesmo com as pessoas do seu entorno.

Realizar uma pesquisa durante o Mestrado seria interessante para dar continuidade para o presente trabalho, que seria o marco inicial de um longo caminho, e para despertar essa afeição entre as pessoas que moram no entorno e o MHNJB.

BIBLIOGRAFIA

ABRAS, Maria Eugênia Oliveira. **Memória do Museu de História Natural e Jardim Botânico da UFMG**. Publicação de circulação interna. Belo Horizonte: MHNJB, 2000.

ARREGUY, Cintia Aparecida Chagas; RIBEIRO, Raphael Rajão. **Histórias de bairros [de] Belo Horizonte**: Regional Leste. Belo Horizonte: Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte, 2008.

BALDISSERA, A. (2001) - Pesquisa-ação: uma metodologia do conhecer e do agir coletivo. *Sociedade em Debate* (ISSN: 2317- 0204), 7(2):5–25, Pelotas, RS, Brasil. Disponível on-line em <<http://revistas.ucpel.tche.br/index.php/rsd/article/view/570/510>>. Acesso em: 22 Nov. 2017.

BELO HORIZONTE. Lei nº 7.165 de 27 de agosto de 1996. Institui o Plano diretor do Município de Belo Horizonte. Disponível em <http://bh5.pbh.gov.br/legislacao.nsf/42d34f6e3014477e0325679f0041f8fa/cd8446d8f87886040325679a0057652c?OpenDocument>. Acesso em: 17/11/2017.

CÂMARA DOS DEPUTADOS. Estatuto da Cidade: guia para implementação pelos municípios e cidadãos. Brasília: Instituto Polis; Caixa Econômica Federal, 2001.

CHAMIÉ, P. M. B. Contexto Histórico, sob o Enfoque Urbanístico, da Formulação e Legalização do Estudo de Impacto de Vizinhança. São Paulo, 2010. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Escola de Engenharia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

CERATI, Tania Maria; LAZARINI, Rosmari Aparecida de Moraes. A pesquisa-ação em educação ambiental: uma experiência no entorno de uma unidade de conservação urbana. *Ciênc. educ. (Bauru)*, Bauru , v. 15, n. 2, p. 383-392, 2009 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S151673132009000200009&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 28 Nov. 2017.

COSTA, Renata Geniany Silva; COLESANTI, Marlene Munro. A CONTRIBUIÇÃO DA PERCEPÇÃO AMBIENTAL NOS ESTUDOS DAS ÁREAS VERDES. *Raega - O Espaço Geográfico em Análise*, [S.l.], v. 22, jun. 2011. ISSN 2177-2738. Disponível em: <<http://revistas.ufpr.br/raega/article/view/21774>>. Acesso em: 22 nov. 2017.

FELIX, Demian Ferreira. Composição florística do Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, p. 06-99, 2009.

Fiori, A. 2002. Ambiente e educação: abordagens metodológicas da percepção ambiental voltadas a uma unidade de conservação. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de São Carlos, Brasil, 110pp.

LUCINDO, Nilzilene Imaculada. Conhecendo o público do MHNJB: perfil e percepções. *Projeto de Pesquisa/Extensão* (2017).

MACEDO, R. L. G. Percepção e conscientização ambiental. Lavras, MG: Editora UFLA/FAEPE, 2000. 132p.

MELLAZO, G. C. A percepção ambiental e educação ambiental: uma reflexão sobre as relações interpessoais e ambientais no espaço urbano. *Olhares & Trilhas*, Uberlândia, ano VI, n. 6, p. 45- 51, 2005.

MUSEU DE HISTÓRIA NATURAL E JARDIM BOTÂNICO DA UFMG. **Histórico**. Disponível em: < <https://www.ufmg.br/mhnjb/museu/historico/historia-do-mhnjb/>>. Acesso em: 20 Nov. 2017.

PAULA, Gabriela Lima de. **Percepção Ambiental do Instituto Metodista Izabela Hendrix - Campus Rua da Bahia**. 2008. 50 f. Dissertação (Graduação) - Curso de Ciências Sociais, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

PRATA, Guilherme Henrique Vasconcelos. *A evolução dos conceitos que regem os jardins botânicos e a sua relação com a criação do Museu de História Natural e Jardim Botânico da UFMG*. 2015. 89 f. Tese (Graduação) – Curso de Geografia, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015.

REMPEL, C.; MULLER, C. C.; CLEBSCH, C. C.; DALLAROSA, J.; RODRIGUES, M. S.; CORONAS, M. V.; RODRIGUES, G. G.; GUERRA, T.; HARTZ, S. M. Percepção Ambiental da Comunidade Escolar Municipal sobre a Floresta Nacional de Canela, RS. *Revista Brasileira de Biociências*, Porto Alegre, v. 6, n. 2, p. 141-147, 2008

ROCCO, Rogério. *Estudo de impacto de vizinhança: instrumentos de garantia do direito às cidades sustentáveis*. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2006.

TUAN, Yi-Fu. *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. Rio de Janeiro: Editora Difel, 1980.

APÊNDICE I

MAPA COM A DISTRIBUIÇÃO DAS ENTREVISTAS

LOCALIZAÇÃO DAS ENTREVISTAS



Legenda

- MHNJB
- Área de Influência
- Divisão Administrativa de bairros
- Entrevistas - Residências
- Entrevistas - Estabelecimentos
- Entrevistas - Usuários
- Entrevistas - Organizações Sociais



100 0 100 200 300 400 m



Elaboração: Ana Luiza de Paula Santos
 Fonte: Gestão Compartilhada (PBH), 2017,
 Google Earth, 2017.
 Sistema de Coordenadas Geográficas WGS84.

APÊNDICE II

QUESTIONÁRIOS - QUANTITATIVOS

ESTUDO DE PERCEPÇÃO AMBIENTAL – MUSEU DE HISTÓRIA NATURAL E JARDIM BOTÂNICO DA UFMG

1. a) Nome do entrevistado: _____ b) Tipo de vínculo:

Código 1.b) 1 - Proprietário 2 - Funcionário 3 - Gerente 4 - Outro (anotar qual) _____

2. Endereço: a) Rua: _____ b) N.º: _____ c) Comp. _____ d) Bairro: _____

e) Telefone: _____ f) E-mail: (importante) _____

3. Caracterização do ENTREVISTADO:

a) Gênero	b) Idade	c) Escolaridade	d) Profissão ou cargo (anotar qual)	e) Situação Ocupacional	f) Setor de atividade	g) Renda

QUESTÃO 3 – CÓDIGOS:	3.a. Gênero:	1 - Masculino	2 - Feminino
3. c. Escolaridade:			
0 - Nunca estudou/analfabeto/só assina	11 - 1º grau incompleto	21 - 2º grau incompleto	31 - 3º grau incompleto
	12 - 1º grau completo	22 - 2º grau completo	32 - 3º grau completo
3. e. Situação Ocupacional:			
1 - Proprietário de estabelecimento	3 - Funcionário público	6 - Diarista ou eventual (sem patrão)	9 - Dona de casa
2 - Profissional liberal/ Autônomo	4 - Empregado com carteira assinada	7 - Desempregado	10 - Estudante
	5 - Empregado sem carteira assinada	8 - Aposentado ou pensionista	11 - Estagiário / bolsista 12 - Outro: (Anotar qual)
3. f. Setor de atividade:			
1 - Comércio e atividades auxiliares	3 - Indústria de transformação	6 - Transporte	9 - Outro: (Anotar qual)
2 - Prestação de serviços	4 - Indústria da construção civil	7 - Defesa nacional e segurança	Aposentado, estudante, dona de casa: 99 - não se aplica
	5 - Produção extrativa mineral	8 - Agropecuária	
3. g. Faixa de renda: (Em Salário Mínimo)	0 - Sem renda	1 - Até 1	2 - Mais de 1 a 3
			3 - Mais de 3 a 5
			4 - Mais de 5 a 10
			5 - Mais de 10

4. a) Tipo de imóvel: 1 - Horizontal 2 - Vertical 4. b) Uso do imóvel: 1 - Misto - residência/comércio/serviço 2 - Exclusivamente comercial/serviços 4. c) Condição de ocupação: 1 - Próprio 2 - Alugado 3 - Cedido 4 - Outro: _____ 5. a) Há quanto tempo o estabelecimento existe no bairro? (menos 1 ano = 0) 6. a) Número de pessoas que trabalham no estabelecimento: 5. b) Há quanto tempo você trabalha neste bairro? (menos 1 ano = 0) 6. b) Tipo de estabelecimento (anotar) _____

CARACTERIZAÇÃO DO BAIRRO

7. Atualmente qual a sua avaliação geral em relação ao bairro? 1 - Ótimo 2 - Bom 3 - Razoável 4 - Ruim 5 - Péssimo

8. Como avalia os temas a seguir no seu bairro? Códigos 0 - Inexistente 1 - Ótimo 2 - Bom 3 - Regular 4 - Ruim 5 - Péssimo

1) Fornecimento de água	<input type="checkbox"/>	9) Disponibilidade de comércio/ serviços	<input type="checkbox"/>	17) Circulação viária - trânsito	<input type="checkbox"/>
2) Rede de esgoto	<input type="checkbox"/>	10) Segurança pública	<input type="checkbox"/>	18) Espaços/ vagas estacionamento	<input type="checkbox"/>
3) Coleta de lixo	<input type="checkbox"/>	11) Valorização dos imóveis	<input type="checkbox"/>	19) Sinalização (pedestres, veículos, ônibus, etc)	<input type="checkbox"/>
4) Drenagem de água pluvial (chuva)	<input type="checkbox"/>	12) Relações de vizinhança	<input type="checkbox"/>	20) Circulação pedestres (acessos, faixas, etc.)	<input type="checkbox"/>
5) Serviço público de educação	<input type="checkbox"/>	13) Poluição do ar	<input type="checkbox"/>	21) Qualidade de calçadas	<input type="checkbox"/>
6) Serviço público de saúde	<input type="checkbox"/>	14) Poluição sonora (ruído)	<input type="checkbox"/>	22) Cicloviárias	<input type="checkbox"/>
7) Espaços públicos de lazer	<input type="checkbox"/>	15) Transporte público	<input type="checkbox"/>	23) Arborização das vias	<input type="checkbox"/>
8) Áreas verdes	<input type="checkbox"/>	16) Pontos de ônibus	<input type="checkbox"/>	24) Mobiliário urbano (lixeira, banco, etc.)	<input type="checkbox"/>

9. De **TODOS os temas** avaliados, quais são os três mais carentes para o bairro? (Anotar o número) 1º 2º 3º 10. a) Existe no bairro/região algum espaço de uso coletivo e/ou equipamentos urbanos e comunitários? 1. Sim 2. Não 10. b) Se sim, quais? (Anotar o nome completo do equipamento) _____ 11. a) Tem observado transformações no bairro/região nos últimos 3 anos? 1. Sim 2. Não 11. b) Se sim, quais são as 3 principais transformações? _____

12. a) Existe no bairro/região um marco / ponto de referência? (*histórico-culturais, paisagísticos, ambientais, outros*) 1. Sim 2. Não

12. b) Se sim, qual (is)? _____

PERCEPÇÃO SOBRE O MUSEU

13. a) Conhece o Museu de História Natural e Jardim Botânico da UFMG, localizado na R. Gustavo da Silveira, 1035 – Santa Inês? 1. Sim 2. Não

13. b) Você sabe informar como que surgiu o Museu, ou algum fato histórico relacionado ao mesmo? 1. Sim 2. Não

13. c) Se sim, como surgiu? _____

14. b) Poderia descrever alguns aspectos positivos e ou negativos do Museu: 1. Sim 2. Não

13. c.1) Aspectos Positivos	13. c.2) Aspectos Negativos

15. a) Participa ou participou de algum evento ou atividade realizada no Museu? 1. Sim 2. Não

15. b) Se sim, quais? _____

16. Você já teve ou presenciou algum tipo de conflito com o espaço? 1. Sim 2. Não

16. b) Se sim, quais? _____

17. a). Você acredita que exista algum problema gerado pela vizinhança que afete o MHNJB ou vice-versa? 1. Sim 2. Não

17. b). Se Sim, quais? _____

18. Qual sua avaliação geral em relação ao museu? 1. Positiva 2. Negativa 3. Positiva e negativa 4. Indiferente

19. a). Possui interesse em participar de alguma atividade específica, ou dar sugestão de alguma atividade? 1. Sim 2. Não

19. b). Se sim, em quais sugestões? _____

20. a) Existe alguma organização social ou liderança no bairro que considera interessante conversar? 1. Sim 2. Não

20. b) Se existe, quais são elas? (*anotar telefones, endereço, observações*) _____

21. a) Existe alguma INFORMAÇÃO, DÚVIDA sobre a pesquisa que gostaria de saber, ou fazer algum COMENTÁRIO adicional? 1. Sim 2. Não

21. b) Se sim, quais são? _____

22. Observações do entrevistador (se houver) _____

23. Pesquisador: _____

24. Data: _____

25. Horário: _____

ESTUDO DE PERCEPÇÃO AMBIENTAL – MUSEU DE HISTÓRIA NATURAL E JARDIM BOTÂNICO DA UFMG

1. a) Nome do entrevistado: _____ b) Tipo de vínculo:

Código 1.b) 1 - Proprietário 2 - Funcionário 3 - Gerente 4 - Outro (anotar qual) _____

2. Endereço: a) Rua: _____ b) N.º: _____ c) Comp. _____ d) Bairro: _____

e) Telefone: _____ f) E-mail: (importante) _____

3. Caracterização do ENTREVISTADO:

a) Gênero	b) Idade	c) Escolaridade	d) Profissão ou cargo (anotar qual)	e) Situação Ocupacional	f) Setor de atividade	g) Renda

QUESTÃO 3 – CÓDIGOS:	3.a. Gênero:	1 - Masculino	2 - Feminino
3. c. Escolaridade:			
0 - Nunca estudou/analfabeto/só assina	11 - 1º grau incompleto	21 - 2º grau incompleto	31 - 3º grau incompleto
	12 - 1º grau completo	22 - 2º grau completo	32 - 3º grau completo
3. e. Situação Ocupacional:			
1 - Proprietário de estabelecimento	3 - Funcionário público	6 - Diarista ou eventual (sem patrão)	9 - Dona de casa
2 - Profissional liberal/ Autônomo	4 - Empregado com carteira assinada	7 - Desempregado	10 - Estudante
	5 - Empregado sem carteira assinada	8 - Aposentado ou pensionista	11 - Estagiário / bolsista 12 - Outro: (Anotar qual)
3. f. Setor de atividade:			
1 - Comércio e atividades auxiliares	3 - Indústria de transformação	6 - Transporte	9 - Outro: (Anotar qual)
2 - Prestação de serviços	4 - Indústria da construção civil	7 - Defesa nacional e segurança	Aposentado, estudante, dona de casa: 99 - não se aplica
	5 - Produção extrativa mineral	8 - Agropecuária	
3. g. Faixa de renda: (Em Salário Mínimo)	0 - Sem renda	1 - Até 1	2 - Mais de 1 a 3
			3 - Mais de 3 a 5
			4 - Mais de 5 a 10
			5 - Mais de 10

4. a) Tipo de imóvel: 1 - Horizontal 2 - Vertical 4. b) Uso do imóvel: 1 - Misto - residência/comércio/serviço 2 - Exclusivamente comercial/serviços

4. c) Condição de ocupação: 1 - Próprio 2 - Alugado 3 - Cedido 4 - Outro: _____

5. a) Há quanto tempo o estabelecimento existe no bairro? (menos 1 ano = 0) 6. a) Número de pessoas que trabalham no estabelecimento:

5. b) Há quanto tempo você trabalha neste bairro? (menos 1 ano = 0) 6. b) Tipo de estabelecimento (anotar) _____

CARACTERIZAÇÃO DO BAIRRO

7. Atualmente qual a sua avaliação geral em relação ao bairro? 1 - Ótimo 2 - Bom 3 - Razoável 4 - Ruim 5 - Péssimo

8. Como avalia os temas a seguir no seu bairro? **Códigos** 0 - Inexistente 1 - Ótimo 2 - Bom 3 - Regular 4 - Ruim 5 - Péssimo

1) Fornecimento de água	<input type="checkbox"/>	9) Disponibilidade de comércio/ serviços	<input type="checkbox"/>	17) Circulação viária - trânsito	<input type="checkbox"/>
2) Rede de esgoto	<input type="checkbox"/>	10) Segurança pública	<input type="checkbox"/>	18) Espaços/ vagas estacionamento	<input type="checkbox"/>
3) Coleta de lixo	<input type="checkbox"/>	11) Valorização dos imóveis	<input type="checkbox"/>	19) Sinalização (pedestres, veículos, ônibus, etc)	<input type="checkbox"/>
4) Drenagem de água pluvial (chuva)	<input type="checkbox"/>	12) Relações de vizinhança	<input type="checkbox"/>	20) Circulação pedestres (acessos, faixas, etc.)	<input type="checkbox"/>
5) Serviço público de educação	<input type="checkbox"/>	13) Poluição do ar	<input type="checkbox"/>	21) Qualidade de calçadas	<input type="checkbox"/>
6) Serviço público de saúde	<input type="checkbox"/>	14) Poluição sonora (ruído)	<input type="checkbox"/>	22) Cicloviárias	<input type="checkbox"/>
7) Espaços públicos de lazer	<input type="checkbox"/>	15) Transporte público	<input type="checkbox"/>	23) Arborização das vias	<input type="checkbox"/>
8) Áreas verdes	<input type="checkbox"/>	16) Pontos de ônibus	<input type="checkbox"/>	24) Mobiliário urbano (lixeira, banco, etc.)	<input type="checkbox"/>

9. De **TODOS os temas** avaliados, quais são os três mais carentes para o bairro? (Anotar o número) 1º 2º 3º

10. a) Existe no bairro/região algum espaço de uso coletivo e/ou equipamentos urbanos e comunitários? 1. Sim 2. Não

10. b) Se sim, quais? (Anotar o nome completo do equipamento) _____

11. a) Tem observado transformações no bairro/região nos últimos 3 anos? 1. Sim 2. Não

11. b) Se sim, quais são as 3 principais transformações? _____

12. a) Existe no bairro/região um marco / ponto de referência? (*histórico-culturais, paisagísticos, ambientais, outros*) 1. Sim 2. Não

12. b) Se sim, qual (is)? _____

PERCEPÇÃO SOBRE O MUSEU

13. a) Conhece o Museu de História Natural e Jardim Botânico da UFMG, localizado na R. Gustavo da Silveira, 1035 – Santa Inês? 1. Sim 2. Não

13. b) Você sabe informar como que surgiu o Museu, ou algum fato histórico relacionado ao mesmo? 1. Sim 2. Não

13. c) Se sim, como surgiu? _____

14. b) Poderia descrever alguns aspectos positivos e ou negativos do Museu: 1. Sim 2. Não

13. c.1) Aspectos Positivos	13. c.2) Aspectos Negativos

15. a) Participa ou participou de algum evento ou atividade realizada no Museu? 1. Sim 2. Não

15. b) Se sim, quais? _____

16. Você já teve ou presenciou algum tipo de conflito com o espaço? 1. Sim 2. Não

16. b) Se sim, quais? _____

17. a). Você acredita que exista algum problema gerado pela vizinhança que afete o MHNJB ou vice-versa? 1. Sim 2. Não

17. b). Se Sim, quais? _____

18. Qual sua avaliação geral em relação ao museu? 1. Positiva 2. Negativa 3. Positiva e negativa 4. Indiferente

19. a). Possui interesse em participar de alguma atividade específica, ou dar sugestão de alguma atividade? 1. Sim 2. Não

19. b). Se sim, em quais sugestões? _____

20. a) Existe alguma organização social ou liderança no bairro que considera interessante conversar? 1. Sim 2. Não

20. b) Se existe, quais são elas? (*anotar telefones, endereço, observações*) _____

21. a) Existe alguma INFORMAÇÃO, DÚVIDA sobre a pesquisa que gostaria de saber, ou fazer algum COMENTÁRIO adicional? 1. Sim 2. Não

21. b) Se sim, quais são? _____

22. Observações do entrevistador (se houver) _____

23. Pesquisador: _____

24. Data: _____

25. Horário: _____



ESTUDO DE PERCEPÇÃO AMBIENTAL – MUSEU DE HISTÓRIA NATURAL E JARDIM BOTÂNICO DA UFMG

1. a) Nome do entrevistado: _____ b) Vínculo com o Museu:

Código 1.b) 1 – Funcionário 2 - Diretor 3 – Vice-Diretor
 4 – Coordenador 5 - Bolsista de Extensão 6 – Visitante (público espontâneo) 7 - Outro (anotar qual) _____

2. Endereço de residência: a) Rua: _____ b) N.º: _____ c) Comp. _____ d) Bairro: _____

e) Telefone: _____ f) E-mail: (**importante**) _____

3. Caracterização do ENTREVISTADO:

a) Gênero	b) Idade	c) Escolaridade	d) Profissão ou cargo (anotar qual)	e) Situação Ocupacional	f) Setor de atividade	g) Renda
QUESTÃO 3 – CÓDIGOS:		3.a. Gênero:		1 - Masculino		2 - Feminino
3. c Escolaridade:		11 - 1º grau incompleto		21 - 2º grau incompleto		31 - 3º grau incompleto
0 - Nunca estudou/analfabeto/só assina		12 - 1º grau completo		22 - 2º grau completo		32 - 3º grau completo
3. e. Situação Ocupacional:		3 – Funcionário público		6 – Diarista ou eventual (sem patrão)		9 - Dona de casa
1 – Proprietário de estabelecimento		4 – Empregado com carteira assinada		7 – Desempregado		10 - Estudante
2 – Profissional liberal/ Autônomo		5 – Empregado sem carteira assinada		8 – Aposentado ou pensionista		11 -Estagiário / bolsista 12 - Outro: (Anotar qual)
3. f. Setor de atividade:		3 - Indústria de transformação		6 – Transporte		9 – Outro: (Anotar qual)
1 – Comércio e atividades auxiliares		4 - Indústria da construção civil		7 – Defesa nacional e segurança		Aposentado, estudante, dona de casa: 99 - não se aplica
2 – Prestação de serviços		5 - Produção extrativa mineral		8 - Agropecuária		
3. g. Faixa de renda: (Em Salário Mínimo)		0 - Sem renda		1 - Até 1	2- Mais de 1 a 3	3 - Mais de 3 a 5 4 - Mais de 5 a 10 5 - Mais de 10

4. Quais outros equipamentos/ espaço você frequenta na vizinhança (pode ser mais de uma): _____

5. a) Há quanto tempo frequenta/ trabalha no equipamento? (menos de 1 ano = 0) 6. a) Reside no entorno, na vizinhança do museu?

5. b) Com que frequência vem à região? (anotar unidade) 6. b) Em qual bairro?

SE NÃO RESIDIR NO ENTORNO DA MUSEU, PULAR PARA A QUESTÃO 10.

CARACTERIZAÇÃO DO BAIRRO

7. Atualmente qual a sua avaliação geral em relação ao bairro? 1 – Ótimo 2 – Bom 3 – Razoável 4 – Ruim 5 – Péssimo

8. Como avalia os temas a seguir no seu bairro? **Códigos** 0 - Inexistente 1 - Ótimo 2 - Bom 3 - Regular 4 - Ruim 5 - Péssimo

1) Fornecimento de água	<input type="checkbox"/>	9) Disponibilidade de comércio/ serviços	<input type="checkbox"/>	17) Circulação viária – trânsito	<input type="checkbox"/>
2) Rede de esgoto	<input type="checkbox"/>	10) Segurança pública	<input type="checkbox"/>	18) Espaços/ vagas estacionamento	<input type="checkbox"/>
3) Coleta de lixo	<input type="checkbox"/>	11) Valorização dos imóveis	<input type="checkbox"/>	19) Sinalização (pedestres, veículos, ônibus, etc)	<input type="checkbox"/>
4) Drenagem de água pluvial (chuva)	<input type="checkbox"/>	12) Relações de vizinhança	<input type="checkbox"/>	20) Circulação pedestres (acessos, faixas, etc.)	<input type="checkbox"/>
5) Serviço público de educação	<input type="checkbox"/>	13) Poluição do ar	<input type="checkbox"/>	21) Qualidade de calçadas	<input type="checkbox"/>
6) Serviço público de saúde	<input type="checkbox"/>	14) Poluição sonora (ruído)	<input type="checkbox"/>	22) Cicloviás	<input type="checkbox"/>
7) Espaços públicos de lazer	<input type="checkbox"/>	15) Transporte público	<input type="checkbox"/>	23) Arborização das vias	<input type="checkbox"/>
8) Áreas verdes	<input type="checkbox"/>	16) Pontos de ônibus	<input type="checkbox"/>	24) Mobiliário urbano (lixeira, banco, etc.)	<input type="checkbox"/>

9. De **TODOS os temas** avaliados, quais são os três mais carentes para o bairro? (Anotar o número) 1º 2º 3º

10. a) Existe no bairro/região algum espaço de uso coletivo e/ou equipamentos urbanos e comunitários? 1. Sim 2. Não

10. b) Se sim, quais?(Anotar o nome completo do equipamento) _____

11. a) Tem observado transformações no bairro/região nos últimos 3 anos? 1. Sim 2. Não

11. b) Se sim, quais são as 3 principais transformações? _____

12. a) Existe no bairro/região um marco / ponto de referência? (*histórico-culturais, paisagísticos, ambientais, outros*) 1. Sim 2. Não

12. b) Se sim, qual (is)? _____

PERCEPÇÃO SOBRE O MUSEU

13. a) Conhece o Museu de História Natural e Jardim Botânico da UFMG, localizado na R. Gustavo da Silveira, 1035 – Santa Inês? 1. Sim 2. Não

13. b) Você sabe informar como que surgiu o Museu, ou algum fato histórico relacionado ao mesmo? 1. Sim 2. Não

13. c) **Se sim**, como surgiu? _____

14. b) Poderia descrever alguns aspectos positivos e ou negativos do Museu: 1. Sim 2. Não

13. c.1) Aspectos Positivos	13. c.2) Aspectos Negativos

15. a) Participa ou participou de algum evento ou atividade realizada no Museu? 1. Sim 2. Não

15. b) **Se sim**, quais? _____

16. Você já teve ou presenciou algum tipo de conflito com o espaço? 1. Sim 2. Não

16. b) **Se sim**, quais? _____

17. a). Você acredita que exista algum problema gerado pela vizinhança que afete o MHNJB ou vice-versa? 1. Sim 2. Não

17. b). **Se Sim**, quais? _____

18. Qual sua avaliação geral em relação ao museu? 1. Positiva 2. Negativa 3. Positiva e negativa 4. Indiferente

19. a). Possui interesse em participar de alguma atividade específica, ou dar sugestão de alguma atividade? 1. Sim 2. Não

19. b). Se sim, em quais sugestões? _____

20. a) Existe alguma organização social ou liderança no bairro que considera interessante conversar? 1. Sim 2. Não

20. b) **Se existe**, quais são elas? (*anotar telefones, endereço, observações*) _____

21. a) Existe alguma INFORMAÇÃO, DÚVIDA sobre a pesquisa que gostaria de saber, ou fazer algum COMENTÁRIO adicional? 1. Sim 2. Não

21. b) **Se sim**, quais são? _____



22. Observações do entrevistador (se houver) _____

23. Pesquisador: _____ 24. Data: _____ 25. Horário: _____

APÊNDICE III

QUESTIONÁRIO QUALITATIVO – ORGANIZAÇÕES SOCIAIS

ESTUDO DE PERCEÇÃO AMBIENTAL – MUSEU DE HISTÓRIA NATURAL E JARDIM BOTÂNICO DA UFMG

1. a) Nome do entrevistado: _____ 1. b) Vínculo: _____
1. c) Nome da Instituição: _____ 1. d) Tempo de vínculo: _____
2. Endereço: a) Rua: _____ b) N.º: _____ c) Comp. _____ d) Bairro: _____
- e) Telefone: _____ f) E-mail: _____

3. Caracterização do ENTREVISTADO:

a) Gênero	b) Idade	c) Escolaridade	d) Profissão ou cargo (anotar qual)	e) Situação Ocupacional	f) Setor de atividade	g) Renda

QUESTÃO 3 – CÓDIGOS:

3.a. Gênero:

1 - Masculino

2 - Feminino

3. c. Escolaridade:

0 - Nunca estudou/analfabeto/só assina

11 - 1º grau incompleto

12 - 1º grau completo

21 - 2º grau incompleto

22 - 2º grau completo

31 - 3º grau incompleto

32 - 3º grau completo

3. e. Situação Ocupacional:

1 - Proprietário de estabelecimento

2 - Profissional liberal/ Autônomo

3. f. Setor de atividade:

1 - Comércio e atividades auxiliares

2 - Prestação de serviços

3 - Funcionário público

4 - Empregado com carteira assinada

5 - Empregado sem carteira assinada

3 - Indústria de transformação

4 - Indústria da construção civil

5 - Produção extrativa mineral

6 - Diarista ou eventual (sem patrão)

7 - Desempregado

8 - Aposentado ou pensionista

6 - Transporte

7 - Defesa nacional e segurança

8 - Agropecuária

9 - Dona de casa

10 - Estudante

11 - Outro: (Anotar qual)

9 - Outro: (Anotar qual)

Aposentado, estudante, dona de casa: 99 - não se aplica

3. g. Faixa de renda: (Em Salário Mínimo)

1 - Até 1

2 - Mais de 1 a 3

3 - Mais de 3 a 5

4 - Mais de 5 a 10

5 - Mais de 10

4. a) Tipo de imóvel: 1 - Horizontal 2 - Vertical 4. b) Uso do imóvel: 1 - Misto - residência/comércio/serviço 2 - Exclusivamente comercial/serviços 4. c) Condição de ocupação: 1 - Próprio 2 - Alugado 3 - Cedido 4 - Outro: _____

5. a) Nº. de membros ou associados: _____ b) Nº membros - diretoria: _____

c) Data de Fundação (funcionamento): _____ d) Data de Fundação (registro): _____

6. a) Como surgiu a instituição? _____

6. b) Quais as atividades desenvolvidas pela instituição? _____

6. c) Qual o número de pessoas envolvidas nas atividades em geral? _____

6. d) Qual o nível de participação dos associados e regularidade das atividades? _____

6. e) A entidade/associação possui algum vínculo/parceria com outras organizações/grupos? 1. Sim 2. Não 6. f) Se sim. Qual(is)? _____

CARACTERIZAÇÃO DO BAIRRO

7. Atualmente qual a sua avaliação geral em relação ao bairro? 1 - Ótimo 2 - Bom 3 - Razoável 4 - Ruim 5 - Péssimo

8. Como avalia os temas a seguir no seu bairro? Códigos 0 - Inexistente 1 - Ótimo 2 - Bom 3 - Regular 4 - Ruim 5 - Péssimo

1) Fornecimento de água	<input type="checkbox"/>	9) Disponibilidade de comércio/ serviços	<input type="checkbox"/>	17) Circulação viária - trânsito	<input type="checkbox"/>
2) Rede de esgoto	<input type="checkbox"/>	10) Segurança pública	<input type="checkbox"/>	18) Espaços/ vagas estacionamento	<input type="checkbox"/>
3) Coleta de lixo	<input type="checkbox"/>	11) Valorização dos imóveis	<input type="checkbox"/>	19) Sinalização (pedestres, veículos, ônibus, etc)	<input type="checkbox"/>
4) Drenagem de água pluvial (chuva)	<input type="checkbox"/>	12) Relações de vizinhança	<input type="checkbox"/>	20) Circulação pedestres (acessos, faixas, etc.)	<input type="checkbox"/>
5) Serviço público de educação	<input type="checkbox"/>	13) Poluição do ar	<input type="checkbox"/>	21) Qualidade de calçadas	<input type="checkbox"/>
6) Serviço público de saúde	<input type="checkbox"/>	14) Poluição sonora (ruído)	<input type="checkbox"/>	22) Cicloviárias	<input type="checkbox"/>
7) Espaços públicos de lazer	<input type="checkbox"/>	15) Transporte público	<input type="checkbox"/>	23) Arborização das vias	<input type="checkbox"/>
8) Áreas verdes	<input type="checkbox"/>	16) Pontos de ônibus	<input type="checkbox"/>	24) Mobiliário urbano (lixeira, banco, etc.)	<input type="checkbox"/>

Adotar para todo o questionário:

98 - Não sabe / não respondeu

99 - Não se aplica

1 - Sim

2 - Não

9. De **TODOS os temas** avaliados, quais são os três mais carentes para o bairro? (Anotar o número)

1°

2°

3°

10. a) Existe no bairro/região algum espaço de uso coletivo e/ou equipamentos urbanos e comunitários?

1. Sim 2. Não

10. b) Se sim, quais? (Anotar o nome completo do equipamento)

11. a) Tem observado transformações no bairro/região nos últimos 3 anos?

1. Sim 2. Não

11. b) Se sim, quais são as 3 principais transformações?

12. a) Existe no bairro/região um marco / ponto de referência? (histórico-culturais, paisagísticos, ambientais, outros)

1. Sim 2. Não

12. b) Se sim, qual (is)?

PERCEPÇÃO SOBRE O MUSEU

13. a) Conhece o Museu de História Natural e Jardim Botânico da UFMG, localizado na R. Gustavo da Silveira, 1035 – Santa Inês?

1. Sim 2. Não

13. b) Você sabe informar como que surgiu o Museu, ou algum fato histórico relacionado ao mesmo?

1. Sim 2. Não

13. c) **Se sim**, como surgiu?

14. b) Poderia descrever alguns aspectos positivos e ou negativos do Museu:

1. Sim 2. Não

13. c.1) Aspectos Positivos	13. c.2) Aspectos Negativos

15. a) Participa ou participou de algum evento ou atividade realizada no Museu?

1. Sim 2. Não

15. b) **Se sim**, quais?

16. Você já teve ou presenciou algum tipo de conflito com o espaço?

1. Sim 2. Não

16. b) **Se sim**, quais?

17. a). Você acredita que exista algum problema gerado pela vizinhança que afete o MHNJB ou vice-versa?

1. Sim 2. Não

17. b). **Se Sim**, quais?

18. Qual sua avaliação geral em relação ao museu?

1. Positiva 2. Negativa 3. Positiva e negativa 4. Indiferente

19. a). Possui interesse em participar de alguma atividade específica, ou dar sugestão de alguma atividade?

1. Sim 2. Não

19. b). Se sim, em quais sugestões?

Adotar para todo o questionário:

98 - Não sabe / não respondeu

99 - Não se aplica

1 - Sim

2 - Não

20. a) Existe alguma organização social ou liderança no bairro que considera interessante conversar?

1. *Sim* 2. *Não*

20. b) **Se existe**, quais são elas? (*anotar telefones, endereço, observações*) _____

21. a) Existe alguma INFORMAÇÃO, DÚVIDA sobre a pesquisa que gostaria de saber, ou fazer algum COMENTÁRIO adicional?

1. *Sim* 2. *Não*

21. b) **Se sim**, quais são? _____

22. Observações do entrevistador (se houver) _____

23. Pesquisador: _____

24. Data: _____

25. Horário: _____

APÊNDICE IV

QUESTIONÁRIO QUALITATIVO – ADMINISTRAÇÃO DO MUSEU

ESTUDO DE PERCEPÇÃO AMBIENTAL – MUSEU DE HISTÓRIA NATURAL E JARDIM BOTÂNICO DA UFMG

1. a) Nome do entrevistado: _____ 1. b) Vínculo: _____
1. c) Nome da Instituição: _____ 1. d) Tempo de vínculo: _____
2. Endereço: a) Rua: _____ b) N.º: _____ c) Comp. _____ d) Bairro: _____
- e) Telefone: _____ f) E-mail: _____

3. Caracterização do ENTREVISTADO:

a) Gênero	b) Idade	c) Escolaridade	d) Profissão ou cargo (anotar qual)	e) Situação Ocupacional	f) Setor de atividade	g) Renda
QUESTÃO 3 – CÓDIGOS:		3.a. Gênero:		1 - Masculino		2 - Feminino
3. c. Escolaridade:		11 - 1º grau incompleto		21 - 2º grau incompleto		31 - 3º grau incompleto
0 - Nunca estudou/analfabeto/só assina		12 - 1º grau completo		22 - 2º grau completo		32 - 3º grau completo
3. e. Situação Ocupacional:		3 - Funcionário público		6 - Diarista ou eventual (sem patrão)		9 - Dona de casa
1 - Proprietário de estabelecimento		4 - Empregado com carteira assinada		7 - Desempregado		10 - Estudante
2 - Profissional liberal/ Autônomo		5 - Empregado sem carteira assinada		8 - Aposentado ou pensionista		11 - Outro: (Anotar qual)
3. f. Setor de atividade:		3 - Indústria de transformação		6 - Transporte		9 - Outro: (Anotar qual)
1 - Comércio e atividades auxiliares		4 - Indústria da construção civil		7 - Defesa nacional e segurança		Aposentado, estudante, dona de casa: 99 - não se aplica
2 - Prestação de serviços		5 - Produção extrativa mineral		8 - Agropecuária		
3. g. Faixa de renda: (Em Salário Mínimo)		1 - Até 1		2 - Mais de 1 a 3		3 - Mais de 3 a 5
				4 - Mais de 5 a 10		5 - Mais de 10

4. a) Nº. de membros ou associados: _____ b) Nº membros - diretoria: _____
- c) Data de Fundação (funcionamento): _____ d) Data de Fundação (registro): _____
5. a) Quais as atividades desenvolvidas pela instituição? _____

5. b) Qual o número de pessoas envolvidas nas atividades em geral? _____
5. c) Qual o nível de participação dos associados regularidade das atividades? _____

6. a) A entidade/associação possui algum vínculo/parceria com outras organizações/grupos? **1. Sim** **2. Não**

6. b) Se sim. Qual(is)? _____

CARACTERIZAÇÃO DO BAIRRO

7. a) Existe no bairro/região algum espaço de uso coletivo e/ou equipamentos urbanos e comunitários? **1. Sim** **2. Não**

7. b) Se sim, quais?(Anotar o nome completo do equipamento) _____

8. a) Tem observado transformações no bairro/região nos últimos 3 anos que afetem o museu? **1. Sim** **2. Não**

8. b) Se sim, quais são as 3 principais transformações? _____

9. a) Existe no bairro/região um marco / ponto de referência? (histórico-culturais, paisagísticos, ambientais, outros) **1. Sim** **2. Não**

9. b) Se sim, qual (is)? _____

PERCEPÇÃO SOBRE O MUSEU

10. a) Você sabe dizer como surgiu o Museu, ou algum fato histórico relacionado ao mesmo? **1. Sim** **2. Não**

10. b) **Se sim**, como surgiu?

11. Poderia descrever aspectos positivos e negativos sobre o museu?

Códigos: 13. b) Avalia: 1) Positiva 2) Negativa

11. a) Aspectos - anotar qual	11.b) Avalia	11. c) Medidas para potencializar benefícios e/ou compensar e mitigar os malefícios

12. Você já teve ou presenciou algum tipo de conflito com o espaço?

1. Sim 2. Não

12. b) **Se sim**, quais?

13. a). Você acredita que exista algum problema gerado pela vizinhança que afete o MHNJB ou vice-versa?

1. Sim 2. Não

13. b). **Se Sim**, quais?

14. a) Qual sua avaliação em relação ao posicionamento do museu com a comunidade do entorno?

1. Positiva 2. Negativa 3. Positiva e negativa 4. Indiferente

14. b). Você acredita que existam pontos dentro desse relacionamento que poderiam ser melhorados?

1. Sim 2. Não

14. c). O que poderia melhorar?

15. a) Existem atividades específicas em que participa no Museu (coordenação, auxílio no desenvolvimento de atividades, etc.)?

1. Sim 2. Não

15. b) **Se sim**, quais?

16. a). Possui sugestão de alguma atividade ou exposição que gostaria que o museu fornecesse para o público espontâneo ou escolar?

1. Sim 2. Não

16. b). Se sim, quais sugestões?

17. Qual sua avaliação geral em relação ao museu?

1. Positiva 2. Negativa 3. Positiva e negativa 4. Indiferente

18. a) Existe alguma INFORMAÇÃO, DÚVIDA sobre a pesquisa que gostaria de saber, ou fazer algum COMENTÁRIO adicional?

1. Sim 2. Não

18. b) **Se sim**, quais são?

19. Observações do entrevistador (se houver)

20. Pesquisador:

21. Data:

22. Horário:
